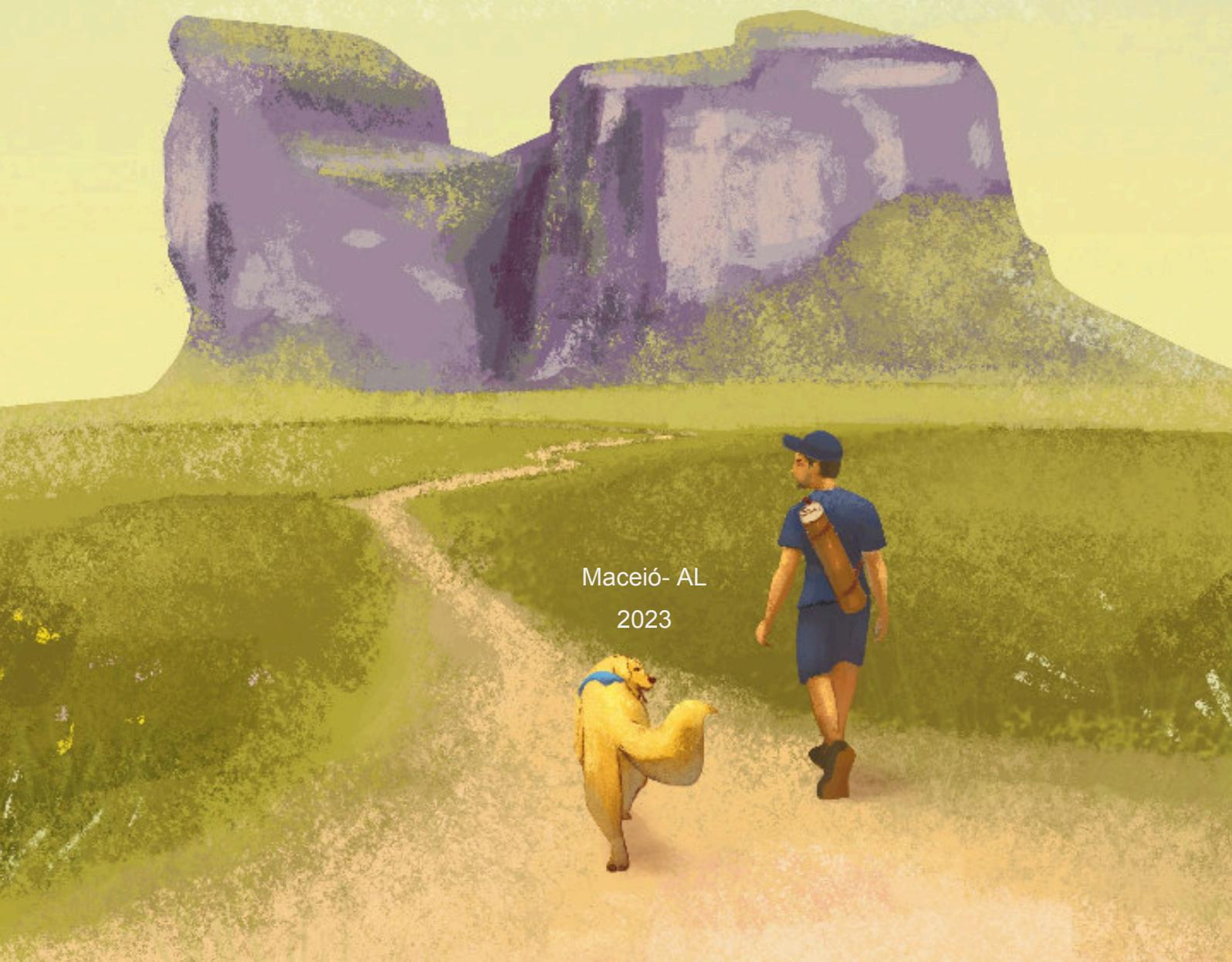


UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - FAU
CURSO: ARQUITETURA E URBANISMO

CLIVSON RUAN MACEDO DE SOUZA

COM AS MÃOS NO BARRO:
VALORIZANDO E COMPARTILHANDO AS TÉCNICAS CONSTRUTIVAS
TRADICIONAIS DA CHAPADA DIAMANTINA-BA.

Maceió- AL
2023



CLIVSON RUAN MACEDO DE SOUZA

COM AS MÃOS NO BARRO:

VALORIZANDO E COMPARTILHANDO AS TÉCNICAS CONSTRUTIVAS
TRADICIONAIS DA CHAPADA DIAMANTINA-BA.

Trabalho Final de Graduação (TFG) do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas - FAU/UFAL. Para obtenção do grau de bacharel em arquitetura e urbanismo.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Guimarães Duarte.

Maceió- AL

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S729c Souza, Clivson Ruan Macedo de.
Com as mãos no barro : valorizando e compartilhando as técnicas construtivas tradicionais da Chapada Diamantina-BA / Clivson Ruan Macedo de Souza. - 2023.
[181] f. : il. color.

Orientadora: Adriana Guimarães Duarte.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió,
2023.

Bibliografia: f. 111-117.
Apêndices: f. 118-[181].

1. Diamantina, Chapada (BA). 2. Artesãos. 3. Patrimônio imaterial. I. Título

CDU: 72:334.712(813.8)

CLIVSON RUAN MACEDO DE SOUZA

**TÉCNICAS CONSTRUTIVAS E ACABAMENTOS FEITOS EM AREIA E BARRO DA
CHAPADA DIAMANTINA-BA.**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido
à banca examinadora do curso de Arquitetura
e urbanismo da Universidade Federal de
Alagoas e aprovada em 29 de novembro de
2023.

Documento assinado digitalmente
 **ADRIANA GUIMARAES DUARTE**
Data: 05/12/2023 17:46:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Orientador – Profa. Dra. Adriana Guimarães Duarte, UFAL)

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **HERMES TEIXEIRA CAMPELO**
Data: 27/12/2023 09:39:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Examinadora Interna – Prof. Hermes Teixeira Campelo - UFAL)

Documento assinado digitalmente
 **JULIANA OLIVEIRA BATISTA**
Data: 05/12/2023 17:40:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Examinadora Interna – Profa. Dra. Juliana Oliveira Batista – UFAL)

Documento assinado digitalmente
 **ISABELA CRISTINA DA SILVA PASSOS TIBURCIO**
Data: 16/01/2024 13:16:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Examinadora Externa – Profa. Dra. Isabela Cristina da S. P. Tiburcio – UFAL)

Maceió-AL

2023

AGRADECIMENTOS

Certo dia ao rolar a barra do *TikTok* me deparei com o depoimento do rapper Snoop Dogg ao ganhar uma estrela na Calçada da Fama de Hollywood, nele continha a seguinte fala:

Quero agradecer a mim por todo esse trabalho. Quero agradecer a mim por não ter me tomado dias livres. Quero agradecer a mim por nunca desistir. Quero agradecer a mim por sempre dar e tentar dar mais do que o que recebo. Quero agradecer a mim por simplesmente ser eu a todo momento (EXAME, 2018).

Ao ver seu depoimento, refleti o quanto também sou grato a mim, as minhas conquistas e principalmente por ter concluído a presente pesquisa. Realizar um trabalho com esse volume de conteúdo e de relevância, na fase mais difícil da minha vida pessoal, me faz ter orgulho e admiração do homem que sou e do potencial que tenho. Produzir essa pesquisa, em muitos dias foi um processo exaustivo, demandou tempo, dedicação, abdicar, disciplina e principalmente, muita força de vontade de construir um produto com tamanha relevância para minha comunidade.

Por mais que eu reconheça todo meu esforço para construção deste trabalho. Jamais conseguiria concluí-lo sem ajuda de pessoas especiais, que estavam dispostas e empenhadas em me ajudarem a tornar esse sonho em realidade. Agradeço a minha mestra e professora Dra. Adriana Guimarães por desde o início, acreditar no potencial do meu projeto, por ter aceitado ser minha orientadora e principalmente por nunca ter soltado minhas mãos, mesmo nos dias mais difíceis. Agradeço por ser essa professora inspiradora e apaixonada pela sua área de atuação, é um amor que está nítido em suas aulas e orientações e que me inspira a querer trilhar o caminho do restauro e conservação. Ter tido a oportunidade de ser seu orientando e estudar sobre patrimônio com você, foi um dos maiores presentes da minha graduação.

Também possuo um carinho e agradecimento especial à minha tia Edenice Macedo por ter contribuído significativamente com o desenvolvimento desta pesquisa. Durante todo o processo de entrevistas, dedicou-se em encontrar os mestres ao meu lado, assim como colocar a mochila nas costas e viajar comigo em busca dos mestres, te amo muito, você é a melhor tia do mundo. Agradeço meus amigos Franklin Willian, Jaulino Vieira, Leyde Dayane, Nagoy Sol e Reilan Carvalho que assim como minha tia, me auxiliaram durante a busca dos mestres, vocês foram essenciais no processo de construção desta pesquisa.

Agradeço ao meu amigo Mateus Xavier por ser meu maior incentivador, por ter compartilhado ao meu lado o sonho de produzir essa pesquisa, assim como de acreditar no meu potencial, mesmo nos dias que até eu desconfiava que possuía. Você é o amigo que quero levar para o resto da vida.

Aos meus amigos Gabriel Torres e Nycollas Augusto, sem os quais essa pesquisa ficaria incompleta. Obrigado por embarcarem nesse projeto comigo, por me aturarem durante meses de produção e por se dedicarem na criação das ilustrações. Vocês são os responsáveis por dar vida ao meu trabalho e transformá-lo em poesia.

Por fim, agradeço aos meus mestres: Agenor Neto, André Medeiros, Antônio Carlos, Cláudio Côrtes, Dilma Paixão, Manoel Cabral, Mário Aparecido e Nilton Carvalho. Por terem acreditado na pesquisa e compartilhado suas memórias comigo. Com vocês tive a oportunidade e experiência de aprender as técnicas tradicionais da região, assim como dar meu primeiro passo no estudo e compreensão dos nossos bens culturais. Obrigado por terem me acolhido de braços abertos e por serem gentis em me transmitir conhecimentos.

RESUMO

A Chapada Diamantina, localizada na Bahia, é um território com múltiplas tradições, belezas naturais e culturais. Possui um rico arsenal em bens culturais com um patrimônio cultural diversificado no que se refere às instâncias material e imaterial. Os saberes, ofícios e modos de fazer são bens culturais imateriais que contribuíram para que conhecimentos ancestrais fossem passados por gerações até alcançar os dias atuais. Compreender como se deu algumas dessas transmissões e auxiliar para que as mesmas possam continuar sendo propagadas, faz parte do escopo desta pesquisa. O presente estudo buscou investigar, a partir de entrevistas qualitativas com mestres artífices residentes na região do Parque Nacional da Chapada Diamantina, suas memórias sobre as técnicas construtivas e acabamentos tradicionais produzidos com barro. A pesquisa, vislumbra ainda compreender como se deu o processo de aprendizagem dos mestres, suas motivações, bem como as dificuldades com a profissão ao longo de suas vidas, identificando ainda, através de suas vivências com as técnicas e opiniões pessoais, sobre como os saberes são vistos atualmente na região, tanto por nativos como por turistas. Como produto, apresenta-se o registro do passo a passo de cada técnica, por meio da observação durante as entrevistas de como os artífices executam seus ofícios, identificando os materiais utilizados, bem como aplicações, restrições, cuidados e manutenções. Ao final, buscou-se registrar os dados coletados em um material informativo, cartilhas com desenhos e textos para divulgação junto à comunidade dos municípios em estudo.

Palavras-chave: Chapada Diamantina, Mestres Artífices, Patrimônio Imaterial.

ABSTRACT

The Chapada Diamantina, located in the state of Bahia, is a region with multiple traditions, natural and culture beauties. Has a rich arsenal cultural property with a diverse cultural heritage in terms of material and imaterial instances. The knowledge, offices and ways of doing things are intangible cultural assets that has contributed to ancestral expertise being passed down through generations until it reaches the present day. Understand how it happened some of these broadcasts and help for that the same can be propagated, make part of the scope of this search. The present study sought to investigate from qualitative interview with resident master craftspeople in the region of Chapada Diamantina National Park, their memories about the technical traditional building and finishes made from clay. The research, still glimpses comprehend how the masters' learning process took place, their motivation, as well as the difficulties with the occupation over the years of their lives, and also identifying, through his experiences with the techniques and personal opinions about how the knowledge is seen currently in the region as by locals as tourists. As a product, the record shows of step by step of each technical, by means of observation during the interviews on how the artisans carry out their work, identifying the materials used, as well as the applications, restrictions, carre and maintenances. At the end, soughted to record the data collected in a informative material, primers with drawings and writings for dissemination the work to the community outreach of towns in study.

Keywords: Chapada Diamantina, Master Craftsmen, Intangible Heritage.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Mapa mental da metodologia.....	17
Imagem 02: Ilustração das técnicas construtivas e acabamentos produzidos com barro.....	19
Imagem 03: Poligonal de estudo - Mapa das cidades visitadas.....	20
Imagem 04: Viajando no Parque em busca dos mestres artífices.....	24
Imagem 05: Itacolomi: A pedra e o menino.....	24
Imagem 06: Chapada Diamantina na Bahia - Território geológico.....	26
Imagem 07: Estado da Bahia com as 27 poligonais de Território de Identidade.....	27
Imagem 08: Chapada Diamantina - Território de Identidade.....	28
Imagem 09: Parque Nacional da Chapada Diamantina.....	28
Imagem 10: Mapa da Bahia com destaque para o Parque Nacional da Chapada Diamantina.....	32
Imagem 11: Templo de Ramsés II em Gourná.....	35
Imagem 12: Grande Muralha da China.....	36
Imagem 13: Ruínas da cidade de Chan Chan no Peru.....	36
Imagem 14: Casario ancestral de adobe do Taos Pueblo, Novo México.....	36
Imagem 15: A cidade de Shibam do Lêmen.....	37
Imagem 16: Centro histórico de Lençóis-BA.....	39
Imagem 17: Sede do IPHAN, em Lençóis.....	39
Imagem 18: Vila de Igatu em Andaraí-BA.....	40
Imagem 19: Centro histórico de Mucugê-BA.....	40
Imagem 20: Igreja Santa Izabel, em Mucugê-BA.....	41
Imagem 21: Construindo com adobe.....	42
Imagem 22: Mapa ilustrado da cidade de Ibicoara- Ba.....	43
Imagem 23: Cachoeira do Buracão em Ibicoara- Ba.....	44
Imagem 24: Cachoeira da Fumacinha em Ibicoara- Ba.....	44
Imagem 25: Mestre André Medeiros.....	45
Imagem 26: Visita realizada ao mestre André.....	48
Imagem 27: Construindo com tijolinhos.....	49
Imagem 28: Mapa ilustrado da cidade de Palmeiras- BA.....	50
Imagem 29: Palmeiras-Ba.....	51
Imagem 30: Mário Aparecido.....	52
Imagem 31: Visita realizada ao mestre Aparecido.....	56
Imagem 32: Construindo com Pau-a-Pique.....	57
Imagem 33: Mapa ilustrado da cidade de Andaraí-BA.....	58
Imagem 34: Andaraí-BA.....	59
Imagem 35: Mestres Agenor Paixão e Dilma Paixão.....	60
Imagem 36: Visita realizada aos mestres Agenor e Dilma.....	64
Imagem 37: Cobertura com telha cerâmica.....	64
Imagem 38: Rebocando a parede.....	67
Imagem 39: Mapa ilustrado da cidade de Itaetê-BA.....	68

Imagem 40: Itaetê-BA.....	69
Imagem 41: Mestre Manoel Cabral.....	70
Imagem 42: Lajotas de barro para o piso da casa.....	74
Imagem 43: Mapa ilustrado da cidade de Seabra-BA.....	75
Imagem 44: Igreja Bom Jesus em Seabra-BA.....	76
Imagem 45: Vila do Campestre em Seabra-Ba.....	77
Imagem 46: Mestre Antônio Carlos.....	77
Imagem 47: Visita realizada ao mestre Antônio.....	81
Imagem 48: Pilando o Chão.....	82
Imagem 49: Mapa ilustrado da cidade de Mucugê-BA.....	83
Imagem 50: Mucugê-BA.....	84
Imagem 51: Mestre Cláudio Côrtes.....	85
Imagem 52: Pintura da casa.....	88
Imagem 53: Mapa ilustrado da cidade de Lençóis-BA.....	89
Imagem 54: Lençóis-BA.....	90
Imagem 55: Nilton Carvalho.....	91
Imagem 56: Pintura com tinta de argila feita pelo mestre Nilton.....	93
Imagem 57: Ilustração que representa 3 gerações de uma mesma família.....	98
Imagem 58: Ilustração que representa o manuseio com o barro com os pés.....	98
Imagem 59: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.....	100
Imagem 60: Ilustração representando uma família em frente a casa construída com técnicas tradicionais de barro pelo Governo Federal.....	101
Imagem 61: Tijolinhos e Lajotas de barro.....	102
Imagem 62: Ilustração representando um estrangeiro segurando entre os braços as técnicas construtivas e ferramentas.....	104
Imagem 63: Ilustração de uma casa concluída, construída com técnicas tradicionais.....	107
Imagem 64: Ilustração de Ruan com mapa da Chapada Diamantina-BA, em busca dos mestres artífices.....	108

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
2.	METODOLOGIA.....	17
3.	CHAPADA DIAMANTINA.....	24
4.	PARQUE NACIONAL.....	31
5.	TÉCNICAS TRADICIONAIS COM BARRO.....	34
5.1.	ADOBE.....	42
5.1.1.	IBICOARA.....	42
5.1.2.	MESTRE ANDRÉ MEDEIROS.....	45
5.2.	TIJOLINHOS.....	49
5.2.1.	PALMEIRAS.....	50
5.2.2.	MESTRE MÁRIO APARECIDO.....	52
5.3.	PAU A PIQUE.....	57
5.3.1.	ANDARAÍ.....	58
5.3.2.	MESTRES AGENOR NETO E DILMA PAIXÃO.....	60
5.4.	TELHAS ARTESANAIS.....	64
5.5.	REBOCO.....	67
5.5.1.	ITAETÉ.....	67
5.5.2.	MESTRE MANOEL CABRAL.....	70
5.6.	LAJOTAS DE BARRO.....	74
5.6.1.	SEABRA.....	75
5.6.2.	MESTRE ANTÔNIO CARLOS.....	77
5.7.	CHÃO DE TERRA PILADA.....	82
5.7.1.	MUCUGÊ.....	82
5.7.2.	MESTRE CLÁUDIO CÔRTEZ.....	85
5.8.	TINTA DE ARGILA.....	88
5.8.1.	LENÇÓIS.....	88
5.8.2.	MESTRE NILTON CARVALHO.....	91
6.	SURGIMENTO DE NOVAS TÉCNICAS NA REGIÃO.....	93
7.	DISCUSSÕES SOBRE AS TÉCNICAS TRADICIONAIS E SEU CONTEXTO	97
8.	CONCLUSÕES.....	107
9.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111
10.	APÊNDICES.....	118

1. INTRODUÇÃO

As técnicas construtivas e acabamentos da Chapada Diamantina-BA produzidos com barro são saberes ancestrais que fazem parte da identidade cultural do território baiano. Ao longo dos anos contribuíram significativamente não apenas na criação da moradia, mas na concepção de uma linguagem territorial, que tem na paisagem sua maior referência, possuindo, portanto, influência na vida dos nativos em seu modo de morar, viver, trabalhar, usufruir da natureza e até mesmo na maneira de se relacionarem em comunidade.

Para esta pesquisa, foram abordadas oito técnicas construtivas e acabamentos tradicionais presentes no Parque Nacional da Chapada Diamantina, acrescentando-se a cidade de Seabra, ela foi incluída na pesquisa por ser a última próxima ao Parque a possuir olaria de lajotas. As técnicas estudadas foram: adobe, lajotas de barro, pau-a-pique, reboco, tinta de argila, terra pilada, telhas artesanais e tijolinhos. Todas possuindo como material em comum, o barro. São saberes que foram identificados como pertencentes à identidade cultural da poligonal de pesquisa, de acordo com estudos teóricos e entrevistas com os nativos, contribuindo desta maneira com a formação do patrimônio cultural brasileiro.

De acordo com o Art. 216 da Constituição Brasileira de 1988, entende-se por Patrimônio Cultural Brasileiro:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (JUSBASIL, [s.d]).

O presente Art. surge com o intuito de aplicar o conceito de patrimônio anteriormente estabelecido no Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937:

Constitue o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (PLANALTO.GOV, [s.d.]).

Entende-se assim, a necessária substituição da nomeação anteriormente definida, de Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro, propondo um novo olhar na abordagem dos bens nacionais, tanto no que se refere às instâncias materiais quanto imateriais.

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), de acordo com sua Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ratificada pelo Brasil em março de 2006, define patrimônio imaterial como:

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (IPHAN, 2014).

Os patrimônios imateriais, foram incluídos nos Art. 215 e 216 da Constituição Brasileira de 1988, visando ampliar o entendimento de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial.

Compreende-se como bens tombados de natureza material:

Imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos (IPHAN, 2014).

E dizem respeito aos bens culturais de natureza imaterial:

Práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas) (IPHAN, 2014).

O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) foi o responsável pela subdivisão desse patrimônio, mas essa segmentação não pode indicar uma separação, pois são indissociáveis e intrínsecos, visto que, não é possível conceber o patrimônio cultural material sem o significado que este carrega, que é imaterial. Assim como, não se pode verificar o patrimônio cultural imaterial sem fazer referência, ou repercutir, a um suporte físico, que é material. Ambos, após serem reconhecidos oficialmente pelo Estado, tornam-se Patrimônio Cultural Brasileiro, sem haver, após essa tutela, atribuição de valor estatal e qualquer distinção ou divisão terminológica relativa à sua dimensão (TELLES, 2010).

Temos como exemplos os saberes abordados nesta pesquisa. Por mais que os ofícios e modos de fazer sejam tidos como imateriais, todos eles fazem uso de materiais construtivos, são produzidos em um local físico e utilizam ferramentas para

a execução, possuindo um produto final algo material e tangível. É impossível haver uma separação teórica do objeto do seu contexto de produção e da sua função social. Os presentes saberes não podem ser tombados, mas, sim, registrados. Contudo, o produto obtido através destes saberes, que configuram outro bem, são passíveis de tombamento.

Com a criação do Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que trata da proteção ao patrimônio material, houve a necessidade do surgimento de instrumentos legais que além de reconhecer, pudessem promover e auxiliar na manutenção e preservação dos bens de natureza imaterial. Diante disso, é criado o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial através do Decreto nº. 3.551, de 4 de agosto de 2000 (PLANALTO.GOV, [s.d.]) e posteriormente, o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e o Inventário Nacional de Referências Culturais (INCR), três importantes ferramentas no estudo e compreensão dos bens imateriais brasileiros (IPHAN, 2014).

O Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial segundo o IPHAN:

É um instrumento legal de preservação, reconhecimento e valorização do patrimônio imaterial do Brasil, composto por bens que contribuíram para a formação da sociedade brasileira (IPHAN, 2014).

Essa ferramenta é aplicada aos bens que se enquadram às categorias estabelecidas pelo decreto, sendo elas: celebrações, formas de expressão, lugares e saberes. Eixos temáticos nos quais grupos sociais reconhecem como parte integrante do seu patrimônio cultural devido a ligação de suas manifestações, como: representações, técnicas, expressões, lugares, práticas e conhecimentos (IPHAN, 2014).

Já o Inventário Nacional de Referências Culturais (INCR), é um instrumento de identificação de bens culturais tanto materiais quanto imateriais produzidos pelo IPHAN. O citado instrumento possui dois objetivos principais que determinaram sua concepção, sendo eles:

1. Identificar e documentar bens culturais, de qualquer natureza, para atender à demanda pelo reconhecimento de bens representativos da diversidade e pluralidade culturais dos grupos formadores da sociedade;
2. Apreender os sentidos e significados atribuídos ao patrimônio cultural pelos moradores de sítios tombados, tratando-os como intérpretes legítimos da cultura local e como parceiros preferenciais de sua preservação (CORSINO, C.M. [et al.], 2000, p.8).

Resumidamente, o objeto do INRC é identificar atividades, manifestações, saberes, fazeres, lugares e demais bens de natureza imaterial que constituam marcos e referências de identidade para determinado grupo social. Visando atender à metodologia de pesquisa, tais bens foram divididos pelo Grupo de Trabalho do Patrimônio Imaterial (GTPI)¹, criado pelo Ministério da Cultura (CORSINO, C.M. [et al.], 2000, p.30) em cinco categorias que estruturam esse inventário, são eles:

Celebrações:

Incluem-se os principais ritos e festividades associados à religião, à civilidade, aos ciclos do calendário, etc. São ocasiões diferenciadas de sociabilidade, envolvendo práticas complexas com suas regras específicas de distribuição de papéis, a preparação e o consumo de comidas, bebidas, a produção de um vestuário específico, a ornamentação de determinados lugares, o uso de objetos especiais, a execução de música, orações, danças, etc. São atividades que participam fortemente da produção de sentidos específicos de lugar e de território. São exemplos festas como as de São Sebastião, do Divino Espírito Santo, de Iemanjá, de São João e o carnaval, que se realizam com variações em inúmeras regiões do Brasil; ou outras mais localizadas como o Círio de Nazaré em Belém (PA), a Lavagem do Bonfim e a Romaria de Bom Jesus da Lapa na Bahia ou, no estado de Goiás, a Cavalhada (Pirenópolis) e a Procissão do Fogaréu (Goiás) (CORSINO, C.M. [et al.], 2000, p.31).

Formas de expressão:

Formas não-lingüísticas de comunicação associadas a determinado grupo social ou região, desenvolvidas por atores sociais (individuais ou grupos) reconhecidos pela comunidade e em relação às quais o costume define normas, expectativas, padrões de qualidade, etc. Incluem-se nesta categoria o cordel, a cantoria e a xilogravura no Nordeste, diversas variantes do Boi (o boi bumbá, o boi duro, o bumba meu boi, etc.) em várias regiões do Brasil, a moda de viola e a catira no centro-sul, a ciranda no litoral pernambucano, a cerâmica figurativa no vale do Jequitinhonha, etc. Neste caso, serão inventariadas não as linguagens em abstrato, mas o modo como elas são postas em prática por determinados executantes (CORSINO, C.M. [et al.], 2000, p.31).

Lugares:

São espaços apropriados por práticas e atividades de naturezas variadas (exemplo: trabalho, comércio, lazer, religião, política, etc.), tanto cotidianas quanto excepcionais, tanto vernáculas quanto oficiais. Essa densidade diferenciada quanto a atividades e sentidos abrigados por esses lugares constitui a sua centralidade ou excepcionalidade para a cultura local, atributos que são reconhecidos e tematizados em representações simbólicas e narrativas. Do ponto de vista físico, arquitetônico e urbanístico, esses lugares podem ser identificados e delimitados pelos marcos e trajetos desenvolvidos pela população nas atividades que lhes são próprias. Eles podem ser conceituados como lugares focais da vida social de uma localidade (CORSINO, C.M. [et al.], 2000, p.32).

Edificações:

¹ Grupo de Trabalho do Patrimônio Imaterial, instituído pela portaria ministerial no 37 de 4/3/98.

Em diversos casos, estruturas de pedra e cal estão associadas a determinados usos, a significações históricas e de memória ou às imagens que se tem de certos lugares. Essas representações as tornam bens de interesse diferenciado para determinado grupo social, muitas vezes independentemente de sua qualidade arquitetônica ou artística. Nesses casos, além dos aspectos físico-arquitetônicos, são relevantes do ponto de vista do patrimônio as representações sociais a eles associadas, às narrativas que se conservam a seu respeito, eventualmente os bens móveis que eles abrigam, determinados usos que neles se desenvolvem. Esta categoria integra tanto edifícios emblemáticos do porte das igrejas de Nossa Senhora Aparecida (SP) e de Nosso Senhor do Bonfim ou do Terreiro da Casa Branca em Salvador (BA), como outros de significação mais localizada como são a casa de Cora Coralina em Goiás (GO), as sedes da Lira Popular de Belmonte (BA) ou da Banda Carlos Gomes em Campinas (SP) (CORSINO, C.M. [et al.], 2000, p.31).

Ofícios e modos de fazer:

Atividades desenvolvidas por atores sociais (especialistas) reconhecidos como conhecedores de técnicas e de matérias-primas que identifiquem um grupo social ou uma localidade. Este item refere-se à produção de objetos e à prestação de serviços que tenham sentidos práticos ou rituais, indistintamente. Entre estes encontram-se a carpintaria no sul da Bahia, a confecção de painéis de barro no Espírito Santo, a manipulação de plantas medicinais na Amazônia, a culinária em Goiás Velho, o benzimento nas várias regiões do país, as variantes regionais de técnicas construtivas, do processamento da mandioca ou da destilação da cana, entre muitos outros. Tal como no caso anterior, os modos de fazer não serão inventariados em abstrato, mas através da prática de determinados executantes (CORSINO, C.M. [et al.], 2000, p.31).

Já o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), possui como intuito:

Viabilizar projetos de identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção da dimensão imaterial do Patrimônio Cultural Brasileiro, com respeito e proteção dos direitos difusos ou coletivos relativos à preservação e ao uso desse bem. É um programa de apoio e fomento que busca estabelecer parcerias com instituições dos governos federal, estaduais e municipais, universidades, organizações não governamentais, agências de desenvolvimento e organizações privadas ligadas à cultura e à pesquisa (IPHAN, 2014).

Este programa destaca-se por captar recursos financeiros e por promover a formação de uma rede de parceiros que buscam valorizar, preservar e ampliar os bens que compõem o Patrimônio Cultural Brasileiro, assim como apoiar e incentivar atividades desenvolvidas pela sociedade voltadas para a preservação, contribuindo com a inclusão social e melhoria das condições de vida dos detentores e produtores do patrimônio cultural imaterial (IPHAN, 2014).

As técnicas construtivas e de acabamentos abordados nesta pesquisa fazem parte da instância dos bens culturais de natureza imaterial, pois são reconhecidos pelo IPHAN como saberes, ofícios e modos de fazer. Caracterizando-se pela sua transmissão de geração a geração, recriada através da comunidade, sofrendo

influências do ambiente inserido e de sua história. Contribui ainda, com que haja o sentimento de pertencimento e continuidade, de maneira a promover o respeito à criatividade humana e à diversidade cultural (IPHAN, 2014).

Ao investigar e registrar através de uma pesquisa etnográfica² e qualitativa os mestres artífices da região, o presente estudo possui como objetivos: 1) Registrar suas memórias para compreender como se deu o processo de aprendizagem, suas motivações, dificuldades com a profissão ao longo de suas vidas. 2) Registrar o passo a passo de cada técnica, compreendendo como o mestre passaria seu conhecimento adiante, identificando como realizar a técnica, os materiais utilizados, bem como aplicações, restrições, cuidados e manutenções. 3) Produção de cartilhas ilustradas que possam permitir uma educação patrimonial de forma mais didática e eficaz a população.

Estudos como esse são de suma importância na identificação do patrimônio cultural de uma determinada comunidade, visto que buscam registrar e documentar elementos característicos de um povo, não apenas a um indivíduo ou uma família, sendo assim um elemento de identidade cultural coletivo, que os une enquanto grupo. Ademais, fazem parte da história da comunidade, por meio da transmissão geracional.

São referências que ligam as pessoas aos seus pais, aos seus avós e àqueles que viveram muito tempo antes delas. São as referências que se quer transmitir às próximas gerações (FLORÊNCIO, S. R. R, 2016, p.7).

Entretanto, esse patrimônio imaterial algumas vezes é nitidamente identificado pela comunidade como pertencentes à sua cultura e identidade. Porém, em outras, estão tão enraizados no dia a dia da população, que os mesmos podem encontrar dificuldades no reconhecimento como algo característico ou único de seu povo.

O patrimônio cultural faz parte da vida das pessoas de maneira tão profunda que, algumas vezes, elas sequer conseguem dizer o quanto ele é importante e por quê. Mas, caso elas o perdessem, sentiriam sua falta. Como exemplo, a paisagem do bairro; o jeito de preparar uma comida; uma dança; uma música; uma brincadeira (FLORÊNCIO, S. R. R, 2016, p.8).

Nesse sentido, ao analisarmos as entrevistas e posicionamentos dos mestres quanto aos seus ofícios, é possível compreender como os entrevistados entendem

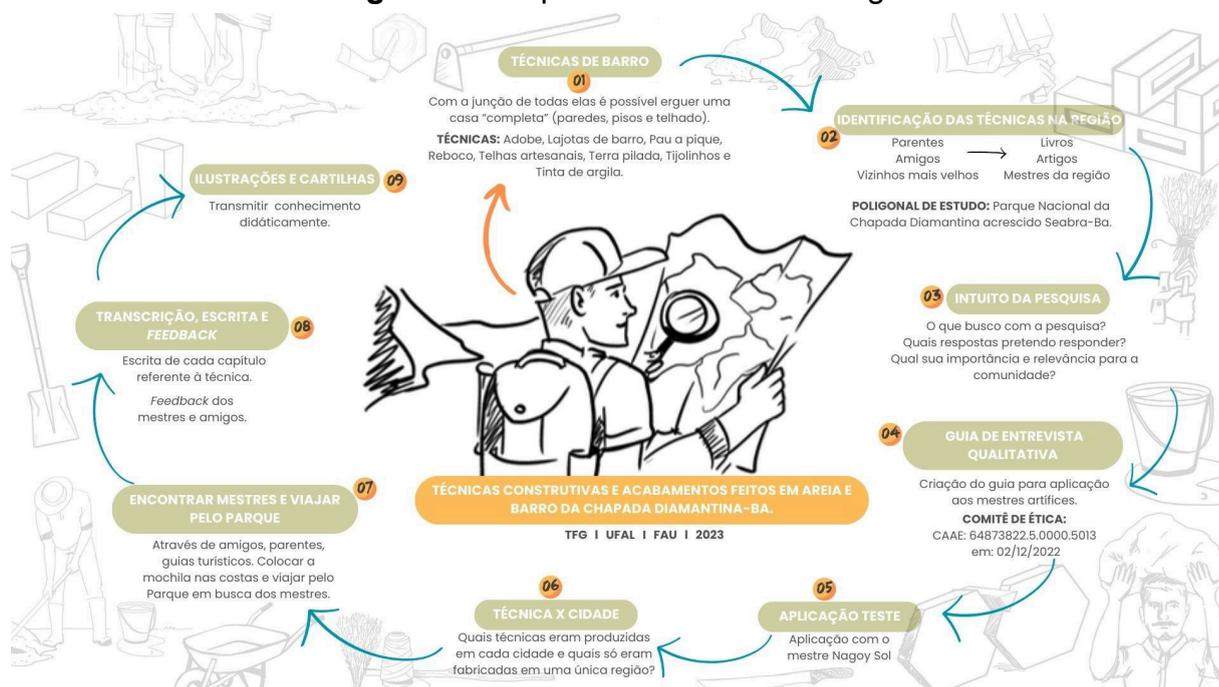
² “A Etnografia é uma metodologia das ciências sociais, principalmente da disciplina de Antropologia, em que o principal foco é o estudo da cultura e o comportamento de determinados grupos sociais. Literalmente, etnografia significa descrição cultural de um povo (do grego ethnos, que significa nação e/ou povo e graphein, que significa escrita)” (BIBLIO DIREITO UFMG, 2022).

essa atribuição de valor, bem como os motivos que levam à caracterização desses saberes como elementos que compõem o quadro de patrimônio imaterial da região e sua relevância para o território. Torna-se possível também compreender o quanto o fato da Chapada Diamantina ter se tornando um polo nacional e internacional de ecoturismo afetara ou contribuiu com a manutenção dos saberes na região.

2. METODOLOGIA

Para a realização da presente pesquisa, foi necessário seguir algumas etapas até chegar ao resultado alcançado (Imagem 01). O estudo permitiu identificar quais técnicas construtivas e acabamentos realizados com barro e areia ainda são encontradas na área em estudo que se encontra dentro do Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD), compreendendo seu processo construtivo através de relatos e vivências de mestres artífices residentes no território de estudo.

Imagem 01: Mapa mental da metodologia.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

Para registrar essas informações, foi adotada a seguinte metodologia: o primeiro passo foi realizar o recorte das técnicas que seriam estudadas, pois a região possui um vasto acervo de técnicas de construção e acabamento; em seguida, escolher um determinado segmento, permitindo aprofundar os estudos. Por

esse motivo, adotou-se as técnicas produzidas com barro, pela pluralidade que esse material oferece no ato de construir, ou seja, com a junção de todas as técnicas dessa categoria é possível erguer uma casa “completa” (paredes, pisos e telhado) apenas utilizando o barro, material abundante na região.

O segundo passo foi identificar e listar todas essas técnicas tradicionais presentes na Chapada Diamantina produzidas com areia e barro. Para conseguir essas informações foi necessário investigar, inicialmente com conversas informais com parentes, amigos e vizinhos mais velhos, na expectativa de catalogar quais saberes eles compreendiam como patrimônio tradicional da região. Por meio dessas conversas tivemos as primeiras noções de técnicas a serem estudadas. Posteriormente busquei informações mais precisas em livros, artigos e com alguns mestres da região, os quais me listaram com segurança e propriedade, os saberes tradicionais.

Adobe, Lajotas de barro, Pau a pique, Reboco, Telhas artesanais, Terra pilada, Tijolinhos e Tinta de argila (Imagem 02) são os saberes compreendidos no estudo. Válido ressaltar que todos possuem uma tradição geracional na construção das casas da região, o que motivou também a escolha das citadas técnicas. Ao total foram identificados oito saberes. Com técnicas já identificadas, foi necessário realizar um recorte da área de estudo. A Chapada Diamantina é um território que possui 24 cidades, as quais são compreendidas como identidade cultural. Decidir em quais delas realizar o estudo foi de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa, pois reduziria a área de estudo e visita, tornando a pesquisa viável de ser executada.

Imagem 02: Ilustração das técnicas construtivas e acabamentos produzidos com barro.



Fonte: Nycollas Augusto, 2023.

A proposta foi realizar uma pesquisa que conseguisse englobar a Chapada Diamantina de forma significativa em seus aspectos culturais, sociais e identitários, enquanto território, mesmo que em micro escala. Diante disso, o Parque Nacional da Chapada Diamantina, território que compõem seis cidades da região, foi selecionado. O recorte se deu devido a importância dos municípios para a formação da nossa identidade, patrimônio e história, sendo elas: Palmeiras, Lençóis, Andaraí, Mucugê, Ibicoara e Itaetê (Imagem 03).

A sétima cidade selecionada para fazer parte deste estudo, foi o município de Seabra, não faz parte do Parque Nacional, mas foi escolhida por possuir características importantes na região. Atualmente é considerada a capital da Chapada por ser referência em seu tamanho, população e comércio. É o município mais próximo do recorte que ainda possui uma olaria de lajotas de barro, já que dentro do Parque não há nenhuma outra e até mesmo mestres exercendo esse saber. Incluí-la no recorte de estudo permitiu não apenas expandir a pesquisa, como registrar as memórias de um grande mestre artífice do território.

Imagem 03: Poligonal de estudo - Mapa das cidades visitadas.



Fonte: Nycollas Augusto, 2023.

Com a escolha das técnicas já definidas e o recorte do território de estudo realizado, foi o momento de se questionar: O que busco com a pesquisa? Quais respostas pretendo responder? Qual sua importância e relevância para a comunidade?

Através destes questionamentos, cheguei à conclusão que gostaria de registrar as memórias dos mestres artífices da região para compreender como se deu o processo de aprendizagem, suas motivações, dificuldades com a profissão ao longo de suas vidas. Buscar também identificar, através de suas vivências com as técnicas, opiniões pessoais sobre como os saberes são vistos atualmente na região, tanto por nativos como por turistas. E para além, registrar o passo a passo de cada técnica, compreendendo como o mestre passaria seu conhecimento adiante, identificando como realizar a técnica, os materiais utilizados, bem como aplicações, restrições, cuidados e manutenções.

Com essas perguntas respondidas, parti para a criação do guia de entrevista com um questionário qualitativo³, buscando identificar dados pessoais, informações de como o mestre começou a produzir o saber, sua trajetória como construtor,

³ Entende-se por qualitativo: “Pesquisa que possui base no caráter subjetivo, usando narrativas escritas ou faladas. São usadas para estudar casos específicos e descobrir como as pessoas pensam ou se sentem de forma mais detalhada, com perguntas abertas, permitindo conhecer mais sobre o indivíduo” (DIFERENÇA,[s.d]).

materiais utilizados na execução, passo a passo, seu olhar para o uso da técnica nos dias atuais, desafios encontrados na preservação, dentre outras perguntas, que unidas, tiveram o papel de registrar suas memórias desde a aprendizagem até os dias de atuais.

Finalizado o guia, houve sua submissão e aprovação pelo Comitê de Ética CAAE: 64873822.5.0000.5013 em: 02/12/2022, para que a partir daí, pudesse realizar uma aplicação teste com um mestre artífice para identificar suas potencialidades e carências. Apliquei-o com o Nagoy Sol Correa, mestre artífice da Chapada Diamantina, residente em Rio de Contas-BA, município que não faz parte do PNCD. Ao conduzir a entrevista com Nagoy, com seu olhar e senso crítico, foi possível constatar, por meio do seu *feedback*, que algumas perguntas poderiam ser acrescentadas ou retiradas, de maneira a criar um questionário eficiente e respeitoso, que pudesse contemplar todas as necessidades da pesquisa, mas que não se tornasse invasiva. Por ser um trabalho que busca registrar memórias, precisa ser feito de maneira ética e empática, para que os mestres se sentissem confortáveis e acolhidos.

Com o guia de entrevista revisado e definitivamente pronto, chegou o momento de analisar quais técnicas eram produzidas em cada cidade e quais só eram fabricadas em uma única região. Com essas informações, comecei a ter uma noção de como dividir as entrevistas e quais mestres procurar em cada cidade, já que o objetivo era registrar uma técnica por município.

Com a leitura do livro *Mestres Artífices Bahia - Cadernos de Memória* (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017), notei que, de acordo com o recorte de estudo e com os saberes que pretendia trabalhar, apenas a cidade de Palmeiras possui uma olaria que fabrica tijolinhos e apenas a cidade de Seabra possui uma olaria de Lajotas de Barro, como já citado, e nenhuma cidade do Parque possui mais olaria de telhas artesanais. Esse saber já não é mais produzido no PNCD. Com essas informações, se tornou possível traçar os primeiros passos a serem seguidos.

Agora restavam cinco técnicas a serem estudadas e cinco cidades onde deveria investigá-las. Cada saber seria associado a um mestre localizado em um município do sítio. O passo seguinte foi entrar em contato com amigos, parentes e guias turísticos que moravam em uma das sete cidades, buscando informações sobre o conhecimento de mestres que produzissem algumas das técnicas listadas.

O próximo passo foi colocar a mochila nas costas e viajar pelo Parque em busca desses mestres (Imagem 04). Alguns artífices foram escolhidos por indicações feitas anteriormente, já outros só consegui o contato após chegar à cidade e perguntar à população local. Com uma lista em mãos, abordava os moradores na rua, e perguntava se conheciam algum mestre que produzia as técnicas elencadas. Tal decisão foi tomada após a entrevista teste realizada com o Mestre Nagoy Sol, ocasião em que aprendi que: “*Os próprios moradores elegem seus mestres*”.

Para a aplicação das entrevistas, busquei não me aprofundar no estudo das técnicas, evitei assistir videos no *YouTube* ou ler sobre a sua produção. Meu objetivo era ter contato com os mestres, estando ainda “leigo” no assunto, para não influenciar nas perguntas sobre o modo de como estas são executadas. Gostaria de ver como o mestre passaria seus conhecimentos para uma pessoa que nunca tivesse tido contato com as técnicas, analisando sua didática e informalidade, pressupondo que, os futuros leitores deste material não serão pessoas da área da construção civil.

Em algumas técnicas realizei entrevistas com mais de um mestre, justamente pela análise de como ele transmitia o saber, pois alguns possuíam dificuldade em passar os conhecimentos e de contar sobre suas vivências mesmo sendo um excelente profissional e referência para a comunidade.

Das sete cidades que compõem o recorte de estudo, Itaetê foi a única que encontrei dificuldades de acessar e de encontrar os mestres. Diante disso, optei por deixar a técnica de acabamento de reboco para ser aplicada neste município, devido à sua simplicidade de execução, de acordo com análise dos mestres entrevistados.

Com todas as entrevistas concluídas, passei a me aprofundar no estudo das técnicas através de tutoriais no *YouTube*, leitura de livros, artigos e documentários. Estudo esse que me permitiria compreender a fundo a aplicação e identificação de características do saber que se diferem dos demais estudos⁴.

⁴ Essa busca por repertório permitiu analisar como os saberes são transmitidos e executados por outros mestres, identificando quais possíveis diferenças há entre os que foi me ensinado nas entrevistas em relação àquelas praticadas em outras regiões. Essas diferenças não aparecem no texto, pois nesta pesquisa busca transmitir apenas o modo de fazer produzido pelo mestre entrevistado, sem comparações com outras formas de execução externas. Compreende-se que os saberes sofrem influência de sua localidade e cultura local, e sua execução pode vir a variar entre regiões, seja por questões culturais ou pela qualidade do material disponível no território.

Em seguida, foi realizada a transcrição das entrevistas, na expectativa de detectar os pontos importantes a serem abordados na construção deste projeto. Em paralelo foi dado início à escrita de cada capítulo referente à técnica. Com o material produzido, foi encaminhado para o mestre o esboço, para que o mesmo acompanhasse o processo de evolução do trabalho. Afinal, os protagonistas dessa história são eles.

Após a validação dos mestres, foi disponibilizada a alguns amigos e familiares uma cópia do trabalho. Solicitando que lessem e apontassem quais informações ficaram confusas ou de difícil interpretação. A análise realizada por pessoas leigas na temática contribuiria com o aperfeiçoamento do produto, visto que o mesmo busca atingir os mais diversos públicos, com diferentes classes sociais e escolaridade, se tornando acessível.

Em paralelo à escrita, foram sendo realizadas as ilustrações e croquis das técnicas para as cartilhas. Elas foram desenvolvidas exclusivamente para essa pesquisa e produzidas pelos ilustradores Gabriel Torres e Nycollas Augusto sob minha orientação. Esse material ilustrado surge com a proposta de aproximar essa pesquisa aos meus conterrâneos e de transmitir o conhecimento de forma mais didática e eficaz. Isto posto, não se pretende apenas informar às pessoas do meio acadêmico, mas romper muros e adentrar locais e populações que possam ter interesse sobre as técnicas elencadas. Essas cartilhas produzidas serão compartilhadas online através de redes sociais, e impressas para divulgação em espaços como: feiras, eventos, espaços culturais, escolas, agências turísticas, recepções de pousadas e hotéis.

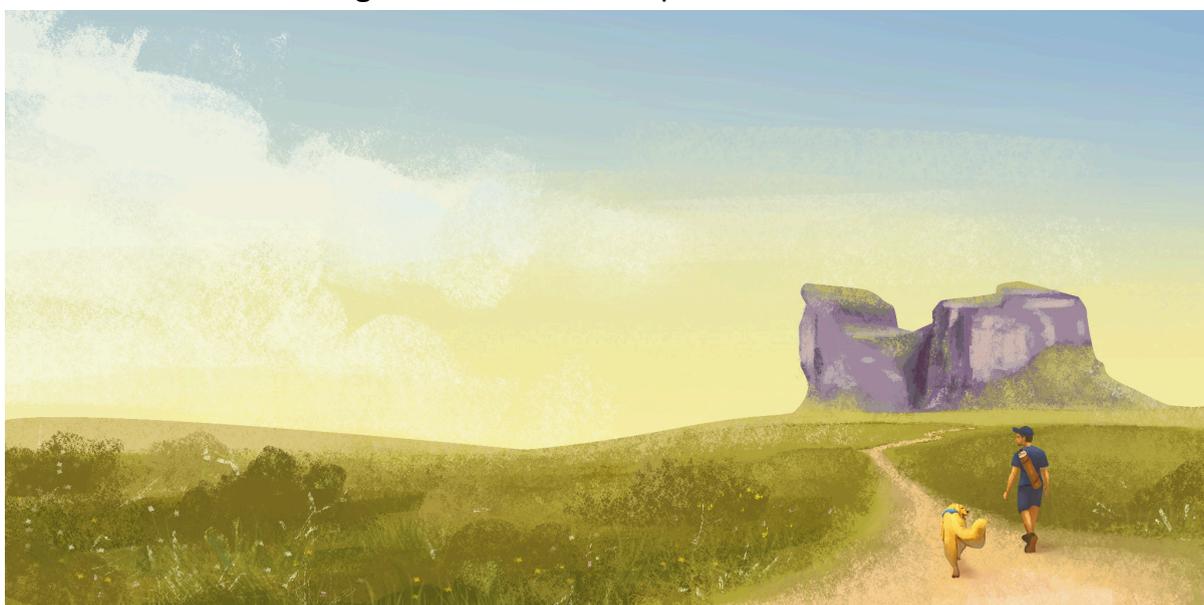
Imagem 04: Viajando no Parque em busca dos mestres artífices.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

3. CHAPADA DIAMANTINA

Imagem 05: Itacolomi: A pedra e o menino.



Legenda: Ilustração criada para o produto final, onde aparecem os personagens Ruan e Dante, seu *Golden Retriever* desbravando a Chapada Diamantina, em busca de mestres artífices e de um lugar para construção de um lar. Na paisagem, o Morro do Camelo, uma das atrações turísticas da região.
Fonte: Nycollas Augusto, 2023.

Antes de um arquiteto ganhar o mundo, ele precisa conquistar o seu território, sua comunidade.

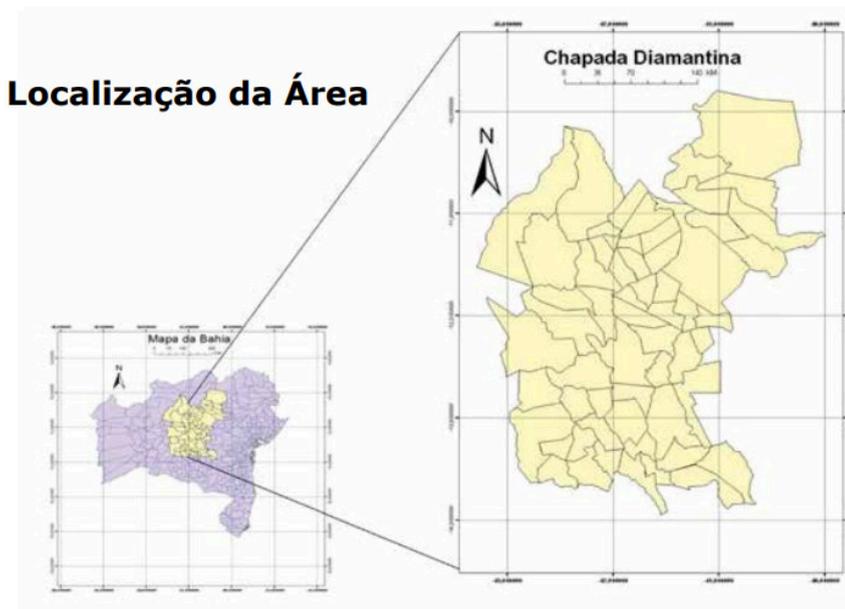
A escolha por essa região se dá devido ao sentimento de pertencimento que possuo com meu local de origem. Nasci e me criei em Seabra, centro geográfico da Bahia e centro comercial da Chapada Diamantina. Durante toda minha infância e juventude, desbravando o território e convivendo com os meus, tive a oportunidade de vivenciar, fazer descobertas e obter experiências que moldaram e contribuíram na formação do homem que sou hoje (Imagem 05).

Quando decidi cursar arquitetura e urbanismo, sempre tive em mente que gostaria de um dia voltar para minha comunidade e dar algum retorno. Nossa região historicamente vem de um processo de retiradas e perdas. Pessoas de todos os cantos do país e até mesmo estrangeiros vieram e vem até hoje para nossa região extrair nossas riquezas (diamantes, ouro, paisagens, culinária, saberes, fauna, flora, festejos, arquitetura, terras, nativos). Por muito tempo nossa história foi contada e criada em livros, filmes, documentários por forasteiros, que vinham, pegavam o que queriam e iam embora. Hoje, identifico a necessidade de contarmos a nossa própria história, de usufruirmos e apropriarmos do que é nosso. Chegou a minha vez de escrever e dar voz aos meus!

Quando abordados as dimensões do território que abrangem a Chapada Diamantina, é importante ter em mente que esse recorte pode ser realizado de algumas maneiras. Fazendo referência à sua formação geológica, sua divisão enquanto território de identidade ou sua identificação enquanto Parque Nacional. Nesta pesquisa, trabalharemos apenas com o seu recorte enquanto Parque, acrescido a cidade Seabra.

A Chapada Diamantina está localizada em uma posição central do Estado da Bahia. Seu território geológico, possui uma área de aproximadamente 124.800Km², correspondendo a cerca de 20% da área do Estado, abrigando 58 cidades. (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017, p.55), conforme Imagem 06.

Imagem 06: Chapada Diamantina na Bahia - Território geológico.



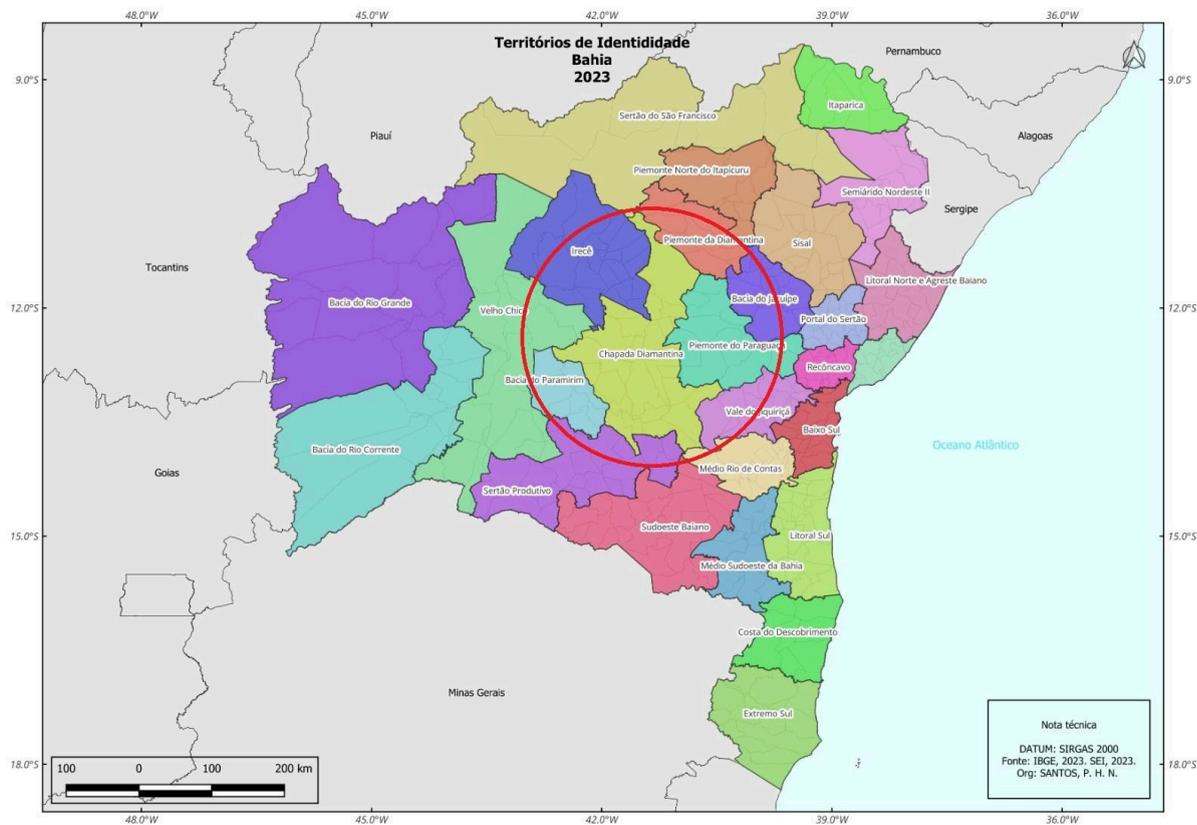
Legenda: Mapa com poligonal de localização da Chapada Diamantina, enquanto território geológico.

Fonte: LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017, p.56

Já o Território de Identidade surge como uma estratégia de desenvolvimento, criada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). A Secretaria de Cultura do Estado da Bahia adotou essa divisão do território baiano que conta com 27 Territórios de Identidade (Imagem 07), que foram demarcadas por critérios “Ambientais, econômicos e culturais, entre outros, além de observar as populações como grupos sociais relativamente distintos, os quais indicam identidade, coesão social, cultural e territorial.” (SECULTBA, [s.d]).

Território é conceituado como um espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, caracterizado por critérios multidimensionais, tais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições, e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade, coesão social, cultural e territorial (OBSERVATÓRIO DO TRABALHO, [s.d.]).

Imagem 07: Estado da Bahia com as 27 poligonais de Território de Identidade.

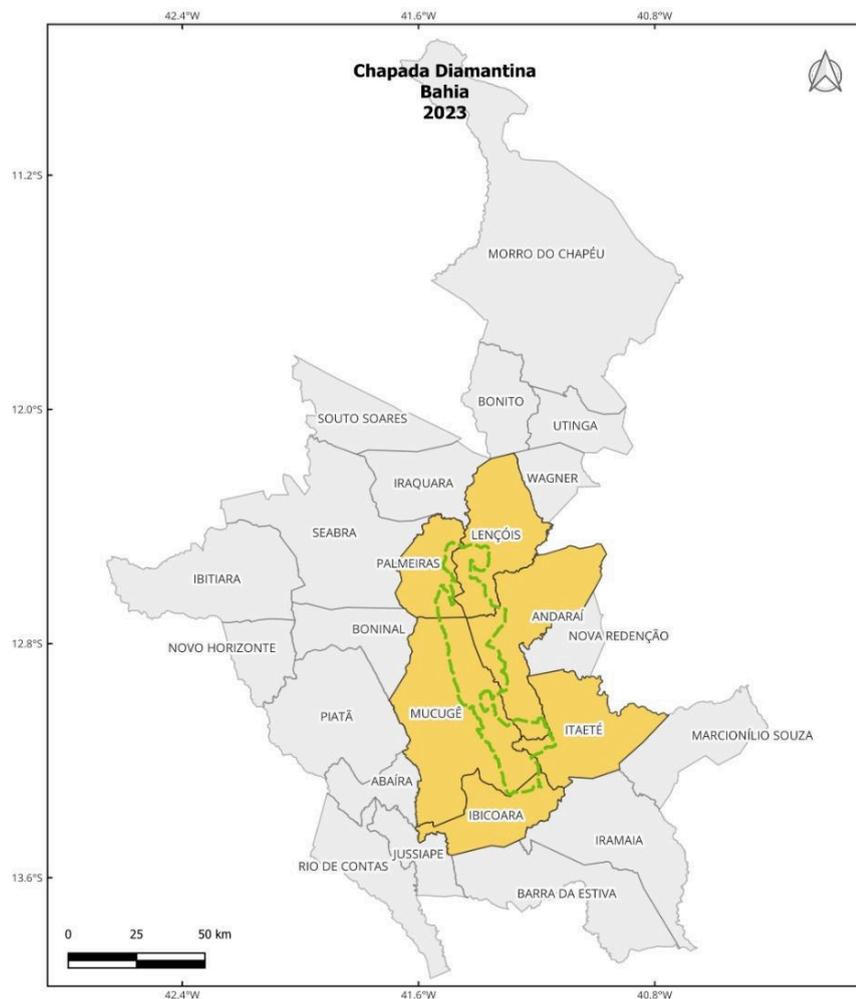


Legenda: Demarcação com círculo em vermelho da área compreendida como Território de Identidade da Chapada Diamantina.

Fonte: IBGE, 2023. SEI, 2023.

A poligonal da Chapada Diamantina é composta por 24 municípios (Imagem 08), sendo eles: Abaíra, Andaraí, Barra da Estiva, Boninal, Bonito, Ibicoara, Ibitiara, Iramaia, Iraquara, Itaetê, Jussiape, Lençóis, Marcionílio Souza, Morro do Chapéu, Mucugê, Nova Redenção, Novo Horizonte, Palmeiras, Piatã, Rio de Contas, Seabra, Souto Soares, Utinga, Wagner (SECULTBA, [s.d]).

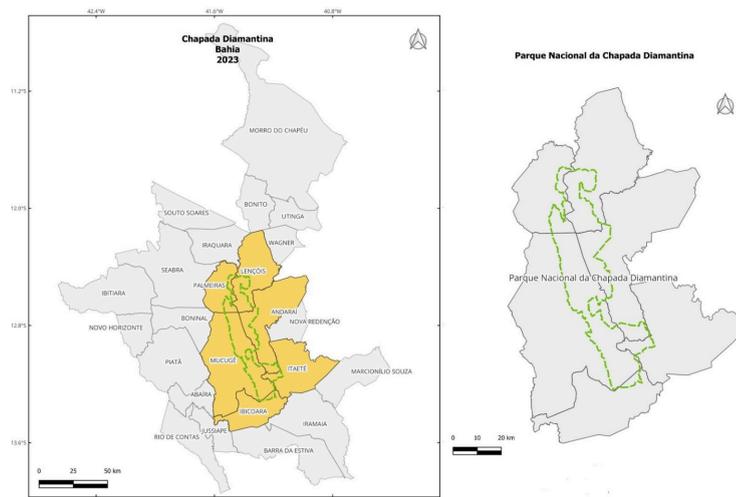
Imagem 08: Chapada Diamantina - Território de Identidade.



Legenda: Mapa com as 24 cidades da Chapada Diamantina que compõem o Território de Identidade.
Fonte: IBGE, 2023. SEI, 2023.

Já o Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD) é um território que compõe apenas uma parcela da região, esta poligonal possui seis municípios: Andaraí, Ibicoara, Itaeté, Lençóis, Mucugê e Palmeiras (Imagem 09).

Imagem 09: Parque Nacional da Chapada Diamantina.



Legenda: Em amarelo, cidades que compõem o Parque Nacional da Chapada Diamantina e em tracejado, situa-se a delimitação do Parque.

Fonte: IBGE, 2023. SEI, 2023.

Tipicamente árido, a Chapada possui clima com temperaturas mais amenas comparadas às regiões próximas, registrando baixa temperatura no inverno, com sensações térmicas de até 8°C, e médias anuais inferiores a 22°C (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017). A região possui uma vasta pluralidade em sua fauna e flora, tendo como biomas o cerrado, caatinga e mata atlântica. Entre estes, destacam-se os ecossistemas: campos rupestres, carrascos e pantanais diamantinos (Marimbus) (LINSKER, W. T., 2005).

A hidrografia da região caracteriza-se pela presença de quatro rios, os quais desempenharam papéis fundamentais no desenvolvimento da Chapada ao longo de sua história. O Rio de Contas e Paraguaçu contribuíram para as práticas de mineração, enquanto os Rios Jacuípe e Itapicuru auxiliaram as atividades agropecuárias e da pecuária extensiva (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017).

A ocupação socioeconômica do território, inicialmente se deu através do desenvolvimento e interesses pecuaristas, fundiários, agrícolas, mineradores e comerciais. Porém, sua economia atingiu ápice entre os séculos XVIII e XIX, através da extração dos diamantes e ouro. As primeiras descobertas e exploração das jazidas, se deram ao norte, onde atualmente se encontra Jacobina-BA, posteriormente foi encontrado jazidas nos aluviões do Rio de Contas Pequeno, atual Rio Brumado. Com essa descoberta, atraiu garimpeiros, fazendeiros, bandeirantes e vaqueiros de todo Brasil. A migração ocorrida, levou a criação do primeiro povoado

da região, que viria a se tornar a cidade Rio de Contas (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017).

No início do século XIX, houve a descoberta de grandes jazidas de diamantes no leito do Rio Mucugê, com isso, deu-se início a fase mais próspera do território, estendendo-se até por volta dos anos de 1867. Com a descoberta de jazidas de diamantes na África do Sul, a produção realizada no interior da Bahia tornou-se pequena, e até mesmo incerta sua comercialização devido à sua demanda e oferta (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017). Diante deste cenário, a Chapada Diamantina começa a ter uma estagnação em sua economia, incentivada pela emigração e fechamento de comércios.

A partir desse período, a região precisou se reinventar e reestruturar sua economia. Os primeiros passos foram o investimento na agricultura e criação de comércios que atendessem às novas necessidades locais.

Surgiram lojas, vendas, armazéns, feiras livres semanais e mascates, vendedores ambulantes, geralmente, árabes ou seus descendentes. Na segunda metade do século XIX, por exemplo, em Jacobina, já se produzia, para o mercado, doces de frutas nativas, como o marmelo, o umbu e, principalmente, a goiaba ou araçá, assim como era cultivado o algodão em razoável escala, presente também em Rio de Contas e Caetité (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017, p.76).

Mais adiante, a partir da segunda metade do século XX, passou a ter um investimento no ecoturismo da região, visto que, o território possui um vasto patrimônio em belezas naturais como rios, cachoeiras, morros, fauna, flora e serras que atraem olhares e interesses nacionais e internacionais.

Em 1961 a Prefeitura de Lençóis foi a precursora no objetivo de transformar a região em um polo turístico, criando o Conselho Municipal de Turismo. O conselho tratava de uma iniciativa que determinava a abolição da extração do garimpo de diamantes como centro de economia local. Em 1971, foi solicitado o tombamento da cidade de Lençóis pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Desta maneira, abriram-se as portas para a transição do desenvolvimento econômico da Chapada, através de serviços apoiados no turismo (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017). Posteriormente, em 1985 com mobilizações comunitárias, é criado o Parque Nacional da Chapada Diamantina com o Decreto nº 91.655, 17 de Setembro de 1985 (CÂMARA DOS DEPUTADOS, [s.d]).

Com o fechamento dos garimpos, a criação do Parque Nacional e tombamento do Sítio urbano de Lençóis, tornou-se viável para o Governo do Estado a implantação e o incremento de programas ecoturísticos na região como: turismo de natureza, aventura e cultural. Comercializando a Chapada Diamantina e incentivando o crescimento de sua economia através de outros meios. Hoje em dia, as trilhas percorridas já não são mais em busca de diamantes, mas sim de aventura, cultura, gastronomia, arquitetura, história, natureza, paz etc..

Para além, tem sido implantado na região nos últimos anos, indústrias voltadas para agroindústria com irrigação, tendo como destaque os municípios de Ibicoara e Mucugê. A produção do café também ganhou grande destaque nacional e internacional, adquirindo prêmios pela qualidade. As produções realizadas na região atendem as demandas não apenas das cidades circundantes, mas também de alguns estados brasileiros e exportações.

A compra de terras para construção e especulação imobiliária na Chapada tem crescido significativamente. Como a região tornou-se um polo turístico, recebe diariamente pessoas de todo Brasil e do exterior, que após visitarem o território, veem uma oportunidade de permanecer ou de investir. A partir de relatos de guias turísticos, colegas de profissão e vivências pessoais, é perceptível a presença de não nativos cada vez maior no território, comprando terras e construindo, seja com objetivos de morar, criar casas de veraneio ou empreender.

A região, nesse novo contexto, enfrenta a afluência de visitantes e migrantes de vários locais da Bahia e do Brasil e de diversas nacionalidades, fato que, entre outras consequências, intensificou as influências exógenas e exóticas sobre a cultura nativa. Esse caldeamento cultural, junto ao fenômeno da urbanização do campo, está repercutindo no comportamento social, ocasionando, em alguns segmentos da população, o afrouxamento dos vínculos de pertencimento e de coesão comunitária (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017, p.79).

4. PARQUE NACIONAL

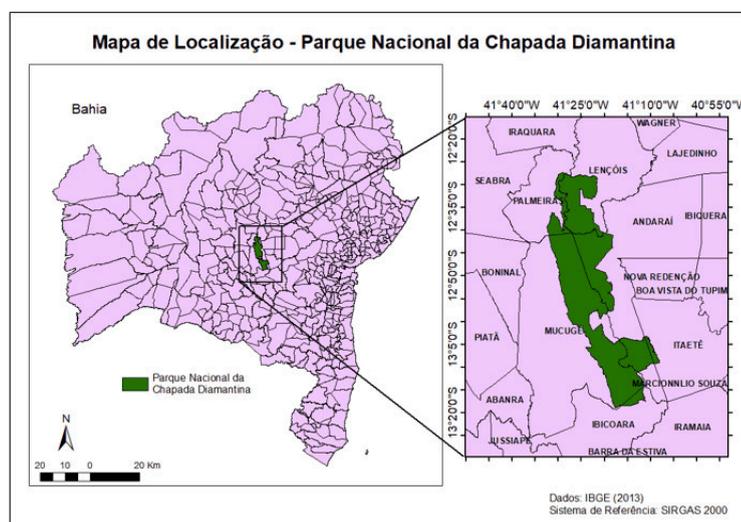
Como mencionado anteriormente, a presente pesquisa possui como recorte de estudo o Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD), juntamente com a cidade de Seabra-BA. O Parque está localizado na região central do Estado da Bahia, com uma área de 1.520 quilômetros quadrados e perímetro de 110 quilômetro

(LINSKER, W. T. [et al.], 2005, p.18), abrangendo seis cidades da Chapada Diamantina: Andaraí, Ibicoara, Itaetê, Lençóis, Mucugê e Palmeiras (Imagem 10).

Essas cidades, devido ao seus tamanhos e por serem vizinhas, possuem características semelhantes em seus aspectos culturais, territoriais, históricos e econômicos. A poligonal possui altitudes acima de 1400 m e há uma grande diversidade ambiental e ecológica, com predominância de Mata Atlântica. Porém, observa-se a transição de biomas entre a Mata Atlântica, a caatinga e o cerrado, devido às Serras do Bastião e do Sincorá (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017, p.48). E está inserida na Rede Brasileira de Reservas da Biosfera (RBRB) da Caatinga e da Mata Atlântica (RESERVAS DA BIOSFERA, [s.d.]).

A região possui sua história econômica ligada à exploração do diamante ocorrida a partir do século XIX. Já na atualidade, devido às riquezas naturais e presença tanto de patrimônio material e imaterial nas cidades históricas de Lençóis, Palmeiras, Mucugê ou no distrito de Igatú, município de Andaraí, o turismo e ecoturismo⁵ se tornaram as principais fontes econômicas da região.

Imagem 10: Mapa da Bahia com destaque para o Parque Nacional da Chapada Diamantina.



Fonte: SIRGAS, 2000.

⁵ Turismo, segundo uma definição de dicionário, é a “ação ou efeito de viajar, de visitar outras localidades, que não a de moradia habitual, por determinado período de tempo, para fins de lazer, entretenimento, cultura etc.”. Já o ecoturismo é uma atividade turística que tem como princípios a conservação do patrimônio natural e cultural, normalmente em destinos de natureza, por isso o nome, o envolvimento e fortalecimento das comunidades locais e a consciência ambiental dos turistas. (ADVENTURECLUB, [S.D.]).

O Parque Nacional teve sua criação no dia 17 de Setembro de 1985 pelo decreto de nº 91.655, assinado pelo presidente da república, José Sarney, após mobilização de moradores e ambientalistas com o desejo de preservar a região. Com a iniciativa do Parque, as cidades também foram beneficiadas com a proteção do seu arsenal de patrimônio histórico e cultural.

Art. 1º - Fica criado, no Estado da Bahia, o PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA, com o objetivo de proteger amostra dos ecossistemas da Serra do Sincorá, na Chapada Diamantina, assegurando a preservação de seus recursos naturais e proporcionando oportunidades controladas para uso pelo público, educação, pesquisa científica e também contribuindo para a preservação de sítios e estruturas de interesse histórico-cultural existentes na área (CÂMARA DOS DEPUTADOS, [s.d]).

A região protege a porção nordeste da serra do Sincorá, que faz parte da serra do Espinhaço, cadeia montanhosa que possui extensão de Minas Gerais à Bahia. Todo seu território é drenado por rios pertencentes à Bacia do Rio Paraguaçu, boa parte nascendo dentro da unidade de conservação, permitindo assim a preservação de sua pureza e qualidade (GUIA DE VIAGEM DA CHAPADA DIAMANTINA, [s.d.]).

O sítio é administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), com sede em Palmeiras. O território pode ser acessado pela rodovia federal BR-242, algumas rodovias estaduais e 38 trilhas. O Sítio possui 33 cachoeiras, 2 cavernas, 10 locais de escalada, 16 sítios históricos e Marimbus, área alagada conhecida como Pantanal da Chapada Diamantina (PARQUE BRASIL.TURISMO, [S.D.]). Apesar do grande potencial turístico da região, não é possível contabilizar o número de visitas recebidas anualmente, devido às múltiplas entradas e a falta de monitoramento ao seu acesso. É de suma importante salientar que o PNCD não concentra em seu território todas as belezas e encantos da Chapada Diamantina, as cidades ao seu redor possuem grandes atrativos turísticos que contribuem com o ecoturismo do Parque.

Por estar inserido dentro das principais cidades da região, possui um território com vasto patrimônio material e imaterial, devido à história de formação dos municípios. As técnicas tradicionais com uso de barro é algo que vai desde a fabricação de utensílios domésticos e artesanatos à técnicas de construção e acabamento. Por ser um material com abundância na região, o barro foi utilizado nas mais variadas formas de manifestação cultural. E por muito tempo, foi o principal material construtivo do território.

5. TÉCNICAS TRADICIONAIS COM BARRO

A ligação do homem com a terra é algo que remonta às suas origens, sua existência. Segundo o cristianismo, a criação do homem derivou-se a partir da própria argila, modelada pelas mãos de Deus. De todas as suas criações, o homem foi a única coisa esculpida pelo Senhor, como uma escultura de barro.

E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente (GÊNESIS, 2,7).

Seria Deus um oleiro, um mestre artífice? Na bíblia este termo surge para designar profissionais que trabalham com ofícios manuais, artesãos. Isso faz refletir o quão a conexão do ser humano com a utilização deste material sempre estiveram encadeadas, e o quão antiga é a profissão dos mestres artífices.

Porque esperava a cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus (HEBREUS, 11,10).

Levanta-te, e desce à casa do oleiro, e lá te farei ouvir as minhas palavras (JEREMIAS, 18:2).

Desde os primórdios da humanidade, o homem sempre precisou usufruir e utilizar de matérias primas fornecidas da natureza para garantir e manter sua sobrevivência. O uso da terra teve um papel importante não apenas no plantio, na agricultura, mas também na construção civil e criação de artefatos que auxiliassem a vida em comunidade.

Na atualidade é possível, através da preservação, restauração e arqueologia compreendermos o modo de vida de antigas civilizações a partir de seus artefatos, de suas produções. E o uso do barro se faz presente nas histórias dos mais diversos povos e culturas. Não há uma data específica que marca o surgimento do uso do barro na construção, mas através de alguns resquícios, é possível traçar o seu percurso ao longo do tempo.

Não é consensual a data em que o homem começou a utilizar a terra na construção. Minke (2006) refere que deve ter sido há mais de 9.000 anos, estribando essa convicção na descoberta de habitações no actual Turquemenistão à base de blocos de terra (adobe) datadas de um período entre 8.000 a 6.000 a.C. Já Pollock (1999) afirma que a utilização da terra para construção remonta ao período de El-Obeid na Mesopotâmia (5.000 a 4.000 a.C.). Por outro lado, Berge (2009) refere que datam de 7.500 a.C os exemplares mais antigos de blocos de adobe, os quais foram descobertos na bacia do rio Tigres, pelo que na sua opinião as habitações em terra poderão ter começado a ser usadas há mais de 10.000 anos (TORGAL, P.T. [et al.], 2009, p.10).

Existem inúmeras construções feitas ao longo da história da humanidade, algumas conseguiram chegar até os dias atuais, outras apenas suas ruínas. Temos como exemplo de construções realizadas utilizando a terra: O Templo de Ramsés II em Gourná, construído há 3200 em adobe (Imagem 11); a Grande Muralha da China construída em taipa, há aproximadamente 3.000 anos (Imagem 12); As ruínas da cidade de Chan Chan no Peru (Imagem 13), sendo a maior cidade de adobe da América; O Povoado de Taos, no estado do Novo México, erguido entre 1000 e 1500 D.C (Imagem 14); A cidade de Shibam do Lêmen ainda hoje habitada, que possui sua origem no século III (Imagem 15); Construções em taipa na região dos Himalaias erguidas no Séc. XII há aproximadamente 800 anos atrás. Algumas construções produzidas com esse material, posteriormente foram revestidas com pedras (TORRALBA, P.T. [et al.], 2009). Sofrendo adaptações e intervenções de acordo com as necessidades dos usuários e períodos históricos.

Imagem 11: Templo de Ramsés II em Gourná



Fonte: Minke, 2006.

Imagem 12: Grande Muralha da China



Legenda: Utilização de taipa na construção da Muralha da China.
Fonte: Doron, 2000.

Imagem 13: Ruínas da cidade de Chan Chan no Peru



Fonte: Flickr, 2011.

Imagem 14: Casario ancestral de adobe do Taos Pueblo, Novo México.



Fonte: Got2Globe, [s.d].

Imagem 15: A cidade de Shibam do Lêmen



Fonte: Figueiredo, 2020.

Há inúmeras técnicas construtivas produzidas com a terra no mundo. Podendo elas serem classificadas em três segmentos: Monolítica (*in situ*), por Unidade (Alvenaria) e por fim, enchimento e revestimento (TORGAL, P.T. [et al.], 2009, p.30).

Construir com este material possui diversas vantagens: material abundante na natureza, proporcionando um baixo custo; conforto térmico e acústico devido às propriedades naturais, diminuindo a necessidade de climatização artificial como ar condicionado e aquecedor; permite autoconstrução, visto que, as construções podem ser facilmente erguidas, não necessitando de maquinários, podendo ser usando as próprias mãos, com ajuda de familiares e amigos; é um material reutilizável, podendo ser usado várias vezes mesmo após a demolição, não prejudicando o meio ambiente; diminui a poluição ambiental, já que a sua preparação, transporte e manuseio tende a ser feito *in loco*.

A construção com o uso da terra é econômico, tanto pelas ferramentas utilizadas durante o processo quanto devido ao valor do barro se compararmos a outros materiais de construção; é, ainda, um material à prova de fogo, visto que não é inflamável, garantindo assim maior segurança contra incêndios; possui uma baixa manutenção e boa durabilidade, já que a terra não entra em ciclos de degradação. Por fim, proporciona uma excelente proteção contra ondas eletromagnéticas de alta frequência.

Atualmente, segundo a UNESCO, 2014, cerca de 60% da população mundial vive em construções produzidas com a utilização do barro. Comprovando o quanto as construções com esse material são diversas e antigas, além de fazerem parte das mais múltiplas tradições, culturas e civilizações. Assim como, no território da Chapada Diamantina.

Com a imigração ocorrida principalmente a partir da descoberta das jazidas de ouro e diamante na região durante o século XVII, pessoas das mais diversas culturas, estados e países ocuparam o território. Com a hegemonia de seus modos de viver contribuíram com a formação da sociedade local. Cujas integrações, permitiu a criação de um rico patrimônio, com uma pluralidade em culinária, festividade, ofícios e saberes, tradições, religiosidade e arquitetura.

A arquitetura tradicional da região por longos anos se caracterizou por uma arquitetura vernacular (Imagens 16,17,18,19 e 20). Sofrendo influência não apenas da cultura dos novos habitantes locais que buscavam manter viva e dar segmento a preservação dos saberes de seus descendentes. Assim como, buscar usufruir dos materiais abundantes do território que envolviam a manipulação da terra, madeira, pedra e cal.

A arquitetura vernacular pode ser definida como uma tipologia de caráter local ou regional, na qual são empregados materiais e recursos do próprio ambiente onde a edificação está inserida. São, portanto, arquiteturas diretamente relacionadas ao contexto, influenciadas e atentas às condições geográficas e aspectos culturais específicos da sua inserção e, por esse motivo, surgem de modo singular nas diversas partes do mundo, sendo consideradas, inclusive, um dispositivo de afirmação de identidades (GHISLENI, Camila, 2020).

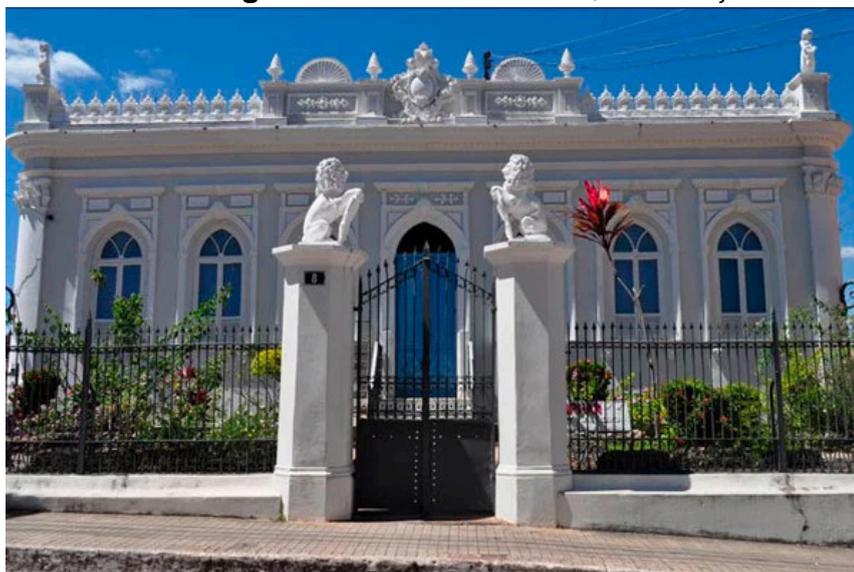
A execução dessa arquitetura na região se manteve por muito tempo devido a quantidade e excelente mão de obra dos mestres artífices do território que dominam os mais diversos ofícios: carpinteiros, pedreiros, marceneiros, serralheiros, funileiros, e trabalhos com a palha. Ao longo do tempo, os saberes e as técnicas construtivas tiveram sua transmissão realizada por via oral, passando de geração em geração, conseguindo chegar até os dias atuais, com muita relutância e persistência dos mestres, na tentativa de preservar e manter vivo a tradição para as novas gerações.

Imagem 16: Centro histórico de Lençóis-BA



Fonte: Transporte e Turismo, [s.d].

Imagem 17: Sede do IPHAN, em Lençóis.



Fonte: Guia de viagem Chapada Diamantina, [s.d]

Imagem 18: Vila de Igatu em Andaraí-BA



Fonte: Guia de viagem Chapada Diamantina, [s.d]

Imagem 19: Centro historico de Mucugê-BA



Fonte: Guia de viagem Chapada Diamantina, [s.d]

Imagem 20: Igreja Santa Izabel, em Mucugê-BA



Fonte: Guia de viagem Chapada Diamantina, [s.d]

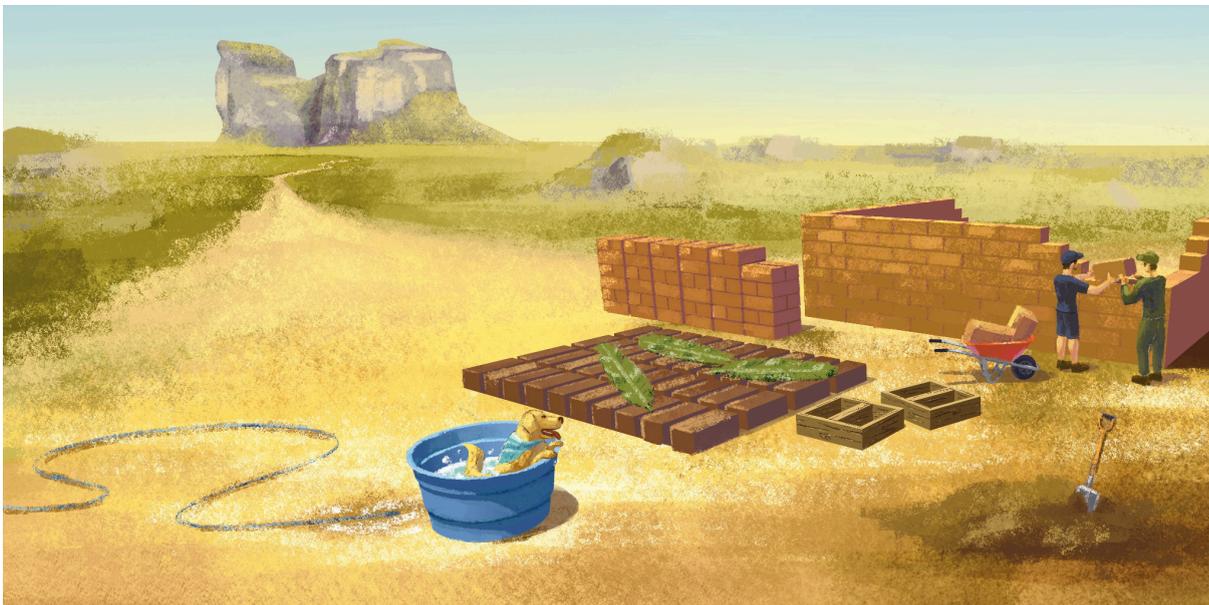
A tradição de construir com o barro é algo possível de se notar presente em todas as cidades da poligonal. Historicamente as regiões tendem a executar suas casas de acordo os materiais mais abundantes e com maior qualidade, disponíveis em cada localidade, influenciando assim, tanto o aprimoramento quanto a disseminação do ofício.

O contato com os mestres detentores desses saberes na região, através das entrevistas qualitativas realizadas, me permitiu compreender a fundo não apenas o modo de se produzir as técnicas, mas, toda a importância e relevância que elas possuem na vida dos artífices, quanto para a identidade territorial da Chapada, a partir de olhares de pessoas que cresceram exercendo a técnica. São histórias e estórias contadas com nostalgia, que em alguns momentos são ditas com alegria, já em outras com dores e feridas. Porém, sempre com orgulho e amor de exercer a profissão.

As técnicas produzidas com o uso do barro, são saberes que unem a comunidade em sua produção. O ato de pisar o barro, principalmente em zonas rurais da Chapada Diamantina, traz consigo uma festividade e alegria proporcionada no convívio em coletividade e são acompanhadas por uma boa música, bebidas e comidas, durante e após o preparo do barro. É pai, mãe, tio, filhos, vizinhos, papagaio, cachorro, todos unidos ao pisar o barro.

5.1 ADOBE

Imagem 21: Construindo com adobe.



Legenda: Ruan e mestre André construindo com o uso do adobe na Chapada Diamantina. Tijolos de adobe sendo produzidos no quintal ao lado da construção.

Fonte: Nycollas Augusto, 2023.

5.1.1 IBICOARA

Ibicoara (Imagem 22), localizado a 427,3 km de distância da capital Salvador (GOOGLE MAPS, 2023). Possui uma Área Territorial de 817,355km², população residente de 20.785 pessoas, densidade demográfica de 25,43 hab/km² (IBGE, 2022) e PIB per capita de R\$ 26.108,18 (IBGE, 2020). Com clima tropical de altitude e temperatura anual em média máxima de 23°C e média mínima de 19°C.

Imagem 22: Mapa ilustrado da cidade de Ibicoara- Ba.



Legenda: Mapa da poligonal de estudo com destaque para a cidade de Itaetê-BA.

Ilustração: Nycollas Augusto, 2023.

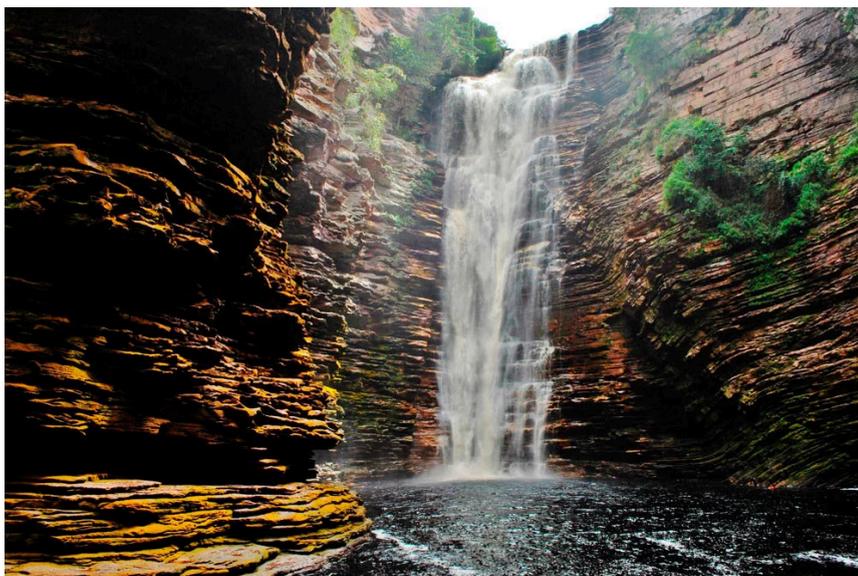
O município surge no início do século XIX, com a chegada de garimpeiros à procura de ouro. O povoado de São Bento, como inicialmente era conhecido, se tornou o ponto de descanso dos garimpeiros e tropeiros que viajavam para as cidades vizinhas. O território inicialmente possuía o nome de Igarassu e apenas na década de 1940 veio a se tornar distrito com o nome de Ibicoara, tendo sua emancipação de Mucugê no ano de 1962 (PREFEITURA MUNICIPAL DE IBICOARA, [S.D.]).

Atualmente a economia da cidade gira em torno da produção do café, com grande destaque para a produção do café orgânico que além de fornecer para o território da Chapada Diamantina é vendido também para a capital Salvador, outros Estados e até mesmo realizando exportações para países Europeus, especialmente a Itália. Além do café, tem se tornado um destaque na sede do município, o plantio de hortaliças, maracujá e morango. Destacam-se na região as festas tradicionais: Festa de S. Bento e Reisado, a festa junina e o carnaval (PREFEITURA MUNICIPAL DE IBICOARA, [S.D.]).

A cidade possui grande riqueza em belezas naturais, recebendo anualmente aproximadamente 20.000 turistas. As cachoeiras do Buracão (Imagem 23), Fumacinha (Imagem 24), Licuri, Véu de Noiva e do Rio Preto são alguns dos

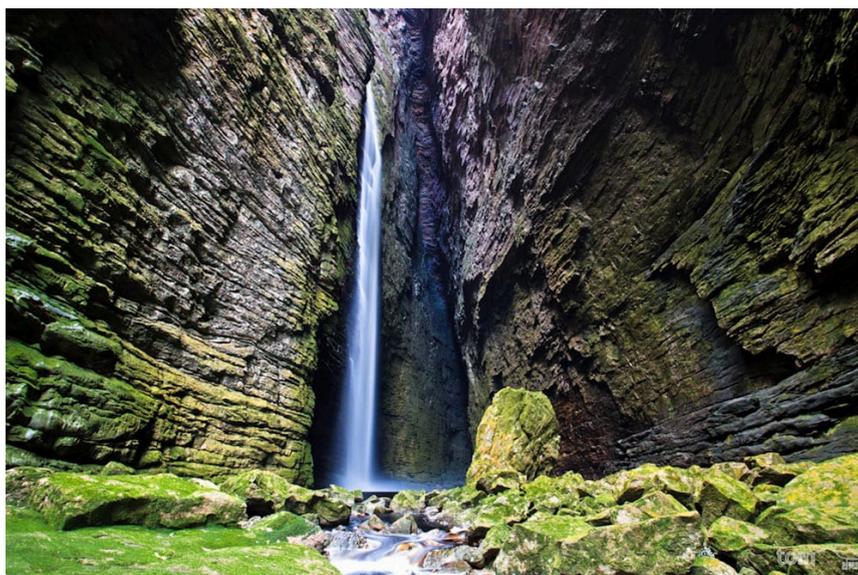
principais pontos turísticos de Ibicoara, as duas primeiras foram eleitas entre as mais belas do país (PREFEITURA MUNICIPAL DE IBICOARA, [S.D.]). Além de fazer parte do Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD), Ibicoara faz parte do Parque Municipal com o atrativo Parque do Espalhado. Porém, não há bens tombados pelo Estado, União ou Município na cidade.

Imagem 23: Cachoeira do Buracão em Ibicoara- Ba.



Fonte: Guia de viagem Chapada Diamantina, [s.d].

Imagem 24: Cachoeira da Fumacinha em Ibicoara- Ba.



Fonte: Chapada Adventure, [s.d].

5.1.2 MESTRE ANDRÉ MEDEIROS

Imagem 25: Mestre André Medeiros.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Mestre: André Medeiros da Silva

Cidade: Ibicoara-Ba

Idade: 36 Anos

O povo quer construir é de concreto, com a tradicional alvenaria, o povo vai fazer uma casa e usa piso cerâmico (MEDEIROS, 2023).

André Medeiros (Imagem 25) é mestre artífice da técnica construtiva adobe, possui 36 anos e mora na cidade de Ibicoara, no povoado Mundo Novo. É agricultor, eletricitista, casado com a nativa Edna Marisa e não possui filhos. André nasceu em Salvador, mas vive em Ibicoara a 12 anos. Aprendeu a técnica quando tinha doze anos de idade, saber transmitido por sua avó. Recorda-se de crescer em uma casa feita de adobe e de ter sempre pessoas à sua volta que a produziam. Lembra com nostalgia de sua infância quando passava as férias na casa dos avós no interior da Bahia, que também era construída de adobe.

Define o saber como *“Uma técnica de construção com barro utilizada há muitos e muitos anos aqui na Chapada, a qual as pessoas já nascem praticando, pisando o barro, ajudando seus familiares fazerem as construções”*. Essa fala revela a ligação afetiva que os habitantes da região possuem com este saber, como sendo um conhecimento transmitido de geração em geração, direta ou indiretamente, contribuindo assim na criação de uma identidade territorial de uma população e no seu modo de viver.

Ao ser questionado sobre a motivação de aprender o saber, o mestre relata que o fato de poder construir casas fazendo utilização de matéria-prima do próprio local foi o que lhe cativou, *"A terra está em todos os lugares né? A água você carrega na cabeça, e a forma se faz com facão se não tiver outras ferramentas para fazer bonitinho"*, diz sobre a facilidade de encontrar com abundância na região os materiais para produzir a técnica *"Temos tudo aqui, até o cabo da enxada a gente consegue aqui, não precisa vir de fora"*. Com a prática desta técnica ele pôde construir a atual casa da família.

A produção do adobe em comunidades rurais da região, foi marcada historicamente por um trabalho coletivo onde se reuniam em volta de um barreiro toda uma rede de apoio, contendo familiares, amigos e vizinhos, juntos com os pés no barro, unidos com o desejo de construir moradias para os seus. Um ato poético de coletividade, humanidade e altruísmo. A prática do saber não estava ligada apenas ao ato de construir, mas trazia consigo a festividade de se reunirem, de socializarem e posteriormente almoçarem juntos, como uma celebração. *"O barro unia as pessoas das comunidades"*.

Ao decorrer da entrevista, o mestre enfatiza com recorrência o sofrimento que é produzir essa técnica atualmente (Imagem 26). Diz o quanto requer força, disposição e preparo físico. *"O trabalho do Adobe vai do pisar o barro que é gostoso e prazeroso, mas é braçal e pesado!"*. Por mais que ache prazeroso ficar com os pés no barro, admite ser um trabalho bruto e pesado e que nem todos estão dispostos a colocar em prática, até mesmo porque quando se vai produzir, não é algo feito em pouca quantidade, de apenas um carrinho. Normalmente é uma ou duas caçambas de barro.

Por ser uma produto artesanal, acredita não ser valorizada na região. Diz que se for pra produzir esse saber, precisa ganhar de acordo com o esforço. E que a unidade deveria custar mais que o valor do bloco cerâmico, justamente por ser produzido manualmente. André não trabalha mais produzindo essa técnica, por notar essa falta de valorização. Diz que pessoas que vêm de fora para construir na região, quando contratam o serviço de um mestre, querem pagar apenas a diária, entre 50 a 70 reais. Ele acredita que essas pessoas aproveitam dos mestres locais, pelo fato de estarem no meio rural, pois julgam estar lidando com pessoas sem escolaridade, que desconhecem o valor de seus serviços, e muitos deles precisam se sujeitar ao trabalho barato porque precisam sustentar a família. Mas André se

recusa a se sujeitar a estar nesta posição, pois não se considera uma pessoa desinformada, reconhece o valor de seu serviço, e por essa razão prefere não exercer mais a profissão.

Afirma que *“Tem muita gente que chegou na região e estão fazendo o uso dessa técnica na construção de suas casas”*. É um saber que possui procura pelos novos moradores da região que pretendem construir na zona rural, mas que a própria população local que mora na sede de Ibicoara recusa-se a construir com adobe *“O povo quer construir é de concreto, com a tradicional alvenaria, o povo vai fazer uma casa e usa piso cerâmico [...]”*. Por serem produtos considerados socialmente como novos e estarem ligados ao progresso, evolução, status e conforto. Enquanto técnicas tradicionais, são, muitas vezes, tidas como regressão histórica, assim como, econômica.

Em seus relatos, afirma que Ibicoara atualmente se tornou um centro de bioconstrução. Pessoas de todo Brasil e estrangeiros que produzem ou querem aprender as mais diversas técnicas construtivas sustentáveis vão para a região. Ele acredita que ultimamente, o que ocorre na sociedade é a *“Gourmetização da Bioconstrução”*⁶ e diz ser contra esse movimento. Admite ser importante colocar em pauta os benefícios de se morar em uma casa feita com adobe justamente pelo conforto térmico e preço, mas não concorda da forma como estão sendo feitas e quais públicos estão atingindo. *“Eu não troco uma casa de adobe por uma de lajota, no inverno é quente, no verão é frio”*.

O mestre acredita que esse saber deveria ser considerado patrimônio do Parque pelo fato de historicamente as casas da região terem sido construídas com essa técnica. Em sua opinião, julga necessário que haja incentivo da população local em construir suas casas com adobe. Não necessariamente só deste material, até mesmo porque as pessoas querem utilizar novas tecnologias em suas construções, mas que poderia ter a junção entre as técnicas tradicionais com as novas. Ele usa como exemplo as casas de alto padrão que estão sendo construídas na região por não nativos, que fazem usos dessas técnicas tradicionais em casas com

⁶ Termo utilizado pelo mestre André para definir o ato da bioconstrução estar se tornando um produto sofisticado para elite, agregando um maior valor às técnicas construtivas. Podendo essa *gourmetização* e interesse por ela, ser algo temporário com influência midiática muitas vezes desconexa com os propósitos das construções sustentáveis. Pois, compreende-se que a bioconstrução vai para além da construção civil com produtos da natureza, sendo ela um dos produtos da permacultura, a qual incentiva o respeito à natureza e seu uso de forma equilibrada e respeitosa.

características modernistas. Essas construções são feitas por nativos que dominam a técnica construtiva ou por novos moradores da região, que ao se mudarem, normalmente fazem cursos de bioconstrução e decidem trabalhar com os saberes.

Imagem 26: Visita realizada ao mestre André.



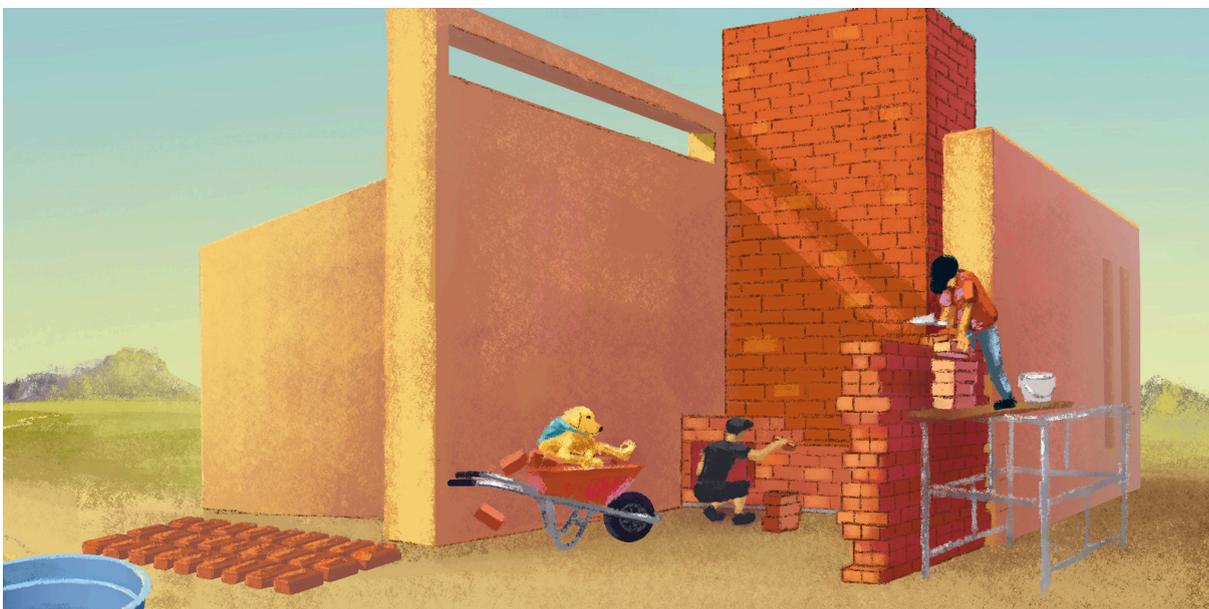


Legenda: Registros fotográficos realizados durante a entrevista com o mestre André sobre a produção do Adobe.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

5.2 TIJOLINHOS

Imagem 27: Construindo com tijolinhos.



Legenda: Ruan e mestre Aparecido levantando paredes com uso do tijolinho.

Fonte: Nycollas Augusto, 2023.

5.2.1 PALMEIRAS

Palmeiras (Imagem 28), localizado a 446,1 km de distância da capital Salvador (GOOGLE MAPS, 2023). Possui uma área territorial de 737,454km², densidade demográfica de 12.79 hab/km² e uma população residente de 10.339 pessoas (IBGE, 2022), e PIB per capita de R\$ 10.499,75 (IBGE, 2020).

Imagem 28: Mapa ilustrado da cidade de Palmeiras- BA.



Legenda: Mapa da poligonal de estudo com destaque para a cidade de Itaetê-BA.

Ilustração: Nycollas Augusto, 2023.

A cidade surgiu em meados do século XIX, mas apenas no final de 1890 ela foi elevada a Villa, com o nome Villa Bella das Palmeiras. Possui clima seco subúmido, semi-árido e úmido subúmido. É uma cidade pequena, porém com grandes riquezas festivas e belezas naturais. Destaca-se pelo seu carnaval (Imagens 29.1 e 29.2), sendo a festa mais antiga e tradicional da cidade. O Carnaval de Palmeiras existe desde 1926 e foi o primeiro da Chapada Diamantina, atualmente é considerado por muitos como sendo o melhor da região. As tradições religiosas também se destacam pela festividade, na Trezena de Santo Antônio é celebrado 13 noites com muita comida junina e forró, é também tradição na cidade a festa do Senhor Bom Jesus, padroeiro da cidade, reisado, terno de reis, lamentação das almas, terno das rosas (PREFEITURA MUNICIPAL DE PALMEIRAS, [S.D.]).

O Morro do Pai Inácio (Imagem 29.3), um dos pontos turísticos mais famosos do Parque Nacional, fica localizado em Palmeiras. Outro ponto turístico bastante procurado na cidade é o seu distrito Caeté-Açu, mais conhecido como Vale do Capão (Imagem 29.4), que fica a 24km da sede. Palmeiras ainda se destaca pelas suas cachoeiras, sendo elas: Cachoeira da Fumaça (Imagem 29.5), com queda d'água de 340 metros, sendo considerada uma das mais altas do Brasil; A Cachoeira da Conceição dos Gatos, localizada no Povoado de Conceição dos Gatos, com 40 metros de altura e a Cachoeira do Riachinho localizada há 4 km da Vila de Caeté-Açu, com 12 metros de altura, ideal para banho e assistir o pôr-do-sol (PREFEITURA MUNICIPAL DE PALMEIRAS, [S.D.]).

A cidade possui como bens tombados pelo Estado o seu Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico. O Conjunto Paisagístico do Morro do Pai Inácio é tombado em nível nacional. Possui ainda 25 bens tombado pelo Município Prédio da Prefeitura Municipal, Prédio do antigo Fórum Ruy Barbosa, Mercado Municipal, Igreja de Bom Jesus (Imagem 29.6), Igreja de Nossa Senhora das Graças, Prédio Escolar Juracy Magalhães, Palacete dos Macedos, Casarão dos Alves, Casarão de Agripino Batista, Sobrado dos Araújo, Sobrado Carlos Cathalá, Casarão Antônio Gonçalves, Casarão Esther Daltro, Casarão dos Gonçalves, Casa dos Alcântara, Casa dos Belos, Casarão dos Ramos, Casarão dos Daltro, Casarão de Célia Rocha, Casa dos Carvalhos, Casarão de Antônio Lima, Casarão Joaquim Pinto, Solar Barão Grão Mogol – Sítio São Gonçalo e o Largo 2 de julho (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017, p.291).

Imagem 29: Palmeiras-Ba.





29.1) Carnaval de Palmeiras-BA em 1937. Prefeitura Municipal de Palmeiras, 2021. 29.2) Carnaval de Palmeiras-BA em 1937. Chapada News, 2023. 29.3) Morro do Pai Inácio em Palmeiras-BA. Guia de viagem Chapada Diamantina, [s.d]. 29.4) Distrito Caeté-Açu (Vale do Capão) em Palmeiras-BA. iBahia, 2023. 29.5) Cachoeira da Fumaça em Palmeiras-BA. Chapada Adventure, [s.d]. 29.6) Igreja de Bom Jesus em Palmeiras-BA. Mapio.net, [s.d].

5.2.2 MESTRE MÁRIO APARECIDO

Imagem 30: Mário Aparecido.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Mestre: Mário Aparecido Batista de Souza

Idade: 47 Anos

Cidade: Palmeiras-BA

Aqui na cidade praticamente, é bem devagar. Só mesmo o pessoal da zona rural e o pessoal de fora, os gringos que vem muito atrás. Os que fornecem muito aqui a gente são eles viu, realmente eles gostam bastante, vem pra região, vem construir e pedem mesmo, bastante! (BATISTA, 2023).

Aparecido de Souza (Imagem 30) é mestre artífice da técnica Tijolinhos de barro. Possui 47 anos, seis filhos, e mora em Palmeira-Ba, cidade na qual nasceu e se criou. Aparecido atualmente é o único mestre do Parque que ainda possui olaria deste saber, estando com ela há mais de 30 anos. Aprendeu a técnica ainda jovem, com seu pai e tios, quando tinha por volta dos 18 anos de idade. *“Naquela época eles já faziam, aí foi passando de pai para filho, de tio para sobrinho”*.

Diz que eles sempre motivaram os mais jovens a aprender o saber, falavam que *“-Bora trabalhar, pra criar a família!”*, lembrando com nostalgia. Passar o saber para as futuras gerações era uma um ritual de transição para a vida adulta. Pois juntamente com o ensinamento da técnica, estavam dando uma profissão para os mais jovens. Ensinavam o valor e a importância do trabalho na vida de um homem.

Além dos incentivos dos mais experientes, o mestre diz o quando observá-los praticando o saber, cativaram ele e os amigos. Era atrativo vê-los pisando o barro, trabalhando em coletividade.

Antigamente a gente via o pessoal fazendo, a gente achava bonito, que na verdade é maravilhoso mesmo fazer isso aí”, “A gente via eles fazendo, se interessamos naquela coisa de pisar no barro, a gente menino ainda (BATISTA, 2023).

Aparecido relata que quando iniciou na profissão, não ganhava quase nada, era mais pela diversão de estar na olaria com os amigos e família produzindo o saber.

Antigamente a gente fazia, sem ganhar praticamente quase nada, só mesmo por diversão (BATISTA, 2023).

Ao ser questionado sobre o surgimento dos tijolinhos na região, ele diz que são algo presente há muito tempo no parque. Que os pais dos seus pais já produziam. E o surgimento veio através das necessidades dos construtores mais velhos de um produto mais prático, eficiente e esteticamente bonito nas novas construções.

Tem muito tempo, isso já vem dos pais dos nossos pais né, aqui tem uns prédio escolar antigos que já são tudo feitos com isso aí, feito com tijolo[...], Naquele tempo não existia o bloco, aí inventaram o tijolinho, uma forma mais moderna de trabalhar com o cimento e ferragem nele, pra levantar a construção. Ele é feito só do barro, da natureza mesmo, barro e água (BATISTA, 2023).

O mestre relata o quão gratificante é trabalhar com essa técnica e o retorno financeiro que por muitos anos adquiriu ao produzi-la. Contribuindo significativamente no sustento de sua família. Através dela, conseguiu criar seus seis filhos, construir sua casa e comprar seus carros.

Ajudou bastante, hoje em dia eu vivo disso ainda, criei minha família toda com isso aí, produzindo essa técnica, e vivo até hoje, e gero emprego ainda para outros (BATISTA, 2023).

A olaria do mestre consegue produzir entre 500 e 700 tijolos por dia, esse número varia de acordo com a hora que ele e sua equipe dão início à fabricação (Imagem 31). Quatro pessoas já são suficientes para a execução do saber, uma única consegue produzir, mas o processo é mais lento, como afirma Aparecido.

Recorda que a um tempo atrás, existia na cidade mais de cinquenta olarias produzindo essa técnica, mas todos decidiram parar e só ele continuou. Relata que seus colegas de profissão decidiram fechar, na expectativa de encontrar um trabalho melhor e que conseguisse ganhar mais.

Todos achando que vão achar coisa melhor. Eu mesmo não tenho o que falar, tenho minha casa através disso aqui, tenho meus carros é disso aqui, tudo através disso aqui (BATISTA, 2023).

Ao ser questionado se seus filhos e os jovens da região possuem interesse em aprender o saber, o mestre relata que:

Não, porque geralmente eles querem coisas mais novas, querem estudar, é um trabalho pesado, é mesmo pros da antiguidade, que é gente mais forte, antigamente tem gente mais forte que hoje em dia. Os mais novos querem negócios mais leves, não demonstram interesse não (BATISTA, 2023).

Aparecido fala sobre o medo do desaparecimento da técnica construtiva no Parque, admite sentir a falta de pessoas que busquem aprender esse saber, para permanecer vivo na história da região. Por ser o último mestre com olaria a produzir, teme após sua morte não haver mais a produção dos tijolinhos, assim como as telhas de barro.

Eu acredito que logo logo vai desaparecer [...]. Inclusive ontem mesmo a gente estava falando: “-Quando Aparecido morrer, vai acabar aqui essa técnica, que ninguém mais faz” [...]. Tenho uns ajudantes aqui, mas a produção já é mais comigo (BATISTA, 2023).

A população local da zona rural ainda possui interesse em construir suas casas com os tijolinhos, mas as que moram na sede querem construir com os blocos, afirma Aparecido. O custo do bloco cerâmico é mais barato comparado ao do tijolinho e uma obra produzida com os blocos sempre acaba sendo mais rápida, fatores esses que afetam a escolha de quem vai construir.

As pessoas da zona rural dão mais importância a essa mais tradicional, as daqui (Sede) já procuram mais o bloco, porque esses aqui saem mais caros. Hoje em dia eles querem usar o reboco. Quem procura mais isso aqui, são aquelas pessoas que querem deixar aparente, que quer aquela coisa histórica, da antiguidade, quer deixar à vista (BATISTA, 2023).

O mestre chama atenção para o fato dos moradores da sede buscarem construir suas casas com o uso dos blocos cerâmicos, diferente dos gringos e dos não nativos que se mudam para a região e buscam introduzir esse saber na execução de suas casas. Como uma forma de ter contato com o que é nosso, eles enxergam isso como algo cultural do nosso território, da nossa identidade.

Aqui na cidade praticamente, é bem devagar. Só mesmo o pessoal da zona rural e o pessoal de fora, os gringos que vem muito atrás. Os que fornecem muito aqui a gente são eles viu, realmente eles gostam bastante, vem pra região, vem construir e pedem mesmo, bastante! (BATISTA, 2023).

Aparecido identifica essa técnica como um patrimônio histórico da região, compreende que a transmissão deste saber faz parte não só da sua família, como de todo um território. Cresceu com os pés e as mãos no barro produzindo, contribuindo na execução das casas espalhadas pelo Parque. Lamenta perceber que é o último mestre com olaria e não ver interesse dos mais jovens no aprendizado para prosseguir adiante a tradição. Diz que é uma técnica que facilmente pode ser introduzida em arquiteturas de alto padrão, que inclusive existem inúmeros projetos com ela. Gostaria que seus conterrâneos voltassem a construir suas casas utilizando ela e que não a deixassem presa apenas nos livros de história.

É um trabalho pesado, mas a gente gosta (BATISTA, 2023).

Imagem 31: Visita realizada ao mestre Aparecido.





Legenda: Registros fotográficos realizados durante a entrevista com o mestre Aparecido, sobre a produção dos tijolinhos.
Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

5.3 PAU A PIQUE

Imagem 32: Construindo com Pau-a-Pique.



Legenda: Ruan juntamente aos mestres Agnor e Dilma, finalizando a parede de pau-a-pique da fachada da casa.
Fonte: Nycollas Augusto, 2023.

5.3.1 ANDARAÍ

Andaraí (Imagem 33) está a 421,4 km de distância da capital Salvador (GOOGLE MAPS, 2023). Possui uma área territorial de 1.590,316km², população residente de 13.080 pessoas, densidade demográfica de 8,22 hab/km² (IBGE, 2022) e um PIB per capita equivalente a R\$ 8.934,80 (IBGE, 2020).

Imagem 33: Mapa ilustrado da cidade de Andaraí-BA.



Legenda: Mapa da poligonal de estudo com destaque para a cidade de Andaraí-Ba.

Ilustração: Nycollas Augusto, 2023.

A região tornou-se oficialmente cidade em 28 de abril de 1891 por ato do governador baiano José Gonçalves da Silva. A forte presença de pinturas rupestres na região indica que esta área foi ocupada por tribos indígenas (Cariris e Maracás), sendo eles os primeiros habitantes. O município possui dois distritos: Xique-xique do Igatu e Ubiraitá. Igatu, foi formado por garimpeiros oriundos de Santa Isabel do Paraguaçu e é conhecido internacionalmente por seu patrimônio cultural, arquitetônico e ecoturístico. Já Ubiraitá possui sua origem ligada à passagem de tropeiros e a formação de assentamentos e fazendas pecuárias e agrícolas (PREFEITURA MUNICIPAL DE ANDARAÍ, [S.D.]).

Na busca pelo diamante e ouro, muitos garimpeiros que atraídos pelas pedras preciosas que afloravam com abundância em Andaraí, começam a povoar a sede do município, que na época era parte de Santa Isabel do Paraguaçu, hoje atual

Mucugê. Ao se espalhar a notícia da fartura de diamantes no Rio Cumbucas (Mucugê), homens especialmente de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás viam para a região trazendo consigo suas famílias para habitar as Lavras Diamantinas. Esse período foi significativamente marcado pela presença do coronelismo no território. Os coronéis eram procurados para resolver todas as questões, desde as mais importantes as mais corriqueiras e que regiam a vida e destino de todos da região (PREFEITURA MUNICIPAL DE ANDARAÍ, [S.D.]).

Possui como atrativos: Pantanal dos Marimbus (Imagem 34.1), Gruta da paixão (Imagem 34.2), Gruta da Marota, Igatu, Balneário do Rio Paraguaçu, Cachoeira da Rosinha, Cachoeira do Ramalho, Cachoeira do Bom Jardim, Cachoeira Três Barras II e Rio Roncador.

A cidade está inserida no APA (Área de Proteção Ambiental) no APA Maribus/Iraquara. Faz parte da RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural) com o RPPN Saramandiba (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017, p.293). Possui como Bens tombados pela União o Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico de Igatu (Imagem 34.3), inclusive as ruínas de habitação feitas de pedra (Imagem 34.4) e a Área contígua de proteção do Centro Histórico de Igatu como um Bem tombado pelo Estado (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017, p.290).

Imagem 34: Andaraí-BA.





34.1) Pantanal dos Marimbus em Andaraí-Ba. Guia de viagem Chapada Diamantina, [s.d]. 34.2) Gruta da Paixão em Andaraí-Ba. Guia de viagem Chapada Diamantina, [s.d]. 34.3) Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico de Igatu em Andaraí-Ba. Blog Chapada, 2019. 34.4) Ruínas de Igatu em Andaraí-Ba. Ensinar história, 2017.

5.3.2 MESTRES AGENOR NETO E DILMA PAIXÃO

Imagem 35: Mestres Agenor Paixão e Dilma Paixão.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Mestre: Agenor Neto Moraes Santos Paixão

Idade: 37 Anos

Mestra: Dilma Paixão Santos Moraes

Idade: 38 Anos

Cidade: Andaraí-BA

Nós não tínhamos condições de construir com blocos, com o primeiro auxílio que saiu durante a pandemia, Dilma deu a ideia de comprarmos as telhas e construir a casa aqui na roça (SANTOS, 2023).

Agenor e Dilma (Imagem 35) são mestres da técnica construtiva Pau a pique. Ambos são casados, nasceram e se criaram em Andaraí, possuem 3 filhos e

residem atualmente na Comunidade de Cajueiro, zona rural da cidade. Tiveram contato com o saber ainda na infância, já que nasceram dentro de uma casa feita de pau a pique. Assim como relata Agenor *“Desde que eu nasci, a gente foi criados em uma casa dessa”*, e confirma Dilma em *“Eu e ele nascemos em uma casinha assim, então desde crianças e até mesmo antes da gente nascer, nossos pais já tinham ela e viviam nesta situação. Era um modo deles sobreviverem também”*.

Ambos relatam que aprenderam a produzir a técnica com os próprios pais e com a vivência na comunidade. Saber esse, que é transmitido de geração em geração de acordo com seus relatos, mas que possivelmente tenham sido trago para a região através dos quilombos ou indígenas, como sugere o mestre. Lembram com nostalgia de na infância contribuírem na execução de casas de parentes e amigos, que se reuniam para pisar o barro e levantar lares na comunidade.

Com o início da pandemia Covid-19, as questões financeiras afetaram de maneira significativa a vida da família, eles moravam de aluguel e ficaram desempregados. Eles já possuíam terreno na roça, onde tinham plantações e decidiram que a melhor alternativa naquele momento era tentar erguer uma moradia. Agenor relata que: *“Nós não tínhamos condições de construir com blocos, com o primeiro auxílio que saiu durante a pandemia, Dilma deu a ideia de comprarmos as telhas e construir a casa aqui na roça.”*, e que suas motivações em irem pra zona rural eram:

A gente correu pra roça assim não foi por medo da pandemia, a gente correu mais pra tentar se sustentar, como eu e ela tínhamos uma horta aqui, a gente sobrevivia da horta”, “Aqui foi um refúgio para a pandemia e para alimentação, e um local pra ficar, porque gostamos muito daqui (SANTOS, 2023).

Com pouco dinheiro em mãos, decidiram resgatar a técnica construtiva feita de barro e colocar em prática o sonho de ter a primeira casa própria. Imediatamente foram em busca da matéria prima para execução e colocaram as mãos na massa como relata Dilma *“Nós fomos pro mato tirar tudo e fizemos”*.

O casal deu início ao processo de construção, e posteriormente o pai do mestre ajudou na execução, *“Eu trazia as madeiras e meu pai vinha e amarrava, eu trabalhava fora na época, aí eu deixava amarrado um lado e depois ele vinha e dava continuidade”*. A casa ficou pronta em menos de um mês, uma construção que tinha dado início só com os dois mestres, e ao decorrer do processo foi recebendo ajuda dos familiares, amigos e vizinhos. *“Foi um máximo construir a casa - Dilma”*

Dilma cita e enfatiza a convivência e coletividade presente em Cajueiro: *"A gente trabalha em comunidade, nós mesmos aqui em família, a nossa comunidade é família mesmo. Algumas casas dos vizinhos, quem ajudou a bater o barro também foram a gente"*. Diz que a construção da residência da família, serviu como incentivo e inspiração para alguns dos vizinhos também construírem as suas, usando a técnica de pau a pique.

De acordo com os mestres, essa é uma técnica fácil de ser aprendida, porém trabalhosa de ser executada. É necessário força de vontade, coragem e prática em sua execução. Por mais que dê pra fazê-la sozinha, ela fica mais prazerosa quando produzida em mutirão, em comunidade. Gostar de ter as mãos e os pés na terra é requisito fundamental na prática desse saber. Eles iniciaram a obra com apenas duas pessoas, e ao término possuíam toda uma rede de apoio na execução. *"Tem limite não, iniciamos com duas pessoas e ao decorrer do processo, terminamos com um mutirão. - Agenor"*

Dilma chama atenção para adaptação que esse saber sofreu ao longo do tempo, ela recorda que antigamente as varas entrelaçadas eram amarradas com tiras de couro, e que atualmente ela observa que o cipó, borrachas, arames e mangueiras de irrigação vem sendo utilizados na construção substituindo o couro. Em sua construção utilizou bastante pedaços de mangueira, justamente por possuir com abundância na roça.

Os mestres relatam que após a finalização de sua casa, receberam visitas de pessoas propondo ajudar a família a construir uma casa de blocos. *"Inclusive veio uma pessoa aqui e nos prometeu uma casa, dizendo que um de seus projetos era mudar as casas feitas com essa técnica"*. Ao serem questionados se essa proposta veio de alguém que trabalha na prefeitura ou governo, responderam que não, eram pessoas normais, querendo fazer doação e caridade.

Eles chegam aqui e ver você morando em uma casinha dessa, eles querem dar estrutura para morar em uma de bloco [...]. Acham que porque a gente fez uma casinha dessa, a gente não tem condições, não vou dizer que a gente tem condições, mas na época estávamos desempregados (MORAIS, 2023).

Ao serem questionados se a técnica de Pau a Pique é valorizada na região, os mestres confirmam que não. Que a população local atualmente não busca produzir suas casas com esse saber. Apenas na zona rural que ainda se vê construções com ela. Agenor relata que no centro de Andaraí onde possui casarões

históricos são construídos com as técnicas de adobe e pau a pique, mas fora elas, as demais construções são feitas com blocos cerâmicos.

Relatam que consideram esse saber um patrimônio da região e que deveria ser mais valorizada pela população local. Acreditam que uma das formas de permanecer com essa prática é os nativos acrescentarem de alguma forma em suas construções, fazendo uma releitura dela em projetos contemporâneos, porque esse saber pode sim, ser utilizado em casas de alto padrão. Apontam também a importância de pesquisas como essa serem produzidas, abordando a temática da preservação e manutenção desse saber tradicional do parque. Mencionam que estudos como esse precisam alcançar o mundo e principalmente a região, como forma de educar a população local sobre a relevância do patrimônio na construção de nossa identidade cultural.

Os mestres enfatizam a participação dos filhos no processo da construção do lar e sobre a importância de transmitir esse saber a eles. Agenor e Dilma aprenderam a técnica quando crianças e acreditam na importância de seus filhos serem detentores deste conhecimento também. Se porventura um dia se tornar necessário, não ficarão sem lugar para morar, pois saberão construir com as próprias mãos suas casas. Dilma expõe com orgulho e admiração *“Vai ter na lembrança deles, porque teve a mão deles, eles ajudaram na construção”*. Finalizada a casa, seus filhos sozinhos construíram no quintal um pequeno espaço para brincarem, utilizando a técnica de pau a pique.

Atualmente o casal está construindo uma nova casa no próprio terreno, porém não derrubaram a de pau a pique, eles pretendem deixar erguida, como lembrança de sua história e para que os filhos tenham um espaço para brincar.

A gente vai mudar de casa mesmo porque Deus já nos abasteceu mais um pouquinho, e temos crianças também, eles vão crescendo, querem um lugar melhor pra ficar (MORAIS, 2023).

Mas admitem que vão sentir saudades da casa atual, principalmente pelo conforto térmico que ela proporciona, como declara Dilma *“Uma diferença da casa de bloco para casa de pau a pique, é que a casa de pau a pique aqui fora pode tá o calor que for, você entra lá, tá friozinho. E uma casa de bloco não é a mesma coisa, essa é a diferença total”*.

Imagem 36: Visita realizada aos mestres Agenor e Dilma.

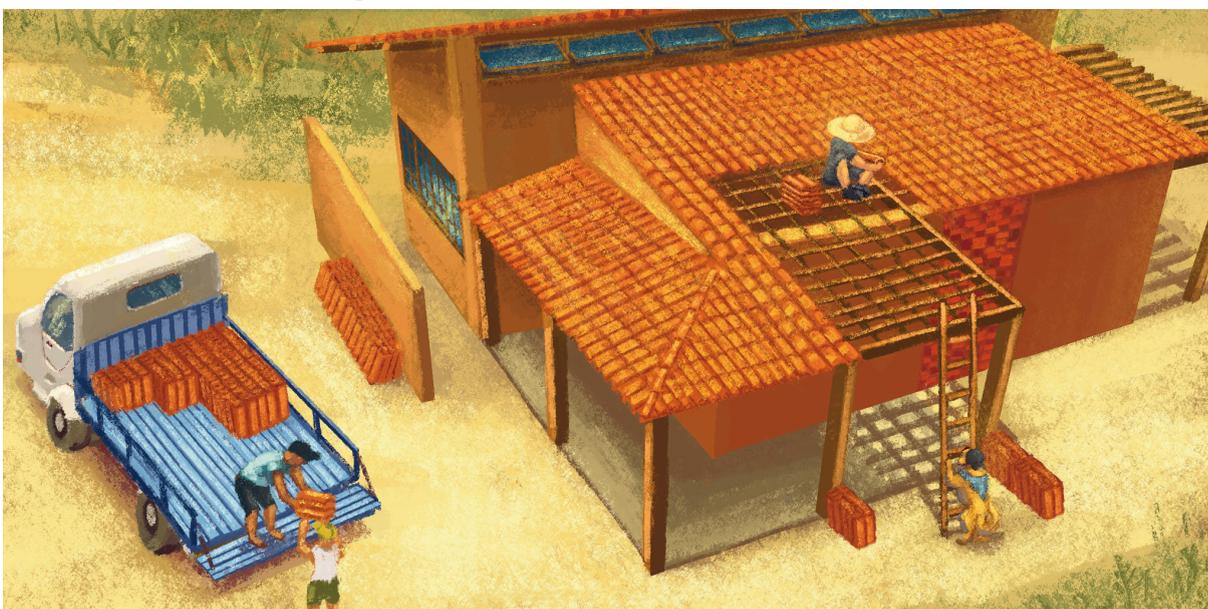


Legenda: Registros fotográficos realizados durante a entrevista com os mestres Agenor e Dilma, sobre a produção do pau a pique.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

5.4 TELHAS ARTESANAIS

Imagem 37: Cobertura com telha cerâmica.



Legenda: Ruan finalizando a cobertura de sua casa com telhas industriais. Ao lado, caminhão descarregando telhas industriais.

Fonte: Nycollas Augusto, 2023.

A produção das telhas artesanais com a utilização do barro, foi umas das técnicas tradicionais da Chapada Diamantina comumente utilizadas na execução das construções da região durante seus anos de desenvolvimento social e econômico. Por muitos anos elas foram a principal ferramenta utilizada nas coberturas das obras da região, sendo ela um importante elemento que compõe e caracteriza a arquitetura colonial brasileira, período esse, no qual houve o desenvolvimento desse território de estudo.

O uso dessa técnica na execução das obras, além de auxiliar na promoção de moradias, foi por muito tempo uma fonte de renda de mestres artífices, que com a fabricação desse saber em suas olarias, promoviam o sustento de suas famílias. Assim como as demais técnicas, acredita-se que essa também tenha sido um conhecimento transmitido de pai para filho, passado de geração em geração, com o intuito tanto de promover renda, como em dar uma profissão aos novos descendentes.

Hoje, na poligonal de estudo, já não há presença de olarias que produzem esse saber. Através de levantamentos de informações com moradores, artífices, guias turísticos e referencial bibliográfico, observa-se a inexistência de olarias com fabricação de telhas ou de mestres produzindo esse material de forma autônoma. Acredita-se que com o surgimento de lojas de material de construção na região, aliado a criação de telhas com novos recursos tecnológicos, tenha contribuído com que houvesse uma queda gradativa na produção dessas telhas, até chegarmos ao cenário atual de desaparecimento da produção do saber.

Por essa razão o presente tópico não possui entrevista com mestre artífice detentor desse saber, assim como a introdução da cidade onde estaria inserida, como se pode observar nos demais textos. Também não foi possível a criação da cartilha, visto que a mesma é produzida através das memórias e ensinamentos transmitidos pelo mestre entrevistado.

A Chapada Diamantina possui atualmente um turismo predatório, o qual faz uma sobreposição de interesses comerciais à população local. Com o surgimento dessas novas lojas, acaba indiretamente banindo tradições, costumes e técnicas

tradicionais quando se faz o incentivo do uso de materiais mais práticos e rápidos para construção civil. LINS, EUGÊNIO (2017) relata que:

O saber dos mestres envolve alguns ritos de festejos, tradições garimpeiras, práticas ancestrais de comunidades negras, trabalhos em mutirão, que marcam a vivência coletiva, ritos de festividades, preparação do alimento, e que, de repente, são suprimidos porque todos estão envolvidos em outras coisas mais inovadoras: tijolo pronto, janela pronta, fácil e rápida.

Com a utilização desses novos produtos nas obras, com o intuito de promover construções mais rápidas e ágeis, as técnicas construtivas e de acabamentos tradicionais da região, sejam elas feitas com barro, pedra, madeira, ferro dentre outros, passam estar sujeitas e expostas ao desaparecimento, assim como ocorreu com as telhas barro. Se não houver procura, não haverá oferta e mão de obra.

Esse pensamento vai de encontro com a uma das conclusões da Declaração de Tlaxcala de 1982 ao afirmar que:

A introdução de padrões de consumo e de comportamento estranhos às nossas tradições, que abrem caminho através dos múltiplos meios de comunicação, contribui para a destruição do património cultural pelo encorajamento do menosprezo pelos nossos valores próprios, especialmente nos pequenos povoados; por isso, são precisos governos, institutos de educação superior e entidades públicas e privadas interessados na Preservação do património que usem todos os meios ao seu dispor para contrariarem os efeitos desse processo.

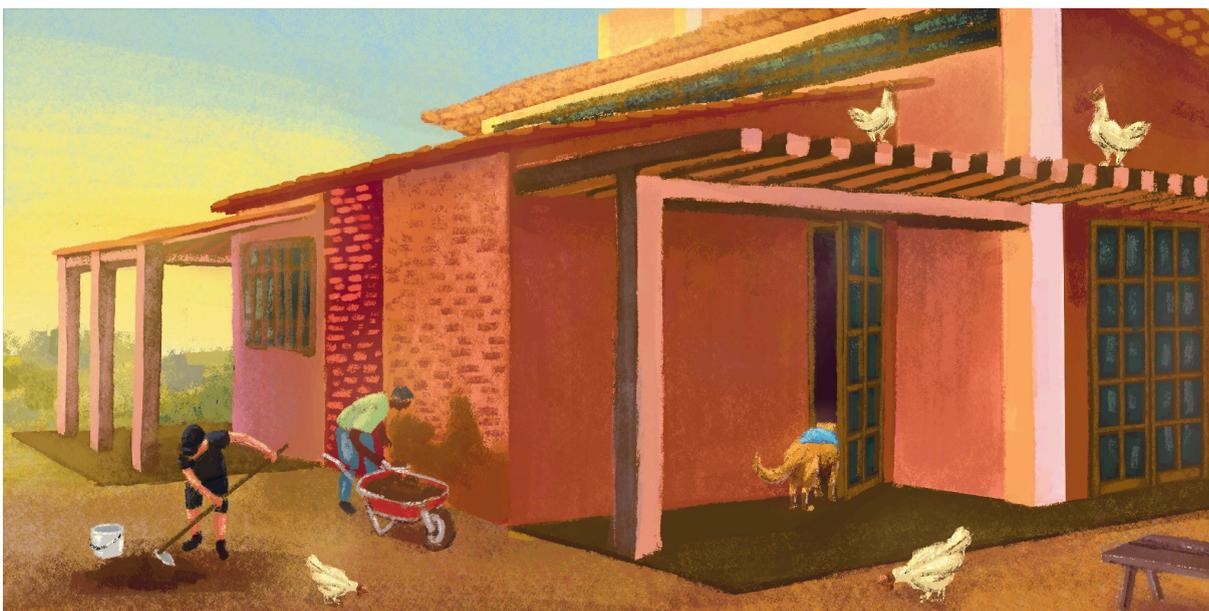
A Declaração de Tlaxcala foi criada durante Terceiro Simpósio Inter-Americano sobre a Conservação do Património Edificado dedicado ao tema da “Revitalização dos Pequenos Povoados”, organizado pelo Comité Nacional Mexicano do ICOMOS, entre os dias 25 e 28 de Outubro de 1982. O documento busca resguardar pequenos povoados de perigos que ameaçam o legado arquitetônico e ambiental, pois concluíram que:

- Os pequenos povoados são repositórios de formas de vida que carregam testemunhos das nossas culturas;
- A conservação e a reabilitação dos pequenos povoados é uma obrigação moral e uma responsabilidade para o governo de cada estado e para as autoridades locais, e que as respectivas comunidades têm o direito de partilharem a tomada de decisões sobre a conservação da sua vila ou aldeia, e de assumirem diretamente uma parte do trabalho relativo à concretização desta;
- O ambiente e o património arquitectónico dos pequenos povoados é um recurso não renovável e a sua conservação exige procedimentos cuidadosamente desenvolvidos que garantam que irão decorrer sem riscos de serem detidos ou distorcidos por motivo de conveniências políticas;
- As iniciativas com o objetivo de garantirem o bem estar das comunidades que vivem nos pequenos povoados devem ter a sua base no estrito respeito pelas tradições dos locais em questão e pelos seus modos de vida específicos. Eles também concordam que a situação de crise económica que actualmente afecta o continente não deve restringir os esforços para se preservar a identidade dos pequenos povoados;

- O ambiente tradicional dos povoados rurais e das pequenas cidades é para ser preservado, e se é para existir uma continuidade de expressão da arquitectura vernácula contemporânea, devem continuar à disposição materiais e técnicas tradicionais, e propõem que, onde eles não poderem ser encontrados, que sejam usados substitutos que não envolvam qualquer contraste que constitua ameaça aos efeitos visuais, e que preencham os requisitos quer das condições físicas e geográficas locais, quer do modo de vida das populações.

5.5 REBOCO

Imagem 38: Rebocando a parede.



Legenda: Ruan e o mestre Manoel, finalizando o reboco externo da casa.

Fonte: Nycollas Augusto, 2023.

5.5.1 ITAETÊ

Itaetê (Imagem 39) está localizado a 386,1 km de distância da capital Salvador (GOOGLE MAPS, 2023). Possui uma área territorial de 1.331,822 km², população residente de 13.472 pessoas, densidade demográfica 10,12 hab/km² (IBGE, 2022) e PIB per capita 6.963,24 (IBGE, 2020). Está situado a 399 metros de altitude e possui clima seco sub-úmido e sua temperatura média é de 23,3°C (CIDADE-BRASIL, 2021).

Imagem 39: Mapa ilustrado da cidade de Itaetê-BA.



Legenda: Mapa da poligonal de estudo com destaque para a cidade de Itaetê-Ba.

Ilustração: Nycollas Augusto, 2023.

Sua origem primordial remonta de uma povoação com nome de Tamanduá, localizada às margens do Rio Paraguaçu, aproximadamente no final do século XIX. Tornou-se município através da Lei nº 1.497, de 25 de setembro de 1961, assinada pelo Governador da época, Juracy Magalhães, possui como povoado: Bandeira de Melo, Alméciga, Bananeiras e Colônia. Seu nome é de origem indígena e significa “pedra duríssima”, seu desenvolvimento enquanto cidade se deu com ajuda dos tropeiros que contribuíram para que Itaetê viesse a se transformar em um importante centro comercial, sendo ponto de apoio para as tropas que vinham das lavras diamantina e das mais diversas localidades do alto sertão para a estação ferroviária (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAETÊ, [S.D.]).

A cidade possui como pontos turísticos o Poço Encantado (Imagem 40.1), principal atrativo e um dos mais belos cartões-postais da cidade, Cachoeira do Herculano, Pedra do Camelo (Imagem 40.2), Cachoeira Encantada, Cachoeira da Invernada, Cachoeira da Roncadeira, Cachoeira do Bom jardim e a Lapa do bode (Imagem 40.3) (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAETÊ, [S.D.]). Não há bens tombados pelo Estado, União ou Município em Itaetê.

Imagem 40: Itaetê-BA.

40.1) Poço Encantado em Itaetê-Ba. Foto: Rui Rezende, [s.d]. Guia de viagem Chapada Diamantina, [s.d]. 40.2) Pedra do Camelo em Itaetê-Ba. Prefeitura Municipal de Itaetê, [s.d.]. 40.3) Gruta da Lapa do bode em Itaetê-Ba. Guia de viagem Chapada Diamantina, [s.d].

5.5.2 MESTRE MANOEL CABRAL

Imagem 41: Mestre Manoel Cabral



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Mestre: Manoel Gonçalves Cabral

Idade: 59 anos

Cidade: Itaetê-BA

Dessas novas gerações para cá, depois que ampliou mais a construção com o bloco cerâmico, todo mundo esqueceu essa técnica de barro (CABRAL, 2023).

Mestre da técnica de acabamento reboco de barro e nativo da cidade de Itaetê-Ba, Manoel Cabral (Imagem 41) possui 59 anos, 4 filhos e é casado com Margareth Batista. Exerce a profissão de construtor civil há 28 anos, boa parte desse período trabalhando em São Paulo, onde mudou-se com sua família ainda na juventude em busca de prosperidade que uma cidade grande prometia. Entre idas e vindas, durante décadas, aumentava o desejo de retornar efetivamente à sua cidade natal. Aproximadamente a 11 meses retorna para Itaetê, dessa vez com objetivo de morar e passar o resto da vida.

Manoel, é um importante personagem e de valor singular para essa pesquisa, em instância da representatividade dos meus conterrâneos construtores que ainda na juventude, se veem na necessidade de saírem da região para grandes capitais, em busca de prosperidade, segurança financeira e uma promessa de qualidade de vida.

Relata que desde seus 18 anos de idade já realizava o ofício de construtor, aprendeu na região todas as técnicas que utilizavam o barro para a execução de casas. Saberes que serviram tanto para construir a própria moradia da família, quanto como ferramenta de sustento.

Com 18 anos a gente já começava a fazer isso, que a gente vem de família fraca, a gente não só construía, como também fazia para ganhar o dinheiro né?!; A cidadezinha pequena, a renda era pouca, a gente tinha que aprender fazer para sobreviver (CABRAL, 2023).

Aprendeu a produzir adobe com o pai, que era um excelente adobeiro na região. Porém, o mesmo não era construtor, apenas produzia os blocos. Manoel relata que sentia necessidade e interesse em aprender mais a fundo o ofício de construtor, e com auxílio de pedreiros mais velhos, pode se aprimorar na profissão. Inclusive, aprendeu o reboco com barro através de seus amigos construtores.

Foi através de muitos companheiros, trabalhando como ajudante, aí me interessei pela profissão, aí os companheiros iam me indicando. Aí tomei gosto e continuei [...], Eu aprendi fazer isso, cada dia que passou mais eu fui me especificando (CABRAL, 2023).

Esse relato do mestre, chama atenção pela forma como aprendeu a presente técnica de acabamento. Nas outras entrevistas aplicadas, é possível notarmos um padrão de ensino e aprendizagem, geralmente transmitida de pai para filho. Diferentemente dos demais, ele aprendeu com a comunidade, com artífices mais velhos da região, que não só lhe incentivava a aprendizagem, assim como, indicavam em obras.

Fiz muitas casas aqui na cidade com reboco de barro (CABRAL, 2023).

O mestre relata desconhecer a origem da técnica na região, que antes mesmo de seu nascimento, já era algo que se produzia no território. Diante disso, chama atenção o ato de desaparecimento do saber, visto que com o surgimento do bloco cerâmico e de sua popularização, tem influenciado diretamente que o reboco de barro venha a sumir, já que ele só pode ser aplicado em construções de barro.

Hoje o pessoal não usa mais o reboco de barro, hoje só a areia e o cimento. Mas o certo mesmo pra durar tempo é o reboco feito com barro, o barro só se dar bem com o próprio barro[...]; O pessoal não está usando mais hoje o adobe de barro, só o bloco cerâmico (CABRAL, 2023).

E diz notar, que mesmo quando se constrói com adobe ou pau-a-pique nos interiores da região, os moradores estão optando por realizar o reboco com cimento ao invés do barro. O que não é uma solução adequada, visto que “*O barro só se dá bem com o próprio barro*”. Tendo sua longevidade maior comparada ao acabamento com cimento em uma parede de barro. Assim como uma parede de barro não deve nunca ser rebocada com cimento, o mesmo acontece com paredes com blocos cerâmicos que não devem ser rebocadas com barro. Pois ao colocar o barro nela, se soltará.

Ninguém hoje quer mais saber disso [...]; Hoje até na zona rural está difícil, o pessoal está construindo tudo com bloco cerâmico hoje (CABRAL, 2023).

Manoel relata que as novas gerações da região não possuem interesse em construir suas casas com técnicas tradicionais e nem de aprender o ofício. Que com o surgimento das novas ferramentas e tecnologias de construção, as pessoas estão deixando de lado esses saberes.

Dessas novas gerações para cá, depois que ampliou mais a construção com o bloco cerâmico, todo mundo esqueceu essa técnica de barro.; Não existe mais o interesse de rebocar mais com massa com barro; A geração desses pedreiros de 25 anos pra cá, o cara já não trabalha mais com adobe de barro, não sabe mais nem o que é, sabe porque ver as casas aqui na cidade feita, que o pessoal tá desmanchando as casas de adobe hoje e fazendo de alvenaria de cerâmica (CABRAL, 2023).

Diz temer o desaparecimento delas na região, tanto por não haver procura pelos moradores assim como por não ter interesse das novas gerações na aprendizagem. Dois de seus filhos também se tornaram construtores e, por terem crescido em São Paulo, acabaram não aprendendo essas técnicas tradicionais da região. Ao questionar se eles em algum momento já demonstraram interesse na aprendizagem, manoel relata que não, mas que gostaria muito de ter a oportunidade de passar esses conhecimentos aos seus filhos, que enxergam essa transmissão por gerações, como algo cultural da região e gostaria de transmitir ela, mesmo sabendo que provavelmente nunca irão usa-las.

Não porque foram todos criados lá na cidade, na cidade não existe isso, só aqui mesmo na Chapada Diamantina e nos interiores, e hoje aqui mesmo na cidade não estão fazendo mais esse material. Mas lá onde eles aprenderam já foi coisa moderna, isso aí eles nem conhecem o que é.; Essa nova geração de hoje não quer aprender isso mais não, quer coisa mais fácil (CABRAL, 2023).

Fala da importância de preservar esses saberes tradicionais na região, para garantir a posteridade a oportunidade de conhecer e ter contato com elas. Assim

como, saberem a influência que possuíam para formação das construções do território e para identidade cultural da Chapada.

A geração de hj só conhece daqui pra frente, daqui pra trás, não conhecem nada. É que nem no tempo dos meus irmãos mais velhos, meus tios, do tempo deles para trás não conheço nada, é que nem meus filhos, daqui pra frente a geração nossa só conhece daqui pra frente, então tem que ter aquela prova, pra amanhã, depois falar assim “Olha, isso aqui aconteceu tantos anos atrás, era assim, dessa forma aqui (CABRAL, 2023).

Há 11 meses, Manoel retornou a morar em Itaetê, conta emocionado o quanto nos últimos anos sentia saudade de sua terra, que muitas vezes em São Paulo, se imaginava morando novamente em sua cidade natal, convivendo com sua família e amigos de infância.

Tem hora que eu, tava na cidade e ficava olhando assim “eu tô aqui distante 2mil km, lá do meu nordeste, tava sossegado, uma cidadezinha pacata, sem renda, sem nada, eu poderia tá lá na minha cidade” aí depois de 28 anos eu retornei, graças a Deus tô aqui (CABRAL, 2023).

Ao retornar, decidiu que iria construir uma casa para morar, e que ela seria feita com adobe e finalizada com o reboco de barro. Chegou a produzir 1.300 adobes, porém, acabou desistindo e decidiu construir com o bloco cerâmico devido a sua praticidade e agilidade.

Eu comecei a construir, ainda fiz 1.300 adobes para construir minha casa na roça, mas acabei desistindo, e adobão ficou perdido[...] e aí depois eu comprei os blocos, e fiz a casa com o bloco e o adobe ficou lá empilhado. O bloco é mais fácil de ocê levantar, você paga mais caro, mas a obra sai mais rápido (CABRAL, 2023).

Relata ainda ter interesse em realizar algo com esses adobes já produzidos, até o momento eles estão empilhados em seu quintal, mas está cogitando a possibilidade de fazer a garagem de sua casa, utilizando-os. Que além de servir como lembrança, poderá mostrar a seus filhos e netos quando forem visitar ele, poder mostrar como ele aprendeu a construir no início de sua carreira como construtor.

Fica como uma recordação pros nossos filhos, pros nossos netos. “Olha, aqui uma casa que meu pai construiu, aqui era reboco de barro, adobe de barro” é como se fosse um museu, entendeu?! então é uma peça de museu que fica ali pro resto da vida (CABRAL, 2023).

Manoel salienta a importância de preservar tanto o saber do reboco, assim como das demais técnicas tradicionais da região. Relata ter saudade de construir

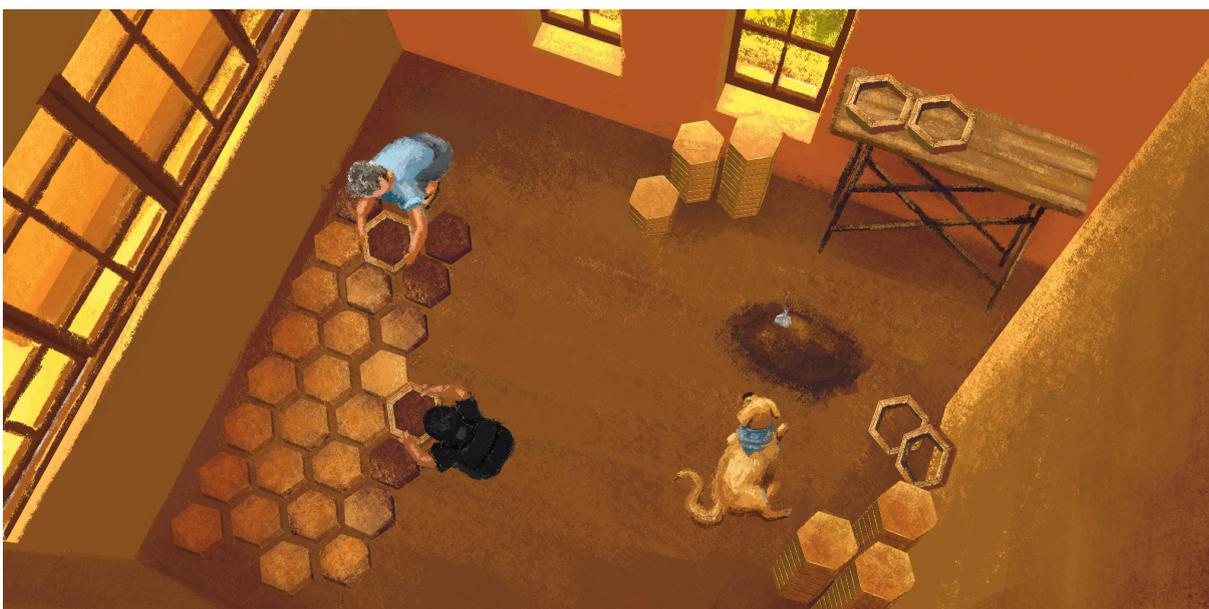
com técnicas de barro, que é algo que já não se vê mais nas cidades interioranas, muito menos em grandes capitais. Todos esses anos que moro em São Paulo, nunca executei obras usando esses saberes, e que vejo a necessidade de preservá-las, mesmo que seja nas lembranças, já que as pessoas não querem mais usá-las.

Diz enxergar essas trocas dos processos construtivos, como um movimento natural da humanidade, que sempre está em constante evolução. Compreende fazer parte as pessoas se interessarem e buscarem ter acesso a novas ferramentas e tecnologias que possam promover qualidade de vida de maneira mais fácil e ágil. E não acredita que essas técnicas tradicionais possam ser trabalhadas em uma arquitetura contemporânea. Cita como exemplo ser inviável construir prédios usando adobe, justamente pelo o peso do material, assim como é impossível substituir o uso do concreto por barro em vigas, pilares, lajes e sapatas de fundações.

Ao ser questionado, observa um interesse por parte dos turistas pelas técnicas construtivas, ele relata que não possui interesse, diz notar que apenas vem pra região em busca dos atrativos naturais como cachoeiras, rios e trilhas: *“Eles vem só curtir, pagar os dias que ficam na pousada, não possuem muito interesse na técnica (CABRAL, 2023).*

5.6 LAJOTAS DE BARRO

Imagem 42: Lajotas de barro para o piso da casa.



Legenda: Ruan e mestre Antônio produzindo lajotas de barro que serão utilizadas no piso interno da casa.

Fonte: Nycollas Augusto, 2023.

5.6.1 SEABRA

Seabra (Imagem 43) está localizado a 464,7 km de distância da capital Salvador (GOOGLE MAPS, 2023). Seu nome é uma homenagem ao antigo governador da Bahia, J. J. Seabra. É chamada por seus habitantes por “Cidade das Rosas” e está no centro geográfico do estado, destaca-se por ser considerada a capital da Chapada Diamantina, por possuir um comércio expressivo na região, além de abrigar o Hospital Regional da Chapada. Sua área territorial é de 2.402,170 km², possui uma população residente de 46.160 pessoas, sua densidade demográfica é de 16,60 hab/km² (IBGE, 2022) e PIB per capita de R\$ 12.464,77 (IBGE, 2020).

Imagem 43: Mapa ilustrado da cidade de Seabra-BA.



Legenda: Mapa da poligonal de estudo com destaque para a cidade de Seabra-Ba.

Ilustração: Nycollas Augusto, 2023.

Está situada próximo a importantes cruzamentos da BR 242, e aproximadamente 930 metros de altitude acima do nível do mar, possuindo um clima úmido a subúmido, durante todo o ano. Tem uma temperatura agradável, com média de 23 °C, chegando a 10 °C nos meses mais frios, considerada uma das mais baixas da região. A máxima já registrada chegou a 33 °C, sendo Novembro e Janeiro os meses mais chuvosos e os meses de Junho e Julho os mais frios do ano (PREFEITURA MUNICIPAL DE SEABRA, [S.D.]).

Seabra é composta por dois distritos: Várzea do Caldas e Jatobá. E 115 povoados, dos quais se destacam: Campestre, Mocambo, Bebedouro, Lagoa da Boa Vista, Velame, Cochó do Malheiro e Alagadiço. Possui como festejos tradicionais o São João do pega, Argolinha, Motocross e Vaquejada (PREFEITURA MUNICIPAL DE SEABRA, [S.D.]).

Possui como atrativos turísticos a Igreja Bom Jesus (Imagem 44), que é a terceira maior do mundo construída com quartzo rosa. Cavernas, ao total foram catalogadas 13 unidades na região. Lagoa da Boa Vista com sua arquitetura colonial e o complexo arqueológico do Alagadiço que é formado por 19 sítios com grande acervo de pinturas rupestres e um cemitério indígena o qual foram encontradas peças cerâmicas características dos rituais fúnebres dos índios que habitavam a região (SOUZA, EDSON, 2010).

A cidade possui como bens tombados pelo Estado: a vila do Campestre (Imagem 45), Cochó do Malheiro, Lagoa da Boa Vista, Povoado de Alagadiço e o Vale Paraíso (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017, p.292).

Imagem 44: Igreja Bom Jesus em Seabra-BA.



Foto: Tatiana Azeviche, [s.d].

Fonte: ALMEIDA, Luana, 2018.

Imagem 45: Vila do Campestre em Seabra-Ba.



Legenda: A esquerda a igreja de Nossa Senhora da Conceição (1847) a direita casas da povoado.
Fonte: Joana de Barro's blog, [s.d].

5.6.2 MESTRE ANTÔNIO CARLOS

Imagem 46: Mestre Antônio Carlos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Mestre: Antônio Carlos da Silva

Idade: 59 anos

Cidade: Seabra- BA (Povoado prata de baixo)

Tá ficando difícil a argila, ainda tem uns restos, mas esse negócio de IBAMA proibir, o povo não quer tirar mais, mas aqui pra nós está pouco (SILVA, 2022).

Antônio (Imagem 46) é mestre artífice da técnica de acabamento, lajotas de barro. Nasceu e foi criado em Seabra-BA no povoado de Prata de baixo, casado e pai de quatro filhos, sendo eles três mulheres e um homem. Aprendeu a técnica

ainda criança, com apenas sete anos de idade, saber transmitido pelo seu pai *“Desde criança, meu pai fazia, aí eu já comecei com meu pai, na idade de 7 anos”*.

Ao ser questionado sobre o que lhe motivou aprender o saber, relata que por ter nascido na região, durante aquela época não havia muitas carreiras a seguir, suas opções eram, se dedicar às plantações na roça ou trabalhar nas olarias. Com lamentação diz não ter tido oportunidade de concluir os estudos, dessa forma não restavam muitas alternativas para ele, o melhor seria seguir a carreira do pai.

Aqui antigamente era a profissão que tinha mesmo era isso, era roça e olaria, como a roça não dava pro ano todo.”, “E eu não consegui estudo, só estudei até a sétima série, aí não tinha uma profissão, e o melhorzinho era isso mesmo (SILVA, 2022).

Desde então, o mestre tem dedicado sua vida à produção das lajotas, as quais, ao longo dos anos contribuíram de forma significativa para o sustento de sua família e na criação de seus filhos: *“Isso aqui é tudo pra a gente, criei meus filhos tudo aqui, trabalhando.”*

Apaixonado pela profissão, Antônio atualmente é o único mestre da região que produz a técnica e que possui olaria, situada no fundo do seu quintal (Imagem 47). Por mais que não esteja localizada dentro do PNCD, está ao lado da poligonal e atende à demanda das cidades vizinhas, visto que boa parte do material encomendado e produzido na olaria, são destinados às construções realizadas no Parque, onde relata haver mais procura.

Por ser uma profissão que exerceu durante toda a vida, o mestre relata que ao longo do tempo o modo de produzir o saber, passou por adaptações. As fôrmas que antes eram produzidas com madeira, passaram a ser fabricadas de ferro, devido sua durabilidade e a sua precisão no detalhamento. As fôrmas de madeira se danificavam com facilidade e saiam do prumo quando caíam, molhavam ou quando se desgastavam ao passar o ferro do berimbau.

Não tinha tanto acabamento, era mais simples, aí foi mudando, de acordo a gente vendo o que ficava melhor, a freguesia ficava mais apurada, chegava e via um pouco mal feito e as vezes não queriam. Aí foi melhorando. Tinha que ter um padrão (SILVA, 2022).

Outra mudança realizada, foi começar a chanfrar as bordas das lajotas, para dar um acabamento mais sofisticado e para receber o rejunte, algo que no tempo do seu pai não se usava. Há vinte anos Antônio produz as lajotas com os chanfros.

Com as formas de madeira, era difícil encontrar um marceneiro que produzisse os chanfros dela da forma certa [...]; Antigamente bastava apenas desempenar com a tábua e alisava com a palma da mão mesmo, tem 20 anos que passou a produzir assim (SILVA, 2022).

Juntamente com seus ajudantes, ao longo dos anos Antônio criou novos formatos de lajotas, como: lua, estrela, rosa dos ventos etc.. São peças mais detalhadas e trabalhosas na execução, que são utilizadas como elemento decorativo de fachadas e paginação de piso.

O mestre relata sobre a dificuldade de encontrar na prata, o barro ideal para a execução do saber. Diz que onde costuma retirar, já está acabando e no outro lugar onde possui suficiente, o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) proibiu a extração da argila.

Tá ficando difícil a argila, ainda tem uns restos, mas esse negócio de IBAMA proibir, o povo não quer tirar mais, aqui pra nós está pouco (SILVA, 2022).

Diz que nas outras regiões da cidade e do Parque ainda encontra com facilidade o material, mas na zona rural onde mora, está tendo dificuldades. Ele ultimamente precisa comprar a argila, e o quanto mais distante ela vier, seu custo eleva.

Aqui antigamente tinha muito argila dessa aí, mas hoje em dia é comprada mais de fora (SILVA, 2022).

Na prata a argila boa que ainda se encontra é de coloração amarelada, mas as lajotas produzidas por Antônio são feitas com material mais escuro, avermelhado, inclusive são as solicitadas pelos clientes.

Acontece de ter argila boa, mas da cor amarela, na região da fazenda tem argila boa, mas da cor amarela (SILVA, 2022).

O mestre diz que a pouco tempo atrás, costumava vender lajotas por milheiro e não por metragem. Mas com a dificuldade de encontrar argila, com o reconhecimento de esforço no processo de produção e até mesmo através de incentivos de profissionais da construção, decidiu aumentar o valor de seu produto.

Logo nesse tempo mais atrás era muito barato, a gente vendia por milheiro e era muito barato, aí depois, alguns deles mesmo que viam comprar falavam: Moço, é muito trabalhoso, bota mais preço nisso aí. Tem que aumentar o valor (SILVA, 2022).

Relata que na cidade de Seabra possui pouca vendagem. Que costuma vender mais para as cidades vizinhas, aquelas localizadas dentro do Parque, como

Palmeiras, Mucugê e Lençóis. Regiões essas que possuem grandes atrativos turísticos. Salienta que a procura pelo seu produto é feita por aqueles que vêm de fora do Parque. Que se mudam para a Chapada Diamantina, constroem suas casas nas zonas rurais e querem incluir o saber em suas moradias.

Aqui em Seabra mesmo a vendagem é pouca, são mais para Lençóis, Mucugê, Capão (SILVA, 2022).

Em seu ponto de vista, não há valorização do saber pelos nativos, principalmente daqueles que vivem na sede das cidades. Nas zonas rurais a busca pelas lajotas é maior, visto que nas cidades as pessoas querem usar, cerâmicas e porcelanatos. *“Não dão valor, porque é uma coisa comum para eles”*.

Ao ser questionado sobre o valor patrimonial do saber para a região, o mestre diz que reconhece o valor e importância da técnica na construção da identidade da região e que a mesma deveria ser reconhecida como tal, perante sua população. Em suas falas, diz que considera um patrimônio por:

Considero, isso aqui é uma arte, não é qualquer um que sabe fazer. É um serviço de muita paciência, a pessoa tem que ser uma pessoa muito tranquila, não pode ser tão nervoso, se for nervoso, avexa certas horas e põe tudo a perder (SILVA, 2022).

Teme que a técnica seja acabada e esquecida pela posteridade. Pois percebe que seus conterrâneos além de não ter interesse em incluir as lajotas em suas construções, elas não querem aprender o saber. Seu filho chegou a aprender o ofício, mas largou a olaria porque arrumou emprego no centro da cidade. Relata que os jovens não veem beleza na profissão e como um meio de ganhar a vida.

Acredita que uma das formas de manter a tradição e produção do produto, é incentivar àquelas pessoas que já possuem aptidão em trabalhos manuais de artesanatos, exercerem a profissão.

É só incentivar quem já tem a vontade por artes artesanais, porque isso é um tipo de artesanato (SILVA, 2022).

Atualmente o mestre Antônio é o único da poligonal de estudo com olaria ativa. Seu trabalho por longos anos esteve presente nas mais diversas casas e famílias da região. Em entrevista diz que em breve pretende fechar a olaria, tanto pela sua idade quanto pela falta de argila em sua comunidade, dando assim, fim a tradição da execução do saber na região. Antônio durante a vida, contribuiu de forma significativa na criação da identidade cultural da Chapada Diamantina.

Imagem 47: Visita realizada ao mestre Antônio.



Legenda: Registros fotográficos realizados durante a entrevista com o mestre Antônio, sobre a produção das lajotas.

Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

5.7 CHÃO DE TERRA PILADA

Imagem 48: Pilando o Chão.



Legenda: Ruan e mestre Cláudio produzindo o chão de terra pilada da varanda.

Fonte: Nycollas Augusto, 2023.

5.7.1 MUCUGÊ

Mucugê (Imagem 49) está localizado a 449,4 km de distância da capital Salvador (GOOGLE MAPS, 2023). Possui como Bioma Caatinga, uma área territorial de 2.462,153 km², população residente de 12,137 pessoas, densidade demográfica de 4,30 hab/km² e PIB per capita de R\$ 65.937,26 (IBGE, 2022). É uma das cidades mais antigas da Chapada Diamantina e se destacou por ser um dos principais centros de exploração de diamante e ouro.

Imagem 49: Mapa ilustrado da cidade de Mucugê-BA.



Legenda: Mapa da poligonal de estudo com destaque para a cidade de Mucugê-Ba.

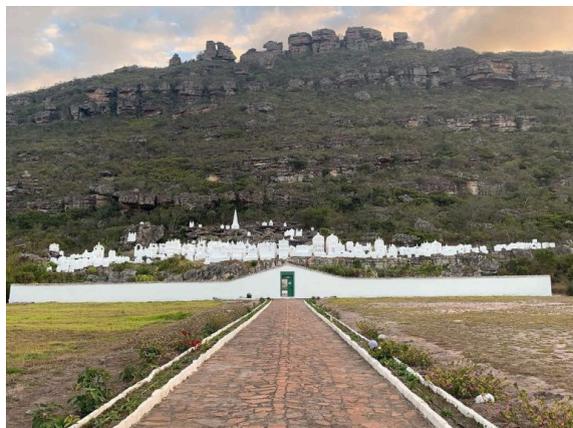
Ilustração: Nycollas Augusto, 2023.

Após a descoberta de jazidas na região em meados de 1884, houve um alto índice do crescimento populacional, garimpeiros dos mais diversos lugares se mudaram em busca do sonho da riqueza. Entre os anos de 1844 e 1848 estima-se que a população chegou a atingir mais de 30.000 habitantes (IPHAN, [S.D]).

O município é patrimônio brasileiro desde 1980. Possui como bens tombados pela união o seu Conjunto arquitetônico e paisagístico da cidade (Imagem 50.2) e o Cemitério Santa Isabel (Imagens 50.5 e 50.6), conhecido como Cemitério bizantino. Faz parte do seu acervo arquitetônico 300 casas térreas e 10 sobrados, com maioria delas de uso residencial com características da segunda metade do século XIX (IPHAN, [S.D]). Está inserida na RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural) com a RPPN – Adílio Paraguaçu Batista. Além disso, faz parte do Parque Municipal com o Projeto Sempre Viva (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017, p.293).

Possui como atrativos: o Parque Municipal de Mucugê, o Cemitério Bizantino, Museu do garimpo (Imagens 50.3 e 50.4), Cachoeira da Piabinha, Cachoeira do Tiburtino, Cachoeira das Andorinhas, Cachoeira Córrego de Pedras, Cachoeira da Moça Loira, Cachoeira dos Funis, Cachoeira da Fumacinha. Outro atrativo famoso e peculiar é o Alto do Capa Bode, local de contemplação no qual habitantes e turistas dizem já ter visto por alí objetos voadores não identificados (OVNIs) (IPHAN, [S.D]).

Imagem 50: Mucugê-BA.



50.1) Vista superior da cidade de Mucugê-Ba. **Foto:** Açony Santos. Guia de viagem Chapada Diamantina, [s.d.]. 50.2) Conjunto arquitetônico e paisagístico da cidade de Mucugê-Ba. IPHAN, 2015. 50.3 e 50.4) Museu do garimpo em Mucugê-Ba. **Foto:** Thaís Albuquerque. Guia de viagem Chapada Diamantina, [s.d.]. 50.5 e 50.6) Cemitério bizantino em Mucugê-Ba. Diário de Salvador, 2022.

5.7.2 MESTRE CLÁUDIO CÔRTEZ

Imagem 51: Mestre Cláudio Côrtes.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Mestre: Cláudio Côrtes Ferreira

Cidade: Mucugê (Povoado de Guiné) - BA

Idade: 61 Anos

O pessoal nem lembra, tem gente aqui que não gosta de lembrar que diz que tá lembrando de um mal, fala que já passou por necessidade, se sentem até mal, porque foi sofrimento que passou. Acabam evitando de fazer essa técnica, porque diz que tá insinuando o que eles passaram, sofrimento! (FERREIRA, 2023).

Cláudio Côrtes (Imagem 51), mestre artífice da técnica chão de terra pilada é nativo do povoado Guiné, localizado em Mucugê Bahia. Lugar esse onde viveu toda sua vida, constituiu família, criou seus três filhos, aprendeu sua profissão e construiu inúmeras casas. Desde muito jovem, com apenas 5 anos de idade, se recorda de ter contato com as técnicas construtivas tradicionais da região através do seu pai que também era construtor. Em suas lembranças, relata com nostalgia de ajudar juntamente com o irmão, o pai na construção da casa da família.

Aos 15 anos de idade passou a produzir a técnica de chão de terra pilada, o qual também aprendeu com seu pai, assim como a fabricação de telhas artesanais produzidas na antiga olaria da família. Por mais que o mestre tenha aprendido o ofício das telhas, admite que não chegou a trabalhar produzindo elas, que dedicou-se em tornar um mestre artífice com o uso das pedras. Ao ser questionado sobre as técnicas de acabamento para piso das casas, ele diz que na época haviam duas fortemente presentes: O chão de terra pilada, normalmente produzido para aquelas pessoas que possuíam baixo poder aquisitivo e as lajotas de barro, destinadas a famílias da região com mais suporte financeiro.

A falta de condições econômicas foi o principal fator motivacional para que o mestre aprendesse esse saber. Relata que durante sua infância, ele e as pessoas que conviviam ao seu redor possuíam baixo poder aquisitivo, e devido essa carência se viam na necessidade de pilar o barro no chão para tornar o ambiente mais habitável, na expectativa de diminuir a poeira na casa, o que em seu ponto de vista não funcionava muito bem, visto que quando seco ainda havia poeira na residência. O uso dessa técnica era a ferramenta mais acessível para que ele e sua família não vivessem em um ambiente com terra solta, já que a mesma pode acarretar inúmeras doenças.

Após seu casamento, em sua primeira casa construída o mestre utilizou desse saber para realizar o piso da moradia.

Quando me casei, a primeira casa que fiz, fui obrigado a fazer desse tipo, então me ajudou até eu arrumar um lugar melhor pra por meus filhos (FERREIRA, 2023).

Ao entrevistar o mestre, notei que seu relacionamento afetivo com o saber traz recordações negativas da vida no passado, marcada pela falta de acessos e oportunidades. Em seus relatos diz o quanto essa técnica simboliza para ele e seus conhecidos a materialização da dor, sofrimento e pobreza vivenciada a tempos atrás.

Acabam evitando de fazer essa técnica, porque diz que tá insinuando o que eles passaram, sofrimento! (FERREIRA, 2023).

A técnica de Chão pilado pode ser realizada por uma única pessoa, basta ter força, coragem e muita força novamente de acordo com o mestre. Durante toda sua jornada como construtor, Cláudio diz perder as contas de quantas vezes realizou esse trabalho no município, sendo também convidado para trabalhar nas cidades vizinhas do Parque. Ele diz que até hoje se for convidado para trabalhar com ela, ele a realizaria. Mas que jamais faria ela em sua própria casa.

É que a pessoa vai tomando medo do sofrimento (FERREIRA, 2023).

Cláudio fala da importância de preservar essa técnica como patrimônio da região, diz que é uma técnica de acabamento presente no parque há muito tempo:

Isso aí veio mesmo dos antigos até chegar ao ponto de eu alcançar, meu pai mesmo produzia essa técnica. Desde que eu me entendo por gente,

conheci o povo já fazendo isso, batendo o chão para morar, para criar seus filhos (FERREIRA, 2023).

Salienta a importância de passar esses conhecimentos para as futuras gerações e diz se preocupar com a manutenção da técnica, visto que os jovens de hoje em dia não possuem interesse em aprender, assim como o seu filho que não quis prosseguir com a profissão e desconhece esse saber. Em seu ponto de vista, para ser preservado, é necessário que a técnica permaneça viva nas construções da região.

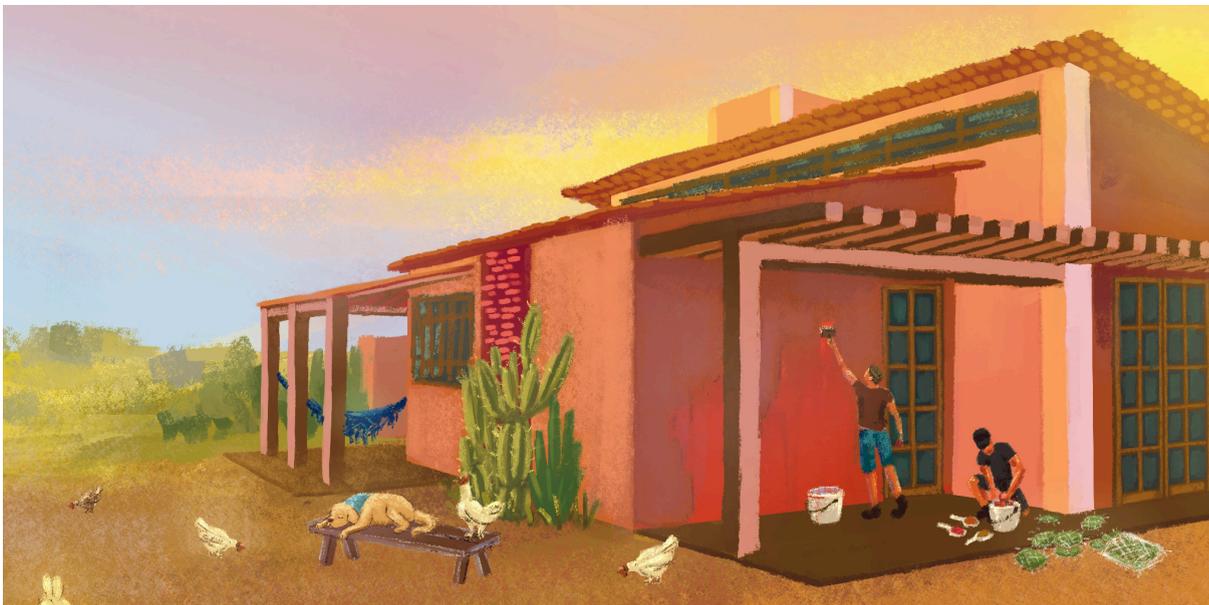
O mestre artífice diz ter notado que as novas construções feitas na região, por não nativos, têm buscado a utilização dessas técnicas tradicionais em sua construção. Ele acredita que o chão pilado pode ser utilizado em construções de alto padrão que inclusive esses conhecimentos tradicionais é que está valendo dinheiro hoje em dia.

O pessoal que vem, eles querem conhecer é isso aí (As técnicas que não conheceram), que das outras eles tomaram nojo [...] Hoje o pessoal se interessa mais é na cultura antiga (FERREIRA, 2023).

Mas ao questionar se os próprios habitantes locais, das cidades sedes têm construído suas casas com o uso das técnicas tradicionais, Cláudio afirma que não, as pessoas preferem fazer o uso de materiais construtivos da atualidade, aqueles que se encontram em lojas de materiais de construção.

5.8 TINTA DE ARGILA

Imagem 52: Pintura da casa.



Legenda: Ruan e mestre Nilton pintando a casa, com tinta produzida com argila.

Fonte: Nycollas Augusto, 2023.

5.8.1 LENÇÓIS

Lençóis (Imagem 53) está localizado a 417,5 km via BR- 242 de distância da capital Salvador (GOOGLE MAPS, 2023). Possui Bioma Caatinga e está situada a 457 metros de altitude. Sua área territorial é de 1.283,328 km², população residente de 10.774 pessoas, densidade demográfica de 8,40 hab/km² (IBGE, 2022) e PIB per capita de R\$ 11.275,17 (IBGE, 2020).

Imagem 53: Mapa ilustrado da cidade de Lençóis-Ba.



Legenda: Mapa da poligonal de estudo com destaque para a cidade de Lençóis-Ba.

Ilustração: Nycollas Augusto, 2023.

Com a descoberta de minas de diamante na região em 1845 se dá início ao povoamento da cidade, atraindo garimpeiros, comerciantes e senhores de engenho de diversos lugares com sonho de enriquecimento. Principalmente aqueles que já habitavam a região de Mucugê que ao descobrirem a existência de diamante no rio Lençóis, imediatamente se mudaram. Entre 1845 e 1871, tornou-se a maior produtora mundial de diamantes e a terceira cidade mais importante da Bahia. Além de ser para a Europa entreposto comercial, com exportação de produtos minerais e importação de artigos de luxo (IPHAN, [s.d.]).

Segundo a população local, o nome da cidade surge devido ao fato de se avistar do alto da serra durante este período histórico os tetos das barracas estendidas, como se fosse uma verdadeira “cidade de lençóis”. Em 1864 a vila foi elevada à categoria de cidade. Ao longo de sua existência, desenvolveu-se de maneira desordenada. *“A tipologia urbana é composta por uma trama irregular de ruas que se adaptam aos acidentes do terreno, intercaladas por pequenas praças e largos. O piso de algumas ruas é constituído da própria rocha que aflora no local.”* (IPHAN, [s.d.]).

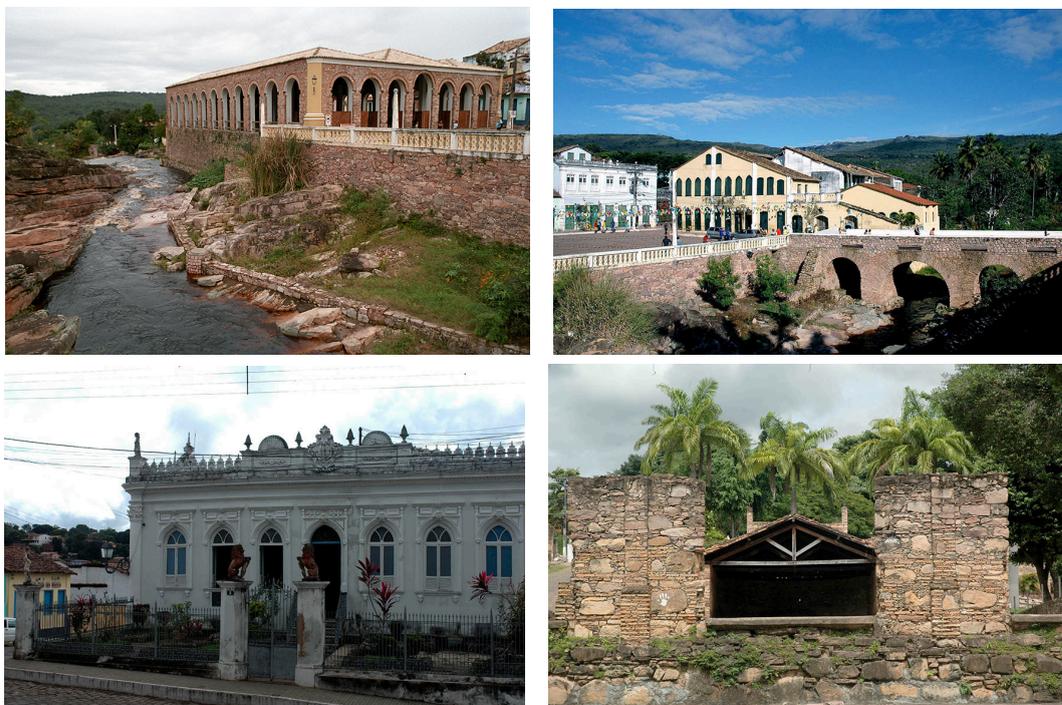
Possui o seu Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da cidade como bem tombado pela União e a Vila da Estiva, juntamente com a Vila do Barro Branco, como bem tombado pelo Estado. Faz parte da APA (Área de Proteção Ambiental)

com a APA Maribus/Iraquara, e possui Parque Municipal com o Parque da Serra de Muritiba (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017, p.290).

O acervo arquitetônico da cidade é composto por casas e sobrados da segunda metade do século XIX. Estão sobre proteção do Iphan 570 imóveis, com as mais diferentes técnicas construtivas, destacando-se o uso do adobe, pedra, e estruturas independentes de madeira com vedação em taipa de mão (IPHAN, [s.d.]). Destacam-se entre os monumentos a Praça Horácio de Matos, Mercado Público Municipal (Imagem 54.1), ponte sobre o rio Lençóis (Imagem 54.2), Prefeitura Municipal, imóvel onde funciona o Escritório Técnico do Iphan (Imagem 54.3), antigo Posto de Saúde, Teatro de Arena (Imagem 54.4), Igreja Nossa Senhora do Rosário, Igreja de Nosso Senhor dos Passos, Casa de Cultura Afrânio Peixoto e Anfiteatro, Biblioteca Pública, Arquivo Público, entre outros (IPHAN, [s.d.]).

Além desse rico patrimônio arquitetônico, a cidade possui como atrativos ecoturísticos: o Parque Municipal da Muritiba, Ribeirão do Meio, Poço do Diabo, Serra das Paridas, Cachoeira do Mixila, Cachoeira do Sossego, Cachoeira do Mosquito e Gruta do Lapão.

Imagem 54: Lençóis-BA.



54.1) Mercado Público Municipal em Lençóis-Ba. IPHAN, [s.d.]. 54.2) Ponte sobre o rio Lençóis-Ba. IPHAN, [s.d.]. 54.3) Escritório Técnico do Iphan em Lençóis-Ba. IPHAN, [s.d.]. 54.4) Teatro de Arena em Lençóis-Ba. IPHAN, [s.d.].

5.8.2 MESTRE NILTON CARVALHO

Imagem 55: Nilton Carvalho.



Fonte: Nilton Carvalho, 2023.

Mestre: Nilton de Carvalho Tranquilli Filho

Cidade: Lençóis-BA

Idade: 52 anos

Os três pilares principais da permacultura é cuidar das pessoas, cuidar da terra e repartir os excedentes, então essas técnicas que a gente aprende queremos passar para mais pessoas, eu me considero um permacultor (FILHO, 2022).

O mestre Nilton (Imagem 55), é conhecido na região como Niltinho, trabalha como guia de turismo e mestre das técnicas Adobe, Taipa de pilão, Tinta de argila (Imagem 56) , Superadobe, Hiperadobe e Tijolos ecológicos. Nasceu na capital baiana Salvador, porém vive em Lençóis há 30 anos. Aprendeu a técnica Tinta de argila há doze anos atrás através do curso PDC (*Permaculture Design Course*) realizado pelo Instituto de Permacultura da Bahia (IPB) sediado na cidade de Rio de Contas. A técnica de tinta aprendida por ele foi a tradicional, a qual fazia uso de cola branca na fabricação, mas ao longo de suas vivências e experiências Nilton encontrou uma forma mais econômica e sustentável de realizar o produto, mantendo o mesmo desempenho e mais acessível.

Em seu sítio Permasítio Licurioba, localizado no loteamento encontro dos rios, ele coloca em prática seus conhecimentos de permacultura assim como em casa de familiares, amigos e pessoas que contratam seus serviços. O trabalho com a técnica de tinta vem contribuindo com ajuda de custo de sua família. Ao realizar seu trabalho

nas comunidades, tem percebido que muitos dos habitantes desconhecem a existência do uso da técnica, que é comum no interior as pessoas usarem a mistura de água e cal na pintura de suas casas por ser algo barato, mas desconhecem esse processo de fabricação de tinta com argilas.

O fato de Nilton ser um mestre com domínio em várias técnicas construtivas e ter espírito de pesquisador, contribuiu com que ele aperfeiçoasse a tinta. Ele observou que a planta palma, cacto nordestino, quando cortada solta uma baba e quando misturada em água ela se torna um produto capaz de substituir a cola branca, um dos materiais importantes na elaboração da tinta tradicional da região, tornando o produto mais barato de ser fabricado e dessa forma ainda mais acessível.

Ao ser questionado se os moradores locais valorizam e dão importância a essa técnica, o mestre relata que não, que com a grande oferta de tintas industrializadas no mercado, a população local acaba sofrendo influência desses produtos. Diz que as pessoas hoje em dia estão muito presas a construções convencionais, que sempre que tem oportunidade leva elas para conhecer de perto o resultado de seus trabalhos na expectativa de apresentá-las uma nova proposta de pintura, sendo ela mais barata, acessível e ecológica.

Nilton acredita que o saber Tinta de argila é um patrimônio imaterial da Chapada Diamantina e faz parte da identidade de nosso território, mas que ao longo dos anos sofreu adaptações assim como essa feita por ele, onde substituiu o uso da cola branca pela baba de palma. O mestre relata a importância de transmitir o conhecimento deste saber. Acredita que a melhor forma de permanecer viva na comunidade é fazendo que o máximo de pessoas saibam fazer ela e aplicar em suas edificações. Diz da importância dessas técnicas serem levadas para espaços acadêmicos, colocadas em livros, artigos, palestras e principalmente em pautas de discussões e ensinamentos.

Em parceria com escolas da região, Nilton juntamente com professoras levam crianças e jovens para seu sítio onde realiza oficinas sobre permacultura. Conta que gostaria de ver sua filha praticando essa técnica assim como as filhas do Mestre Nagoy Sol, porém admite que sua filha não possui interesse em aprender a técnica. Nilton acredita que esse saber pode sim ser aplicado em arquitetura de alto padrão, que inclusive a maior procura da tinta atualmente são para essas edificações, visto que muitas pessoas de fora que vem construir suas casas na Chapada Diamantina

tem buscado cada vez mais a utilização dessa técnica regional em suas construções.

Imagem 56: Pintura com tinta de argila feita pelo mestre Nilton.



Fonte: Nilton Carvalho, 2023.

6. SURGIMENTO DE NOVAS TÉCNICAS NA REGIÃO

O término da exploração das jazidas de ouro e diamante na região, que possuíam um papel primordial e fundamental na manutenção da economia local, influenciou para que Chapada Diamantina passasse a ter seu índice de habitantes bastante reduzido, visto que os garimpeiros e suas famílias se mudaram em busca de outros locais que possuíssem oportunidades para prover o sustento.

O município de Lençóis, por exemplo, no auge da mineração, em 1872, teve uma população de 24.913 habitantes, que se reduziu, na época aguda da crise econômica, em 1990, para 4.758 moradores. Sua população urbana somava, na primeira fase, 22.230 habitantes e no ápice da crise, apenas 1.348 residentes. Esse fenômeno, de proporções variáveis em cada município, estendeu-se por toda a região da Chapada Diamantina (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017, p. 76).

Diante deste cenário, houve a necessidade de reinventar a Chapada, para que a mesma pudesse sobreviver tanto em questões econômicas, assim como, atrair novos moradores. Pensando nisso, medidas precisavam ser tomadas, e transformar a região em um polo ecoturístico se tornaria uma solução atrativa tanto

financeiramente como uma oportunidade de atrair moradores e incentivar a requalificação das áreas degradadas pelo garimpo, já que a paisagem local se tornaria fonte de renda.

Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações (ECOTURISMO: ORIENTAÇÕES BÁSICAS, 2010, p.17).

A Sociedade Internacional de Ecoturismo (TIES) apresenta uma conceituação semelhante, definindo como:

Ecoturismo é uma viagem responsável a áreas naturais, visando preservar o meio ambiente e promover o bem-estar da população local (ECOTURISMO: ORIENTAÇÕES BÁSICAS, 2010, p.17).

A Organização Mundial de Turismo (OMT) e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) diferem o ecoturismo do turismo sustentável. Compreendendo que o primeiro nada mais é que um segmento do turismo, e que os princípios que são almejados para o turismo sustentável é algo que deve ser aplicável a servir de premissa para todos os tipos de turismo, independente do nicho (ECOTURISMO: ORIENTAÇÕES BÁSICAS, 2010).

O Ecoturismo sustenta-se em três princípios, sendo eles a interpretação, conservação e sustentabilidade. Podendo ser entendidas como sendo as *“atividades turísticas baseadas na relação sustentável com a natureza e as comunidades receptoras, comprometidas com a conservação, a educação ambiental e o desenvolvimento socioeconômico”* (ECOTURISMO: ORIENTAÇÕES BÁSICAS, 2010, p.19).

Diante dessa transformação do território em um polo ecoturístico e da criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina, a região se reinventou e passou a possuir uma nova cara, uma nova forma de usufruir e apropriar-se da natureza. Se tornando um excelente cenário para práticas sustentáveis que promovessem a conexão do homem com o meio ambiente.

Desta maneira, olhares nacionais e internacionais se voltaram para a região, observando seu alto potencial tanto para investimentos como para moradia, lar esse que pudesse proporcionar paz, tranquilidade e tudo aquilo que o contato com a natureza pode fornecer ao homem.

Com esse objetivo em mente, o modo de viver, construir e morar vem adquirindo influências externas, mesclando características tradicionais da região juntamente com as vindas dos novos moradores. Essa busca do contato com a natureza e usufruir dela para se viver tem contribuído significativamente com a criação de empresas na região dos mais diversos nichos que vendem o discurso de sustentabilidade e da criação de cursos que promovem ensino da construção civil com técnicas construtivas e acabamentos produzidas com elementos da natureza a partir dos princípios da permacultura.

Os saberes abordados neste trabalho são técnicas tradicionais da região que contribuíram com a formação de nossa identidade e patrimônio, são ofícios que os próprios mestres artífices da região sabem executar porque cresceram vendo e produzindo. Hoje, já é possível observarmos novas técnicas sendo trabalhadas na Chapada Diamantina, saberes esses que mestres mais antigos não possuem domínio, pois nunca tiveram o contato. Já os novos mestres que surgem possuem interesse na aprendizagem delas, já que são conhecimentos ensinados em cursos ministrados na região. As cidades de Ibicoara e Rio de Contas se tornaram referências nacionais e internacionais nos ensinamentos desses saberes.

Entre as novas técnicas do mesmo segmento possuímos a taipa de pilão, que consiste na construção de paredes com a utilização da terra compactada por um pilão entre fôrmas de madeira, e o hiperadobe, técnica que consiste na utilização de sacos cheios de terra para erguer as paredes. Ela é uma adaptação brasileira, da técnica Superadobe.

Os permacultores possuem grande papel e influência tanto na manutenção e preservação das técnicas tradicionais da região, assim como na inclusão das novas. A permacultura de acordo com o Instituto de permacultura (IPOEMA):

Consiste no planejamento e execução de ocupações humanas sustentáveis, unindo práticas ancestrais aos modernos conhecimentos das áreas, principalmente, de ciências agrárias, engenharias, arquitetura e ciências sociais, todas abordadas sob a ótica da ecologia (CJ, Claudio, [s.d.]).

A palavra permacultura foi criada nos anos 70, por Bill Mollison e David Holmgren. Ela surge como *“uma resposta criativa de design para um mundo com disponibilidade cada vez menor de energia e de recursos”* (HOLMGREN, 2013, p.29). Caracteriza-se pela existência de três éticas: Cuidar da terra, Cuidar das pessoas e Cuidar do futuro. E doze princípios de planejamento que foram sendo

desenvolvidos ao longo de duas décadas e publicado no livro “Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade” por David Holmgren. São eles:

1. Observe e interaja - A beleza está nos olhos de quem vê;
2. Capte e armazene energia - Produza feno enquanto faz sol;
3. Obtenha um rendimento - Saco vazio não para em pé;
4. Aplique a autorregulação e aceite *feedback* - Os pecados dos pais recaem sobre os filhos até a sétima geração;
5. Use e valorize recursos e serviços renováveis - Deixe a natureza seguir seu próprio curso;
6. Evite o desperdício - Melhor prevenir que remediar, quem poupa sempre tem;
7. Projete dos padrões aos detalhes - Não tome o todo pelas partes;
8. Integre em vez de segregar - A união faz a força;
9. Use soluções pequenas e lentas - Quanto maior o tamanho, mais dura a queda, devagar e sempre se vai ao longe;
10. Use e valorize a diversidade - Não ponha todos os seus ovos em uma única cesta;
11. Use os limites e valorize o marginal - Não pense que você está no caminho certo só porque todo mundo segue por ele;
12. Use e responda à mudança com criatividade - Ter visão não é ver as coisas como elas são hoje, mas como elas serão.

Todas essas técnicas construtivas e acabamentos mencionadas nesse trabalho, tanto as tradicionais quanto as novas, fazem parte do que chamamos na arquitetura, de bioconstrução. O fundador do Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC), André Soares, em sua cartilha de 1998, definiu a bioconstrução como uma construção que:

Visa a utilização de materiais ecológicos, reduzindo o impacto ao meio ambiente por meio de técnicas da arquitetura vernácula mundial, algumas delas com centenas de anos de história e experiência, tendo como característica a preferência por materiais do local, como a terra, reduzindo gastos com fabricação e transporte e construindo habitações com custo reduzido e que oferecem excelente conforto térmico (IPOEMA, 2017, P.69).

Com o crescente índice de problemas ambientais que enfrentamos na atualidade é possível notarmos um aumento no aprofundamento e redescobrimiento

no estudo de arquitetura produzida com uso da terra. É uma busca contemporânea tentar solucionar os problemas ambientais retomando ensinamentos e técnicas milenares de construções eficientes e sustentáveis, adaptando-a às necessidades atuais. Estudar e compreender a pluralidade da terra e propor novos usos, formas e funções surge como uma necessidade dos novos arquitetos denominando como bioconstrução. Há uma diversidade de áreas que trabalham as construções sustentáveis, tais como: bioarquitetura, construção ecológica, eco-casas, arquitetura bioclimática, construção natural, bioconstrução e Biofilia.

7. DISCUSSÕES SOBRE AS TÉCNICAS TRADICIONAIS E SEU CONTEXTO

Após a conclusão das entrevistas, ao realizar uma análise dos depoimentos, é possível notar que alguns relatos e pensamentos se repetem entre os mestres. Eles compartilham sentimentos e inquietações sobre a atual situação da valorização das técnicas tradicionais na região, assim como suas preocupações com a manutenção dos saberes para as futuras gerações.

Ao serem questionados sobre os saberes e ofícios serem bens culturais da região, todos os identificavam como patrimônio do Parque, justamente por serem conhecimentos presentes no território há muitas gerações. Mas, principalmente, pela tradição dos mesmos, em suas famílias. Os relatos mostram que eles cresceram produzindo e vendo os seus pais, familiares e vizinhos os executando. São saberes que estão há tanto tempo presentes em suas famílias, que já não sabem mais informar qual foi o ponto de partida, mas que conseguem enxergar o ponto final (Imagem 57).

Imagem 57: Ilustração que representa 3 gerações de uma mesma família.

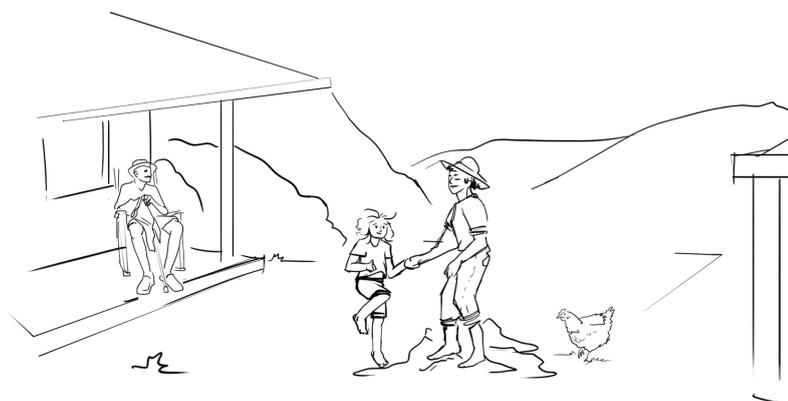


Fonte: Gabriel Torres, 2023.

Um dos relatos que me encantou durante as entrevistas, é o fato de o “pisar o barro” ser tido como momento de celebração e festejo durante as construções (Imagem 58). Me fez refletir sobre a união presente em comunidades, principalmente de zonas rurais, com atitudes mútuas de empatia e altruísmo na busca do prover a moradia. Juntam-se familiares, amigos, vizinhos, crianças, todos com os pés no barro, normalmente abastecidos com músicas e comida, durante e após o processo.

Momentos como esses já não são mais presentes nas construções contemporâneas produzidas com cimento, bloco cerâmico e lajes. Embora executados coletivamente, os envolvidos não possuem laços afetivos entre si, interferindo significativamente no modo de viver e se relacionar em comunidades locais.

Imagem 58: Ilustração que representa o manuseio com o barro com os pés.



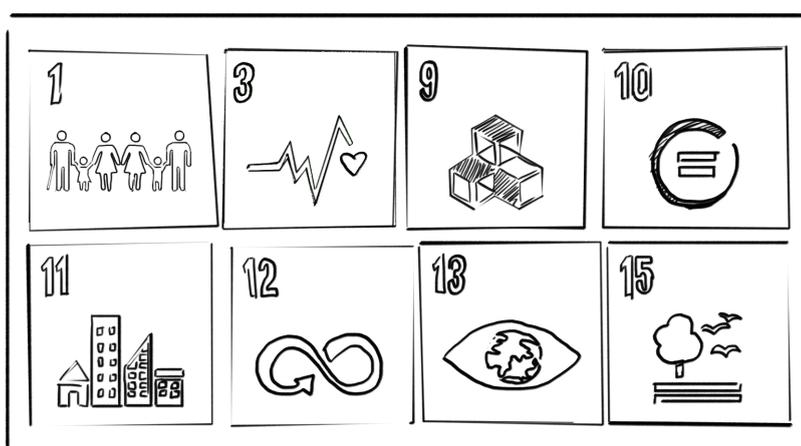
Fonte: Gabriel Torres, 2023.

A qualidade do conforto térmico adquirida com o uso do barro na produção das casas é outro fator marcante nas entrevistas. Todos os mestres mencionaram o quanto viver em um lar produzido com essa materialidade proporciona uma sensação de conforto e satisfação. Durante o dia a casa se mantém fria e à noite, aquecida. Situação ideal para as construções da região, que costumam ter os dias muito quentes e as noites com temperaturas mais amenas.

Por ser um material abundante e de fácil acesso na região, os mestres indicam sua utilização nas construções, também como forma de economizar dinheiro com material, assim como na mão de obra da execução, visto que pode ser realizada por qualquer pessoa que tenha o conhecimento, coragem e determinação.

Sempre que chego nesse ponto, lembro-me dos mestres Agenor e Dilma, os quais durante a pandemia Covid-19, ao se encontrarem em uma situação de vulnerabilidade em relação a moradia própria, decidiram usar a primeira parcela do auxílio emergencial fornecido pelo Governo Federal para construir a casa da família na zona rural de Andaraí.

Eles viram a partir da técnica de pau a pique aprendida com seus pais durante a infância a oportunidade de ter um lar seguro, confortável e principalmente, uma moradia própria. Quando realizei essa entrevista com o casal, admito que os depoimentos ficaram em minha mente, e durante os dias seguintes, refleti sobre o déficit habitacional em algumas regiões brasileiras, que poderiam ser solucionadas através de investimentos em construções produzidas com essas técnicas, tendo como mão de obra os próprios moradores, amigos e familiares, com auxílio de um mestre. Dessa maneira, além de promover habitações dignas e de qualidade, conseguiria atingir algumas diretrizes presentes dentro dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU): 1º Erradicação da pobreza; 3º Saúde e bem-estar; 9º Inovação infraestrutura; 10º Redução das desigualdades; 11º Cidades e comunidades sustentáveis; 12º Consumo e produção responsáveis; 13º Ação contra a mudança global do clima e 15º Vida terrestre (Agenda, 2030) (Imagem 59).

Imagem 59: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

Fonte: Gabriel Torres, 2023.

Programas governamentais como “Minha Casa Minha Vida” (MCMV), “Programa de Aceleração do Crescimento” (PAC) e “Programa Casa Verde e Amarela” (CVA) poderiam além de ofertar moradias, possibilitar a participação popular em suas construções, quando executadas com esses saberes vernaculares (Imagem 60). Diante disso, além de promover uma arquitetura sustentável, conseguiria reduzir os custos das obras, podendo atingir um número maior de famílias beneficiadas.

Em 2018, houve a criação do projeto (PLS 296/2018) proposto pelo senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP) para incluir no Programa Minha Casa Minha Vida o financiamento de imóveis que utilizem técnicas de bioconstrução, essa iniciativa, surge a pedido de movimentos mobilizados em favor da promoção da habitação popular acessível e sustentável. Visto que, o PMCMV privilegia materiais e sistemas construtivos convencionais, podendo se apropriar também dos conhecimentos gerados pelas próprias comunidades locais beneficiadas, especialmente o uso de técnicas de bioconstrução, como: adobe, bambu, taipa, ferrocimento e solo cimento (SENADO NOTÍCIAS, 2018).

Imagem 60: Ilustração representando uma família em frente a casa construída com técnicas tradicionais de barro pelo Governo Federal.



Fonte: Gabriel Torres, 2023.

Compreendo que soluções como essas parecem ser distantes de nossas realidades, sobretudo, considerando que na atualidade sofremos grande influência midiática sobre comportamentos e padrões de se morar, construir e viver. Cogitar a possibilidade de construções em larga escala, utilizando esses saberes tradicionais com uso de barro, talvez não seja desejado e bem visto pela população com baixo poder aquisitivo da região.

Levanto essa hipótese, com base na entrevista realizada com o mestre Cláudio, sobre o chão de terra pilado. Em seus relatos, menciona ter crescido em uma casa na qual o chão foi realizado com a compactação do barro. Com nostalgia diz que essa técnica trazia recordações tristes, de uma fase de sua vida na qual passou por dificuldades ao lado de sua família.

Esse depoimento me fez refletir sobre a ligação afetiva e vivências que os mestres possuem com os saberes, em alguns momentos positivos, em outros nem tanto. Cláudio relata que se for contratado para executar a técnica, realizaria o trabalho, mas, que jamais aplicaria em sua casa novamente, pois sempre que a vê, tem recordações tristes, sente como se fosse um retrocesso em sua evolução tanto social como econômica. Isso me faz questionar: Será que os nativos da região pensam da mesma forma que o mestre Cláudio?

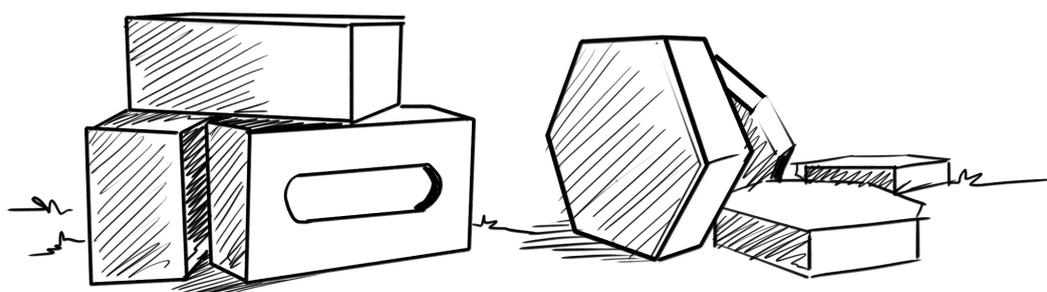
Em todas as entrevistas, questionei se em suas perspectivas, notavam um interesse da população local em construir suas casas utilizando os saberes. Todos

eles relataram que os nativos, principalmente aqueles que moram nas sedes, não demonstram interesse em executar suas casas utilizando as técnicas tradicionais, pois normalmente tendem a relacioná-las à falta de recursos, à pobreza, à vida na roça. Buscam sempre por materiais mais “modernos”, que são sinônimos de ascensão social, como blocos cerâmicos, porcelanato, lajes etc.. Estão sempre em busca de algo mais prático, rápido, e que se aproxime mais com a estética e padrões contemporâneos.

Porém, notei que durante os relatos, os mestres mencionam que seus usos eram mais frequentes pela população que se encontravam nas zonas rurais ou casas de veraneios em sítios. Nenhuma das técnicas eram mais comuns serem reproduzidas dentro das sedes urbanas, mas todas elas ainda são possíveis de serem encontradas no interior das cidades. O uso do adobe, pau-a-pique, chão de terra pilada, reboco, tinta de argila são os mais frequentes dentre as construções no interior pela população rural. Já o uso dos tijolinhos e das lajotas de barro são mais comuns em casas de veraneio produzidas por aqueles que moram na cidade ou no núcleo urbano.

Percebo que há uma *gourmetização* e aceitação maior por parte dos moradores locais, das técnicas tijolinhos e das lajotas de barro em suas construções em casas de veraneio (Imagem 61). São saberes que ainda possuem seu “charme” perante a criação popular do que é uma “casa de roça” e características de sua estética. Os mestres Aparecido e Antônio, últimos oleiros com olarias ativas da região que produzem respectivamente os tijolinhos e as lajotas, relataram durante seus depoimentos, que os produtos desenvolvidos por eles costumam sempre ir para essas construções, pois seus clientes acham bonito, mas para serem aplicadas apenas no núcleo rural e não nas casas de morada construídas dentro das cidades.

Imagem 61: Tijolinhos e Lajotas de barro.



Fonte: Gabriel Torres, 2023.

Com a transformação da Chapada Diamantina em um polo ecoturismo e a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina, há constantemente uma procura maior por brasileiros e estrangeiros em construir casas na região. Diante disso, essa pesquisa também buscou compreender como essa transformação tem interferido ou não na manutenção dos saberes no território.

Os mestres relatam que esses novos moradores, principalmente aqueles que vêm para os interiores das principais cidades turísticas do Parque como: Palmeiras, Lençóis e Mucugê tendem a buscar mais essas técnicas na execução de suas casas. Diferentemente dos nativos, os migrantes e estrangeiros normalmente possuem mais interesse por esses saberes, valorizando-os. Tanto o mestre Aparecido como Antônio confirmam que grande parte de seus produtos são produzidos para essas pessoas. Que há muita demanda por eles e majoritariamente pelos “gringos”.

Em seu depoimento, o mestre Cláudio diz que normalmente as pessoas querem ter acesso àquilo que nunca tiveram. Elas vêm para região e querem morar em uma casa construída com esses saberes, porque nunca viveram em espaços produzidos com materiais que são materializações de saberes tradicionais impregnados de significados. Nesse sentido, questiona-se: seriam os moradores vindos de outras cidades e países os novos detentores dos saberes e ofícios tradicionais no Parque?

Observo que, esses novos moradores além de buscarem por essas técnicas tradicionais para a execução de suas casas, buscam a aprendizagem e domínio do ofício. Acredito que eles possam contribuir significativamente com a manutenção e preservação desses saberes na poligonal (Imagem 62). Auxiliando com que elas possam sobreviver por mais anos no território, agora não mais carregada do simbolismo histórico de transmissão de geração em geração, como até então ocorria.

Imagem 62: Ilustração representando um estrangeiro segurando entre os braços as técnicas construtivas e ferramentas.



Fonte: Gabriel Torres, 2023.

Em entrevista com o artífice André, o mesmo relata ter parado de produzir o adobe, por sentir uma falta de valorização do ofício. Confirma que muitas pessoas que se mudam para região e vão morar na zona rural querem construir suas casas com adobe, porém não pagam o preço justo pelo trabalho. Discorre sobre o quão prazeroso é trabalhar com o uso do barro, mas salienta o fato de ser um serviço "pesado", "braçal", pois exige muito esforço físico e muitas vezes "sofrido" porque deixa o corpo dolorido devido ao esforço contínuo, justamente por ser um trabalho completamente manual e feito em grande quantidade.

O entrevistado diz ainda que sente que há um aproveitamento dos contratantes sobre os mestres locais durante a prestação de serviço, pois normalmente querem pagar uma diária ao artífice para fabricar os adobes, quando em seu ponto de vista deveria, no mínimo, ser pago pela unidade do produto. E como os mestres não possuem muitas opções, acabam aceitando trabalhar dessa maneira, para garantir o sustento da família.

O posicionamento do André me faz refletir e questionar sobre a importância de não apenas preservar os saberes no território, mas também dar toda uma assistência e amparo aos mestres. Para que possam realizar de maneira digna seus ofícios, com amparos jurídicos, estabelecendo leis que protejam tanto os saberes como aqueles que dependem da produção para a sobrevivência.

Trabalhar com os pés no barro é algo prazeroso como mencionado pelos mestres. Mas todos concordam que é cansativo, pois a produção não termina apenas no ato de amassar o barro. Como vimos nos capítulos anteriores, existem

inúmeros passos até adquirir o produto final. Havendo a necessidade da dedicação tanto de tempo, quanto de disposição, preparo físico e psicológico para a execução.

Por ser um trabalho que envolve grande esforço físico e de pouco retorno financeiro, muitos deles não querem ver seus filhos reproduzindo o saber como forma de sustento. Mas gostariam que eles aprendessem a produzir, como uma maneira de passar a tradição aos seus descendentes, pois se orgulham do ofício que exercem. Não querem morrer sendo os últimos de sua linhagem na produção.

Questionei se seus filhos possuem interesse na aprendizagem dos saberes, em dar continuidade com as tradições dos ofícios. Exceto os filhos dos mestres Agenor e Dilma, que são crianças e que ajudaram na construção da casa dos pais, os demais não possuem interesse, de acordo com os depoimentos. Relatam que com o avanço da tecnologia, meio de produção e globalização, o acesso a novas oportunidades se tornou um divisor de águas entre o passado e o presente. As novas gerações não querem e não sentem necessidade de estar ocupando esses ofícios, querem acesso a universidades, cidades desenvolvidas e conectadas através das novas tecnologias e principalmente, empregos que não demandem esforço físico.

Os mestres temem que os saberes não sejam passados para as novas gerações, já que seus filhos e parentes não possuem interesses. Identificam que em breve a produção vai desaparecer, assim como tem ocorrido gradativamente. Como vimos, atualmente no PNCD já não há mais olarias com produção da telha de barro, assim como das lajotas, que se encontram apenas na cidade vizinha, em Seabra.

As olarias dos mestres Aparecido e Antônio são as últimas da poligonal desta pesquisa que produzem os tijolinhos e as lajotas. Ambos mencionaram nas entrevistas que em breve pretendem aposentar-se do ofício, dando fim a tradição e execução desses saberes no território, visto que são os últimos mestres na produção.

Contudo, como dito no capítulo anterior, a transformação do território em um polo ecoturístico, veio a contribuir com a implementação de práticas sustentáveis na região. O uso de técnicas que possuem elementos da natureza como barro, pedra e madeira, podem vir a aumentar gradativamente, devido a criação de cursos que ensinam a produção construtivas com elas.

Acredito que essa pode ser uma das alternativas para manter os saberes vivos na região, visto que, algumas pessoas que vêm de fora da cidade/país,

demonstram interesse por elas, buscando tanto o aprendizado assim como a execução em suas construções. Durante minha busca por mestres para aplicação dessa pesquisa, surgiram inúmeras indicações de artífices que não eram nativos da região ou que aprenderam as técnicas através dos cursos ofertados, muitas vezes pelos próprios migrantes e imigrantes.

Essa informação, além de chamar minha atenção, me deixou surpreso de como eles estão ocupando esses espaços no território e como estão se tornando os novos mestres da região, visto que os mais velhos estão morrendo e seus descendentes não possuem interesse em manter os ofícios como vimos nos relatos.

Como nativo da Chapada Diamantina, confesso que me preocupo com a nossa história sendo narrada por outros, principalmente por aqueles que olham a região como oportunidade de ganhar dinheiro e alavancar suas carreiras. Uma das entrevistas que iria fazer nessa pesquisa era com uma mestra que migrou de sua cidade natal, para a Chapada, comprou um terreno e construiu uma vila própria com uso dessas técnicas tradicionais, recorrentemente tem saído em revistas com grande relevância nacional, e aparecido em exposições, eventos e palestras falando sobre o uso desses saberes.

Mas quando tive a oportunidade de conhecer a vila pessoalmente, notei que não era um lugar habitado, não passava de um “cenário” vendido midiaticamente, o qual é utilizado para produção de conteúdos digitais, e ocupado esporadicamente por turistas. Anteriormente, falei sobre a nossa região vir historicamente de um processo de perdas e retiradas. E mais uma vez, com a realização desta pesquisa e com o encontro dessa situação, volto a ter esse sentimento, de que retiradas ainda continuam sendo feitas.

Por fim, ao decorrer da escrita dessa pesquisa, senti falta de alguns questionamentos que poderiam ter sido feitos aos mestres. O uso de Equipamento de Proteção Individual (EPI) utilizados durante as obras é algo crucial para quem trabalha com construção civil. Sinto que deveria ter questionado se há a utilização dos mesmos durante o ofício, assim como identificar acidentes e doenças cometidas ao longo dos anos com a execução das técnicas. Por se tratarem de técnicas braçais, onde há uma grande exposição ao sol, peso e ferramentas com potencial de ocasionar lesões, suponho que provavelmente essas características devem ter afetado de alguma maneira as vidas dos mestres artífices.

8. CONCLUSÃO

Imagem 63: Ilustração de uma casa concluída, construída com técnicas tradicionais.

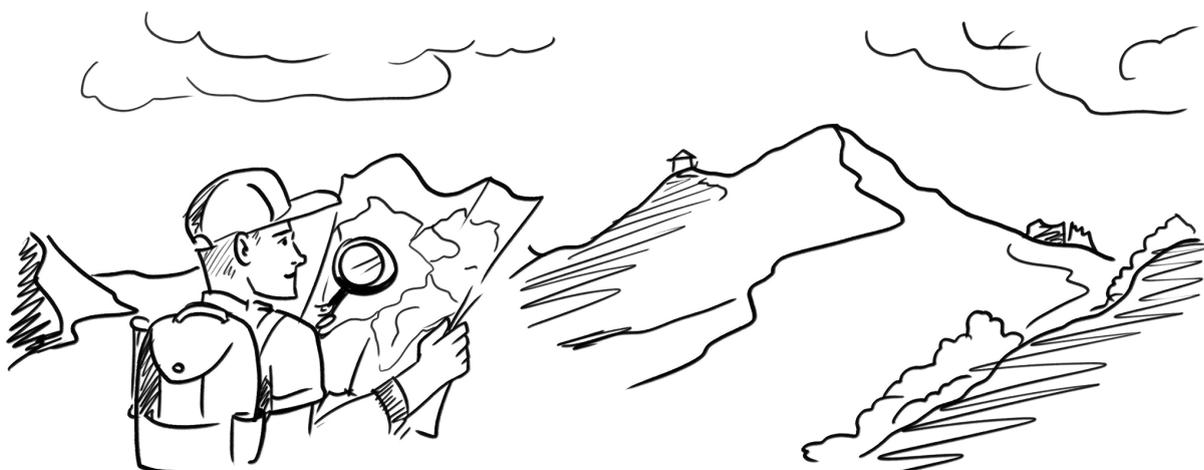


Legenda: Ruan e Dante deitados na rede no final da noite, descansando após a finalização da construção da casa.

Fonte: Nycollas Augusto, 2023.

Estudar minha região, e dar uma devolutiva à comunidade através deste Trabalho Final de Graduação, é a materialização de um sonho que tenho desde que decidi cursar arquitetura e urbanismo. Ter colocado a mochila nas costas e desbravando meu território em busca de mestres artífices, me fez descobrir uma nova Chapada Diamantina, até então desconhecida por mim (Imagem 64). Aprendi a admirá-la com outros olhares. Já não eram mais olhares de um nativo turistando e sim de um jovem arquiteto desbravador e aventureiro. Essa pesquisa nunca foi apenas uma ferramenta para obter um diploma, mas sim a realização de um sonho de dar o primeiro passo de estudar, escrever e dar voz aos meus.

Imagem 64: Ilustração de Ruan com mapa da Chapada Diamantina-BA, em busca dos mestres artífices.



Fonte: Gabriel Torres, 2023.

Ter realizado essa pesquisa de forma *bottom-up*⁷ e com entrevistas qualitativas que me permitissem ter contato direto com os mestres, me fez ter acesso não apenas às pessoas, como também a lugares e realidades distintas das minhas, contribuindo para a ampliação dos meus horizontes e de repertório profissional.

Ao desenvolver essa pesquisa, tendo contato com os mestres e seus ensinamentos, percebo o quão importante foi a produção desse trabalho em minha jornada acadêmica. Foram-me transmitidos conhecimentos, que durante a graduação não tive contato em sala de aula. Ter aprendido esses saberes e ofícios com pessoas tão especiais, é algo de valor singular, e que levarei comigo para o resto da vida.

Essa aprendizagem *in loco*, com mestres artífices me remeteu à estrutura de ensino da Bauhaus⁸, escola na qual contava em sua grade de docência, com mestres e artesãos. Ambos ministravam oficinas juntos, pois o mestre/professor possuía a teoria enquanto o artesão tinha domínio das técnicas de execução. Reflito

⁷ Metodologia de pesquisa na qual permite colher dados “de baixo para cima”, através da própria participação da comunidade na construção do trabalho, dando voz às suas necessidades, ideias e inspirações. Com isso, contribuindo para a criação de vínculos entre o pesquisador e a comunidade (GATTUPALLI, Ankitha. 2023).

⁸ A Bauhaus (1919-1933), fundada por Walter Gropius, foi a escola de design pioneira no ensino de novas técnicas e recursos que se tornaram elementos básicos da cultura visual dos tempos futuros. Nela havia oficinas dedicadas à fotografia, fotomontagem, arte de vanguarda, colagem, arquitetura, tipografia, ergonomia, funcionalidade e muitos outros. A Bauhaus possuía um plano educacional que oferecia uma educação abrangente que envolvia tanto o conhecimento técnico quanto a educação artística, social e humana. Buscava-se valorizar o trabalho manual, mas sem deixar de reproduzir a produção em larga escala (MEDIUM, 2019).

que, fosse ideal que houvesse mais atividades de campo no curso, que permitissem contato entre os discentes com os detentores dos saberes tradicionais. No país, há grandes pensadores que não dominam o ato de executar, e por outro lado há muitos artesãos que produzem trabalhos excelentes.

Para além, o contato com mestres detentores desses saberes e ofícios tradicionais do PNCD, me permitiu através de suas narrativas e vivências, as quais muitas vezes feitas com nostalgia, notar a importância desses bens imateriais para a formação da nossa identidade cultural, agora não mais como arquiteto, e sim das perspectivas deles.

Ao questionar os mestres o que poderia ser feito para preservar esses saberes como um patrimônio imaterial da nossa história enquanto comunidade. Buscando identificar soluções que possam contribuir na manutenção desses ofícios no Parque, para que não se percam, assim como aconteceu com as telhas artesanais de barro. Todos os mestres relataram sobre a importância de se escrever e produzir materiais acadêmicos sobre esses saberes, para que possam atingir mais pessoas e dar o devido valor que esses saberes deveriam possuir para população. Acreditam que materiais como esse, possuem grande papel tanto de educar quanto de valorizar. Mencionaram ser importante que haja incentivo para as novas gerações buscarem a aprendizagem das técnicas, pois essa é a maneira mais eficaz de conseguir mantê-las vivas, assim como incentivar a população a acrescentá-las na execução de suas construções.

Percebo que ainda há muito o que fazer para salvaguardar esses bens culturais da Chapada Diamantina, e assegurar a manutenção e prática desses ofícios é o primeiro passo para que não se percam em nossa história. Observo a importância de haver uma educação patrimonial e quem sabe assim, chegar à valorização perante a sociedade local, para que se compreenda a importância dessas tradições e os demais aspectos intangíveis agregados à formação dessas tradições na formação da nossa identidade cultural.

Outro ponto importante consiste em incentivar os próprios mestres à prática dos saberes, através de leis e auxílios criados por instituições governamentais que possam regulamentar a execução dos ofícios. Assim como, à medida que houver a valorização, também se eleva o preço. Poderia haver uma capacitação com os mestres para que todos decidam juntos como cobrar. Se o valor for o mesmo para todos, os clientes não poderão barganhar. Mas isso não se faz com lei e sim com

investimento em capacitação, que pode ser uma iniciativa dos próprios mestres ou de organizações afins. Tornando os ofícios economicamente atraentes, contribuindo para evitar seu desaparecimento.

Realizar esta pesquisa sobre as técnicas construtivas e acabamentos feitos de barro da Chapada Diamantina sob olhar de mestres artífices, permitiu, além de registrar suas memórias, poder compartilhar com o mundo e principalmente com a região a importância desses saberes na formação de nossa cultura e identidade, pois, ao final do trabalho, buscar-se-á recursos para a publicação de cartilhas com cada uma das técnicas. Esse compartilhamento será realizado tanto online através de redes sociais, quanto físico em espaços como: feiras, eventos, espaços culturais, escolas, agências turísticas, recepções de pousadas e hotéis.

Concluo esta pesquisa com uma grande sensação de dever cumprido e aprendizagem, são conhecimentos e experiências que levarei pro resto da vida. Tenho a convicção que o trabalho de investigar, estudar e escrever sobre minha Chapada, está apenas começando. A presente pesquisa, além de promover a educação patrimonial, será uma ferramenta na busca de reconhecimentos institucionais e governamentais sobre a importância de investimentos para a manutenção desses saberes, ofícios e modos de fazer na Chapada Diamantina-BA.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A história do Município. **Prefeitura Municipal de Itaetê**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.itaete.ba.gov.br/o-municipio/historia> . Acesso em: 03 de Set. de 2023.

A América do Norte ancestral de Taos. **Got2Globe**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.got2globe.com/editorial/novo-mexico-taos-america-norte-ancestral/>. Acesso em: 18 Dez 2023.

ALMEIDA, Luana. Frio na Bahia? Veja opções de destinos para curtir o inverno sem sair do estado. **Globo.com**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2018/07/22/frio-na-bahia-veja-opcoes-de-destinos-para-curtir-o-inverno-sem-sair-do-estado.ghtml>. Acesso em: 04 de Set. de 2023.

Andaraí-BA. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/andarai.html>. Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Artigo 216 da Constituição Federal de 1988. **Jusbrasil**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10647933/artigo-216-da-constituicao-federal-de-1988/do-utrina>. Acesso em: 06 de Agosto de 2023.

As reservas da biosfera brasileira. **Reservas da Biosfera**, [s.d.]. Disponível em: <https://reservasdabiosfera.org.br/> . Acesso em: 08 de Agosto de 2023.

Conheça a riqueza arquitetônica da Chapada Diamantina. **Guia de viagem Chapada Diamantina**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.guiachapadadiamantina.com.br/conheca-riqueza-arquitetonica-da-chapada-diamantina/>. Acesso em: 18 Dez 2023

Chan Chan. **Flickr**, 2011. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/portaldeltag/5419640720/in/photostream/>. Acesso em : 05 Dez. 2023

Chapada Diamantina: Conheça história e atrativos turísticos de igatu, distrito de andaraí. **Blog Chapada**, 2019. Disponível em: <https://www.blogchapada.com.br/noticias/402-2019/02/20/chapada-diamantina-conheca-historia-e-atrativos-turisticos-de-igatu-distrito-de-andarai> . Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Circuito Turístico de Itaetê. **Prefeitura Municipal de Itaetê**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.itaete.ba.gov.br/o-municipio/pontos-turisticos/circuitos-turisticos-de-itaete> . Acesso em: 03 de Set. de 2023.

CJ, Claudio. **Conceitos da permacultura**, [s.d.]. IPOEMA - INSTITUTO DE PERMACULTURA. Disponível em: <https://ipoema.org.br/conceitos-da-permacultura/>. Acesso em: 06 de Set. de 2023.

Conheça um pouco da história do surgimento do carnaval de Palmeiras. **Prefeitura Municipal de Palmeiras**, 2021. Disponível em: <https://www.palmeiras.ba.gov.br/site/Noticias/noticia-16092021090746134-Conhe-a-um-pouco-da-hist-ria-do-surgimento-do-carnaval-de-Palmeiras> . Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Conjunto arquitetônico e paisagístico de Mucugê completa 35 anos de tombamento. **IPHAN**, 2015. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/3299/conjunto-arquitetonico-e-paisagistico-de-mucuge-completa-35-anos-de-tombamento>. Acesso em: 05 de Set. de 2023.

Consultas - Territórios de Identidade. **Observatório de Trabalho da Bahia**. Disponível em: <https://geo.dieese.org.br/bahia/territorios.php> Acesso em: 28 de Maio de 2023.

CORSINO, C.M. [et al.]. **Inventário Nacional de Referências Culturais**: Manual de aplicação. Brasília-DF: IPHAN, 2000.

Decreto nº 91.655, 17 de Setembro de 1985. **Câmara dos Deputados**, [s.d]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-91655-17-setembro-1985-441832-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=%2D%20Fica%20criado%2C%20no%20Estado%20da,pelo%20p%C3%ABablico%2C%20educa%C3%A7%C3%A3o%2C%20pesquisa%20cient%C3%ADfica> . Acesso em: 08 de Agosto de 2023.

Decreto nº 91.655, 17 de Setembro de 1985. **Câmara dos Deputados**, [s.d]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-91655-17-setembro-1985-441832-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=%2D%20Fica%20criado%2C%20no%20Estado%20da,pelo%20p%C3%ABablico%2C%20educa%C3%A7%C3%A3o%2C%20pesquisa%20cient%C3%ADfica> . Acesso em: 08 de Agosto de 2023.

Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. **Planalto.gov**, [s.d]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm. Acesso em: 06 de Agosto de 2023.

Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. **Planalto.gov**, [s.d]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Acesso em 07 de Agosto de 2023.

Distância entre Andaraí-Ba e Salvador-Ba. **Google Maps**, 2023. Disponível em: <https://www.google.com/maps/dir/Andara%C3%AD,+BA/Salvador,+Bahia/@-12.5340622,-40.5620225,8.78z/data=!4m14!4m13!1m5!1m1!1s0x7421e8c37f861b5:0x330e4cddec828e3f12m2!1d-41.3302644!2d-12.8065443!1m5!1m1!1s0x716037ca23ca5b3:0x1b9fc7912c226698!2m2!1d-38.501648!2d-12.9777334!3e0?entry=ttu> .Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Distância entre Ibicoara-Ba e Salvador-Ba. **Google Maps**, 2023. Disponível em: <https://www.google.com/maps/dir/Ibicoara,+BA,+46760-000/Salvador,+Bahia/@-12.8483214,-41.0023916,8.78z/data=!4m14!4m13!1m5!1m1!1s0x743df6099eece73:0xf69c0cd9a9fcf6e0!2m2!1d-41.284438!2d-13.4136556!1m5!1m1!1s0x716037ca23ca5b3:0x1b9fc7912c226698!2m2!1d-38.501648!2d-12.9777334!3e0?entry=ttu> Acesso em: 03 de Set. de 2023

Distância entre Itaetê-Ba e Salvador-Ba. **Google Maps**, 2023. Disponível em: <https://www.google.com/maps/dir/Itaet%C3%A9,+BA/Salvador,+Bahia/@-12.727478,-40.5132742,9z/data=!4m14!4m13!1m5!1m1!1s0x741958d7779d843:0xcc05779b5f985a8!2m2!1d-40.9654076!2d-12.9810717!1m5!1m1!1s0x716037ca23ca5b3:0x1b9fc7912c226698!2m2!1d-38.501648!2d-12.9777334!3e0?entry=ttu> .Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Distância entre Lençóis-Ba e Salvador-Ba. **Google Maps**, 2023. Disponível em: <https://www.google.com/maps/dir/Len%C3%A7%C3%B3is,+Bahia/Salvador,+Bahia/@-12.3087083,-40.6427292,8.44z/data=!4m14!4m13!1m5!1m1!1s0x74207633257739b:0xc138d8fa860f79a9!2m2!1d-41.3886026!2d-12.5623166!1m5!1m1!1s0x716037ca23ca5b3:0x1b9fc7912c226698!2m2!1d-38.501648!2d-12.9777334!3e0?entry=ttu> . Acesso em: 06 de Set. de 2023.

Distância entre Mucugê-Ba e Salvador-Ba. **Google Maps**, 2023. Disponível em: <https://www.google.com/maps/dir/Mucug%C3%AA,+BA,+46750-000/Salvador,+Bahia/@-12.7745347,-40.8841074,8z/data=!4m14!4m13!1m5!1m1!1s0x74225f64c1be3a1:0x89c0be9de3eb4752!2m2!1d-41.3711799!2d-13.0088285!1m5!1m1!1s0x716037ca23ca5b3:0x1b9fc7912c226698!2m2!1d-38.501648!2d-12.9777334!3e0?entry=ttu> . Acesso em: 04 de Set. de 2023.

Distância entre Palmeiras-Ba e Salvador-Ba. **Google Maps**, 2023. Disponível em: <https://www.google.com/maps/dir/Palmeiras,+BA,+46930-000/Salvador,+Bahia/@-12.1926777,-40.8585459,8.04z/data=!4m14!4m13!1m5!1m1!1s0x769e015f8b0f587:0x9cd7b9d3f3a3d234!2m2!1d-41.5780963!2d-12.5146929!1m5!1m1!1s0x716037ca23ca5b3:0x1b9fc7912c226698!2m2!1d-38.501648!2d-12.9777334!3e0?entry=ttu>. Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Divisão Territorial da Bahia: Territórios de Identidade. **SECULTBA**, [s.d]. Disponível em: <http://www.cultura.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=314> . Acesso em: 08 de Agosto de 2023.

DORON. **Wikimedia Commons**, 2000. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/User:Doron#/media/File:JiayuguanWall.jpg>. Acesso em 06 Dez 2023.

Ebook: Sua Casa Sustentável. **IPOEMA**, 2017. Disponível em: <https://ipoema.org.br/wp-content/uploads/2018/08/ebook-bioconstru%C3%A7%C3%B5es-web.pdf>. Acesso em: 06 de Set. de 2023.

Ecoturismo: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. 2. ed. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

FIGUEIREDO, Leticia. **Shibam, a cidade dos arranha céus de terra**. SustentArqui, 2020. Disponível em: <https://sustentarqui.com.br/shibam-a-cidade-dos-arranha-ceus-de-terra/>. Acesso em: 18 Dez 2023.

FLORÊNCIO, S. R. R [et al.]. **Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação**, Brasília-DF: IPHAN, 2016.

GATTUPALLI, Ankitha. **Planejamento urbano "top-down" e "bottom-up": uma abordagem sinérgica**. 24 Ago 2023. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/1005576/planejamento-urbano-top-down-e-bottom-up-uma-a-bordagem-sinergica>. Acesso em: 22/10/2023

GHISLENI, Camila, **O que é arquitetura vernacular?**. ArchDaily Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/951326/o-que-e-arquitetura-vernacular>> ISSN 0719-8906. Acessado em 13 Dez 2023.

Gruta da Lapa do bode. **Guia de viagem Chapada Diamantina**, [s.d]. Disponível em: <https://www.guiachapadadiamantina.com.br/gruta-da-lapa-do-bode/> . Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Gruta da Paixão. **Guia de viagem Chapada Diamantina**, [s.d]. Disponível em: <https://www.guiachapadadiamantina.com.br/gruta-da-paixao/> Acesso em: 03 de Set. de 2023.

História - Mucugê (Ba). **IPHAN**, [s.d]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1400/>. Acesso em: 05 de Set. de 2023.

História do município. **Prefeitura Municipal de Andaraí**, [s.d.]. <https://www.andarai.ba.gov.br/historia>. Acesso em: 03 de Set. de 2023.

HOLMGREN, David. **Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade**. tradução Luzia Araújo. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

Ibicoara Cachoeira do Buracão. **Guia de viagem Chapada Diamantina**, [s.d]. Disponível em: <https://www.guiachapadadiamantina.com.br/cachoeira-do-buracao/> Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Ibicoara. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/ibicoara.html>. Acesso em: 03 de Set. de 2023

Ibicoara. **Prefeitura Municipal de Ibicoara**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ibicoara.ba.gov.br/site/dadosmunicipais>. Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Igatu, a “Machu Picchu” da Chapada Diamantina. **Ensinar história**, 2017. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/igatu-chapada-diamantina/> Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Itaetê-BA. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/itaete.html>. Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Lençóis (BA). **IPHAN**, [s.d]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/115>. Acesso em: 06 de Set. de 2023.

Lençóis. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/lencois.html> . Acesso em: 06 de Set. de 2023.

LINS, Eugênio. A. [et al.]. **Mestres artífices: Bahia**. Brasília, DF: IPHAN; Salvador: UFBA, 2017. (Cadernos de memória 4)

MEDEIROS, Diego. Os mestres da Bauhaus. **Medium**, 31 de março de 2019. Disponível em: <https://medium.com/revista-letraset/os-mestres-da-bauhaus-f9dfdcd7834>. Acesso em: 10 de Nov. de 2023.

MINKE, G. (2006) Building with Earth, Design and Technology of a Sustainable Architecture. Birkhäuser – Publishers for Architecture, Basel- Berlin-Boston.

Monumentos e Espaços Públicos Tombados - Lençóis (BA). **IPHAN**, [s.d]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1397/>. Acesso em: 06 de Set. de 2023.

Morro do pai inácio ganha escadarias para facilitar o acesso. **Guia de viagem Chapada Diamantina**, [s.d]. Disponível em: <https://www.guiachapadadiamantina.com.br/morro-do-pai-inacio-ganha-escadarias-para-facilitar-o-acesso/> Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Mucugê (Ba). **IPHAN**, [s.d]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/239>. Acesso em: 05 de Set. de 2023.

Mucugê. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/mucuge.html>. Acesso em: 04 de Set. de 2023.

Município de Itaetê. **Cidade-Brasil**, 2021. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-itaete.html>. Acesso em: 03 de Set. de 2023.

O incrível cemitério gótico-bizantino de Mucugê | Chapada Diamantina. **Diário de Salvador**, 2022. Disponível em: <https://diariodesalvador.com/o-incrivel-cemiterio-gotico-bizantino-de-mucuge-chapada-diamantina/>. Acesso em: 05 de Set. de 2023.

O incrível passeio na Cachoeira da Fumaça na Chapada Diamantina. **Chapada Adventure**, [s.d.] . Disponível em: <https://www.chapadaadventure.com.br/o-incrivel-passeio-na-cachoeira-da-fumaca-na-chapada-diamantina/>. Acesso em: 03 de Set. de 2023.

O que é pesquisa etnográfica? Conheça a metodologia. **Biblioteca de direito UFMG**, 2022. Disponível em: <https://biblio.direito.ufmg.br/?p=5108> . Acesso em: 02 de Agosto de 2023.

Palmeiras (BA) Matriz do Senhor Bom Jesus. **Mapio.net**, [s.d.]. Disponível em: <https://mapio.net/pic/p-66117816/> . Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Palmeiras-BA. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/palmeiras.html> . Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Palmeiras. **Prefeitura Municipal de Palmeiras**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.palmeiras.ba.gov.br/site/dadosmunicipais> . Acesso em: 03 de Set. de 2023.

PALMEIRAS: Tradicional Carnaval de Palmeiras está de volta, depois de dois anos de restrição devido à pandemia. **Chapada News**, 2023. Disponível em: <https://www.chapadanews.com/palmeiras-tradicional-carnaval-de-palmeiras-esta-de-volta-de-pois-de-dois-anos-de-restricao-devido-a-pandemia/> . Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Pantanal Marimbus (Via Andaraí). **Guia de viagem Chapada Diamantina**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.guiachapadadiamantina.com.br/pantanal-marimbus-via-andarai/> Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Parque Nacional da Chapada Diamantina. **Parque Brasil.Turismo**, [s.d.]. Disponível em: <http://parquesbrasil.turismo.gov.br/parque-nacional-da-chapada-diamantina.html>. Acesso em: 08 de Agosto de 2023.

Passeios na Chapada Diamantina - Cachoeira da Fumacinha. **Chapada Adventure**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.chapadaadventure.com.br/cachoeira-da-fumacinha/>. Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Patrimônio Imaterial. **IPHAN**, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 02 de Agosto de 2023.

Patrimônio Material. **IPHAN**, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>. Acesso em: 07 de Agosto de 2023.

Poço azul e Poço encantado. **Guia de viagem Chapada Diamantina**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.guiachapadadiamantina.com.br/pocos-azul-e-encantado/> . Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). **IPHAN**, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/761/> . Acesso em: 06 de Agosto de 2023.

Qual a diferença entre turismo e ecoturismo?. **AdventureClub**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.adventureclub.com.br/blog/curiosidades/qual-a-diferenca-entre-turismo-e-ecoturismo/> Acesso em: 08 de Agosto de 2023.

Rapper Snoop Dogg agradece a si mesmo ao ganhar estrela na Calçada da Fama. **Exame.**, 2018. Disponível em: <https://exame.com/casual/rapper-snoop-dogg-agradece-a-si-mesmo-ao-ganhar-estrela-na-calçada-da-fama/>. Acesso em 09 de Dez. de 2023

Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial. **IPHAN**, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/687>. Acesso em: 06 de Agosto de 2023.

Seabra-BA. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/seabra.html> . Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Seabra. **Prefeitura Municipal de Seabra**, [s.d.]. Disponível em: <https://sai.io.org.br/ba/seabra/site/dadosmunicipais> . Acesso em: 04 de Set. de 2023.

Sobre a Chapada. **Guia de viagem da Chapada Diamantina**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.guiachapadadiamantina.com.br/sobre-a-chapada/parque-nacional/>. Acesso em: 08 de Agosto de 2023.

SOUZA, Edson. **Seabra Chapada Diamantina**, 2010. Disponível em: <http://sebrachapadadiamantina.blogspot.com/2010/05/seabra-cavernas-sitios-arqueologico-s-e.html>. Acesso em: 04 de Set. de 2023.

Técnicas de bioconstrução poderão ser financiadas no Minha Casa Minha Vida. **Senado Notícias**, 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/07/23/tecnicas-de-bioconstrucao-podera-o-ser-financiadas-no-minha-casa-minha-vida>. Acesso em: 09 de Dez. de 2024.

Transfer, Salvador- Lençóis. **Transporte e Turismo**, [s.d.]. Disponível em: <https://salvadortransfer.com.br/transfer-salvador-lencois/>. Acesso em: 18 Dez 2023

TORGAL, P.T. [et al.]. **Construção em terra**. TecMinho. Publidisa: Guimarães 2009

Vale do Capão: como chegar, o que fazer, quando ir e onde ficar. **iBahia**, 2023. Disponível em: <https://www.ibahia.com/bahia417/vale-do-capao-como-chegar-o-que-fazer-quando-ir-e-onde-ficar-290016> . Acesso em: 03 de Set. de 2023.

Vila Agrícola do Campestre (Seabra, Bahia). **Joana de Barro's blog**, [s.d.]. Disponível em: <https://joanadebarros.wordpress.com/por-onde-andei/vila-agricola-do-campestre-seabra-bahia/>. Acesso em: 04 de Set. de 2023.

Visite Mucugê!. **Guia de viagem Chapada Diamantina**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.guiachapadadiamantina.com.br/visite-mucuge/>. Acesso em: 06 de Set. de 2023.

Documento sonoro no todo

BATISTA, Mário Aparecido. Entrevista [Jan. 2023]. Entrevistador: Clivson Ruan Macedo de Souza. Seabra-BA, 2023. 3 arquivos.mp3 (20:50 min). Entrevista concedida a pesquisa “Com as mãos no barro: valorizando e compartilhando as técnicas construtivas tradicionais da Chapada Diamantina-BA”.

CABRAL, Manoel Gonçalves. Entrevista [Agos. 2023]. Entrevistador: Clivson Ruan Macedo de Souza. Seabra-BA, 2023. 4 arquivos.mp4 (1h 55min). Entrevista concedida a pesquisa “Com as mãos no barro: valorizando e compartilhando as técnicas construtivas tradicionais da Chapada Diamantina-BA”.

FERREIRA, Cláudio Côrtes. Entrevista [Jan, 2023]. Entrevistador: Clivson Ruan Macedo de Souza. Seabra-BA, 2023. 4 arquivos.mp3 (33:04 min). Entrevista concedida a pesquisa “Com as mãos no barro: valorizando e compartilhando as técnicas construtivas tradicionais da Chapada Diamantina-BA”.

FILHO, Nilton C. T.. Entrevista [Dez, 2023]. Entrevistador: Clivson Ruan Macedo de Souza. Seabra-BA, 2023. 2 arquivos.mp4 (46:50 min). Entrevista concedida a pesquisa “Com as mãos no barro: valorizando e compartilhando as técnicas construtivas tradicionais da Chapada Diamantina-BA”.

MEDEIROS, André. Entrevista [Jan. 2023]. Entrevistador: Clivson Ruan Macedo de Souza. Ibicoara-BA, 2023. 4 arquivos.mp3 (40:43 min). Entrevista concedida a pesquisa “Com as mãos no barro: valorizando e compartilhando as técnicas construtivas tradicionais da Chapada Diamantina-BA”.

MORAIS, Dilma P. S.. Entrevista [Jan. 2023]. Entrevistador: Clivson Ruan Macedo de Souza. Seabra-BA, 2023. 4 arquivos.mp3 (30:37 min). Entrevista concedida a pesquisa “Com as mãos no barro: valorizando e compartilhando as técnicas construtivas tradicionais da Chapada Diamantina-BA”.

SANTOS, Agenor N. M.. Entrevista [Jan. 2023]. Entrevistador: Clivson Ruan Macedo de Souza. Seabra-BA, 2023. 4 arquivos.mp3 (30:37 min). Entrevista concedida a pesquisa “Com as mãos no barro: valorizando e compartilhando as técnicas construtivas tradicionais da Chapada Diamantina-BA”.

SILVA, Antônio Carlos. Entrevista [Dez. 2022]. Entrevistador: Clivson Ruan Macedo de Souza. Seabra-BA, 2023. 2 arquivos.mp3 (19 min). Entrevista concedida a pesquisa “Com as mãos no barro: valorizando e compartilhando as técnicas construtivas tradicionais da Chapada Diamantina-BA”.

10. APÊNDICES

APÊNDICE A - QUADRO SÍNTESE

QUADRO SÍNTESE DAS TÉCNICAS TRADICIONAIS					
	Mestre	Cidade	Clima	Pessoas na produção	Materiais
Adobe	André Medeiros	Ibicoara-BA	Sol pleno	Indica-se no mínimo 3 pessoas	Caixa D'água, Barro, Balde, Pano, Enxada, Enxada, Pá, Facão, Lona ou Folha de bananeira, Forma, Carrinho de mão.
Tijolinhos	Mário Aparecido	Palmeiras-BA	Sol pleno	Indica-se no mínimo 4 pessoas	Enxada, Pá, Água, Barro, Formas, Caixa d'água, Forno, Areia e Lona.
Pau a pique	Agenor Neto e Dilma Paixão	Andaraí-BA	Sol pleno	1 pessoa é suficiente. Porém, indica-se 2 pessoas para agilizar o processo.	Pá, Vassoura, Peneira, Enxada, Balde com água, Carrinho de mão, Madeiras espessas, Varas delgadas, Cipó/ borracha/ arames/ couro/ mangueiras de irrigação, Barro e Lona.
Telhas	_____	_____	_____	_____	_____
Reboco	Manoel Cabral	Itaeté-BA	Não há influência	1 pessoa é suficiente. Porém, indica-se 2 pessoas para agilizar o processo.	Barro, Areia lavada, Balde, Colher de pedreiro, Água, Desempenadeira, Brocha/ trincha, Enxada e pá, Talisca (Pedaco de piso), Barbante, Régua de alumínio, Madeirite/ Plástico/ Papelão.
Lajota	Antônio Carlos	Seabra-BA	Sombra e Sol pleno	1 pessoa é suficiente.	Argila, Foice, Enxada, Badoque / Berimbau, Pedaco de Pano, Forma, Balde, Água, Forno, Tarugo, Desempenador, Pedaco de cano, Faca e Corante Líquido.
Chão de terra	Cláudio Côrtes	Mucugê-BA	Não há influência	1 pessoa é suficiente.	Carrinho de mão, Pá, Cepo de madeira, Barro, Água, Pedaco de esteira de palha ou de couro
Tinta	Nilton Carvalho	Lençóis-BA	Não há influência	1 pessoa é suficiente.	Argila, Água, Palma, Balde, Peneira, Saco de cebola (sacos de nylon ou saco de rafia), Algo para misturar (pedaco de pau) e Brocha Trincha.

APÊNDICE B - GUIA DE ENTREVISTA

- **INFORMAÇÕES PESSOAIS:**

1. Saber:
2. Mestre artífice:
3. Idade:
4. Endereço:
5. Cidade:
6. Possui filhos?
7. Cidade de nascimento:
8. Contato: (____) ____ - _____
9. Data da entrevista: ____ / ____ / ____

- **CONTATO COM A TÉCNICA:**

10. Conte de forma resumida qual é o saber.
11. Idade com que passou a produzir esse saber?
12. Com quem você aprendeu esse saber?
13. O que lhe motivou a aprender esse saber?
14. Durante esses últimos anos, o trabalho com esse saber ajudou de forma significativa no sustento da família?

- **HISTÓRIA:**

15. Você sabe qual é a origem desse saber aqui na região?
16. Quais foram as transformações pelas quais passou ao longo dos anos?

- **PRÁTICA:**

17. Quais são as etapas associadas à construção do saber? Em quantas etapas você divide a execução?
18. Quais são os materiais necessários para a prática desse saber?
19. É possível encontrar esses materiais aqui da natureza da Chapada Diamantina, ou precisam vir de fora da região?
20. Quais são as ferramentas necessárias para a prática desse saber?
21. Quantas pessoas são necessárias para executar o saber?
22. Quais são as restrições e os cuidados necessários na execução da técnica?
23. Quais manutenções devem ser feitas e em quais períodos de tempo para que o produto dure por mais tempo?

- **TRANSMISSÃO DO SABER / FUTURO:**

24. Existe muita procura pelos moradores por esse saber na execução de suas casas?
25. As pessoas da região dão importância ao saber?
26. Você identifica essa técnica como sendo um patrimônio cultural da Chapada Diamantina?
27. Em seu ponto de vista, o que pode ser feito para a preservação do saber?
28. Você gostaria que seus filhos permanecessem com a prática dessa técnica?
29. Eles possuem interesse em aprender a técnica?
30. O que pode ser feito para a preservação do saber?
31. Você acredita que esse saber poderia ser utilizado em arquitetura de “alto padrão”?

APÊNDICE C - CARTILHAS

Adobe



Apresentação

O presente livreto faz parte de uma série de sete cartilhas produzidas a partir do Trabalho Final de Graduação “Com as mãos no barro: valorizando e compartilhando as técnicas construtivas tradicionais da Chapada Diamantina-BA”. Para esta pesquisa, foram abordadas oito técnicas tradicionais presentes na região. Sendo elas: adobe, lajotas de barro, pau a pique, reboco, tinta de argila, terra pilada, telhas artesanais e tijolinhos. Todas essas possuindo como material em comum, o barro. São Saberes e Ofícios os quais fazem parte do patrimônio imaterial brasileiro, caracterizando-se pela sua transmissão de geração a geração, recriado através da comunidade, sofrendo influências do ambiente inserido e de sua história.

O estudo buscou investigar a partir de entrevistas qualitativas à mestres artífices residentes na região do Parque Nacional da Chapada Diamantina acrescido a cidade Seabra, suas memórias sobre as técnicas construtivas e acabamentos tradicionais produzidos com barro. A pesquisa, vislumbra compreender como se deu o processo de aprendizagem dos mestres, suas motivações, bem como as dificuldades com a profissão ao longo de suas vidas, identificando ainda, através de suas vivências com as técnicas e opiniões pessoais, sobre como os saberes são vistos atualmente na região, tanto por nativos como por turistas. E como produto final, registrou-se o passo a passo de cada técnica, por meio da observação durante as entrevistas de como os artífices executam seus ofícios, identificando os materiais utilizados, bem como aplicações, restrições, cuidados e manutenções.

Orientadora: Dra. Adriana Guimarães



Ibicoara - Ba

Ibicoara, localizado a 427,3 km de distância da capital Salvador (GOOGLE MAPS, 2023). Possui uma Área Territorial de 817,355km², população residente de 20.785 pessoas, densidade demográfica de 25,43 hab/km² (IBGE, 2022) e PIB per capita de R\$ 26.108,18 (IBGE, 2020). Com clima tropical de altitude e temperatura anual em média máxima de 23°C e média mínima de 19°C.

Atualmente a economia da cidade gira em torno da produção do café, com grande destaque para a produção do café orgânico que além de fornecer para o território da Chapada Diamantina é vendido também para a capital Salvador, outros Estados e até mesmo realizando exportações para países Europeus, especialmente a Itália. Além do café, tem se tornado um destaque na sede do município, o plantio de hortaliças, maracujá e morango. Destacam-se na região as festas tradicionais: Festa de S. Bento e Reisado, a festa junina e o carnaval (PREFEITURA MUNICIPAL DE IBICOARA, [S.D.]).

A cidade possui grande riqueza em belezas naturais, recebendo anualmente aproximadamente 20.000 turistas. As cachoeiras do Buracão, Fumacinha, Licuri, Véu de Noiva e do Rio Preto são alguns dos principais pontos turísticos de Ibicoara, as duas primeiras foram eleitas entre as mais belas do país (PREFEITURA MUNICIPAL DE IBICOARA, [S.D.]). Além de fazer parte do Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD), Ibicoara faz parte do Parque Municipal com o atrativo Parque do Espalhado. Porém, não há bens tombados pelo Estado, União ou Município na cidade.





Mestre: André Medeiros da Silva

Cidade: Ibicoara-BA

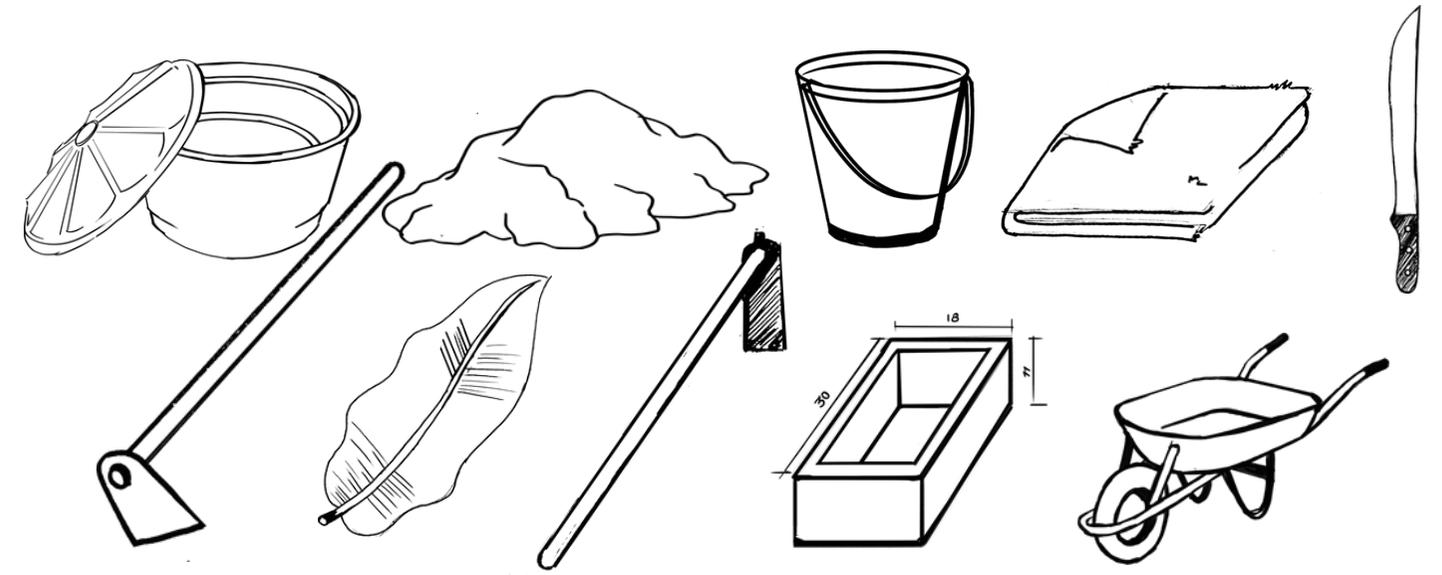
André Medeiros é mestre artífice da técnica construtiva adobe, possui 36 anos e mora na cidade de Ibicoara, no povoado Mundo Novo. É agricultor, eletricitista, casado com uma nativa Edna Marisa e não possui filhos. André nasceu em Salvador, mas vive em Ibicoara a 12 anos. Aprendeu a técnica quando tinha doze anos de idade, saber transmitido por sua avó. Recorda-se de crescer em uma casa feita de adobe e de ter sempre pessoas à sua volta que a produziam. Lembra com nostalgia de sua infância quando passava as férias na casa dos avós no interior da Bahia, que também era construída de adobe.

Define o saber como *“Uma técnica de construção com barro utilizada há muitos e muitos anos aqui na Chapada, a qual as pessoas já nascem praticando, pisando o barro, ajudando seus familiares fazerem as construções”*. Essa fala revela a ligação afetiva que os habitantes da região possuem com este saber, como sendo um conhecimento transmitido de geração em geração, direta ou indiretamente, contribuindo assim na criação de uma identidade territorial de uma população e no seu modo de viver.

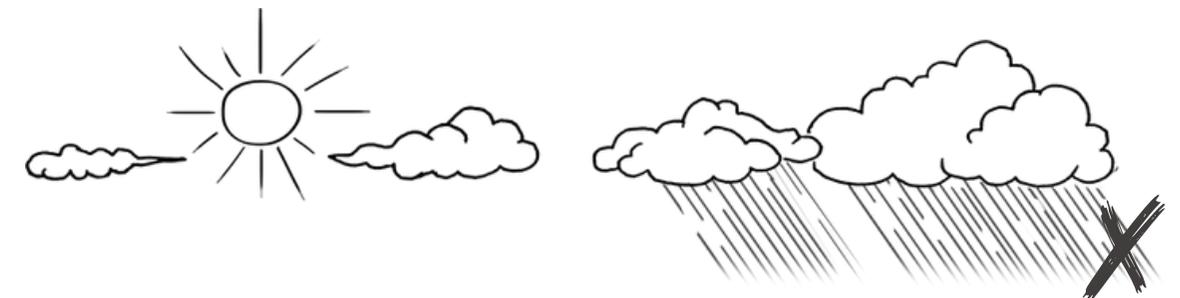
O mestre acredita que esse saber deveria ser considerado patrimônio do Parque pelo fato de historicamente as casas da região terem sido construídas com essa técnica. Em sua opinião, julga necessário que haja incentivo da população local em construir suas casas com adobe.

Materiais:

Caixa D'água, Barro, Balde, Pano, Enxada, Enxadão, Pá, Facão, Lona ou Folha de bananeira, Forma, Carrinho de mão.

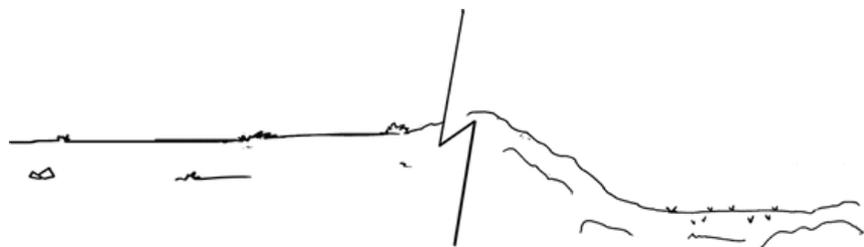


01 Escolha os dias corretos para produzir.



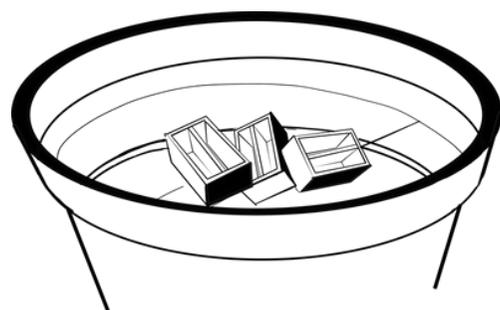
O processo de cura do Adobe é de 5 a 7 dias, isso é, quando feitos em dias de sol. É importante que nos dias em que houver a fabricação, não esteja chovendo ou úmido, pois isso influenciará diretamente no tempo de cura do produto.

02 Escolha o terreiro onde será produzido.



É indicado que o adobe seja produzido no próprio local onde haverá a construção. Justamente pela dificuldade de transportar este material devido ao seu peso.

03 Coloque as formas na caixa d'água.



Entre 12 a 24 horas antes de produzir, deixe de molho as formas que serão utilizadas na fabricação. Isso, juntamente com o passo 7 (Pano molhado na forma) contribuirá com que o barro não grude no molde.

04 Corte o barro com enxadão.



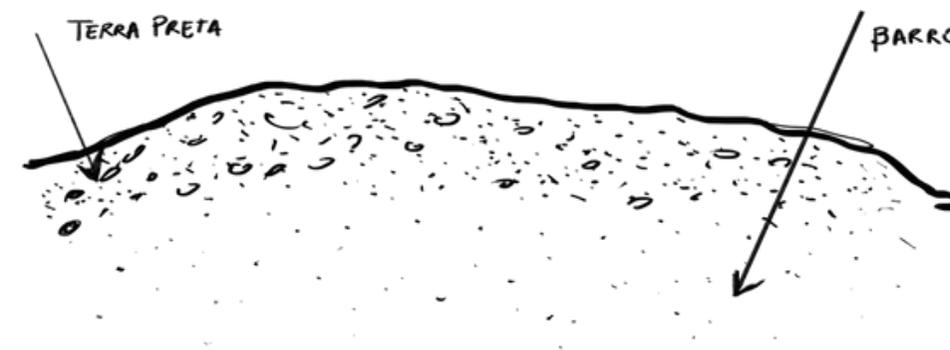
A região possui barro de excelente qualidade para a produção do adobe. Não havendo necessidade de misturar capim ou palhas na execução. Para André, a matéria orgânica presente no barro onde é retirado, é o que faz ele ser tão especial, contribuindo com que o adobe não rache e não trinque. Com auxílio do enxadão, corte o barreiro escolhido em pequenos pedaços, realizando a extração do barro que será utilizado no preparo da massa.

05 Misture o barro com água e terra preta.



Não há uma proporção certa de barro e água a ser misturado, a quantidade é no "olhômetro" e no "pisometro", até você sentir que chegou na consistência ideal. Se ficar muito molhado, desmanchará após retirado da forma. Já se permanecer muito seco, ficará feio quando desenformado. Não esqueça de acrescentar a terra preta na mistura, ela contribui com a qualidade e resistência do adobe.

- **Terra preta:** Primeira camada de terra encontrada no barreiro, por ficar em cima, ela possui boa parte do material orgânico, é considerada a terra fértil.



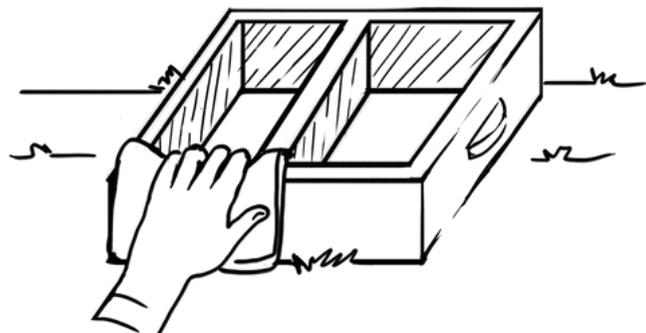
06 Amasse o barro.



Para preparar o barro, é necessário amassar ele com os pés. Pise até sentir que chegou na consistência ideal, que consiste em não grudar nos pés, não ficar mole e nem “cru” (termo utilizado no canteiro para se referir ao barro seco).

- **INDICAÇÃO:** O mestre sugere que essa etapa seja realizada com auxílio de outra pessoa, para agilizar o processo de fabricação.

07 Passe o pano molhado na forma.



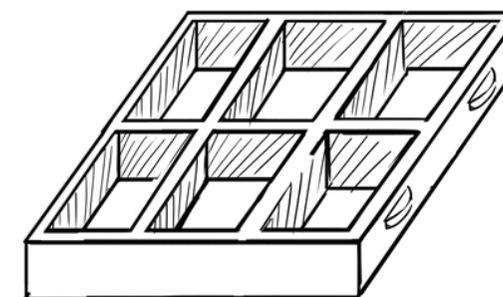
Antes de preencher a forma com o barro, passe um pano molhado, para que fique limpa e úmida o suficiente para o barro não grudar. Esse é um passo fundamental, é importante manter um balde e um pano sempre ao lado quando estiver produzindo.

08 Despeje o barro nas formas.

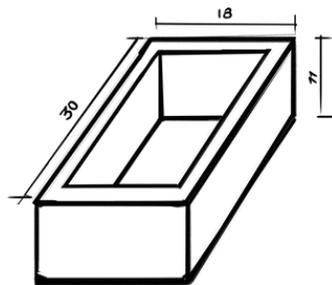


Com a fôrma limpa e úmida, despeje o barro com as mãos, até preenchê-la. O mestre indica a fôrma de dois blocos para a produção dos adobes, por questão de praticidade e agilidade. O molde com apenas uma unidade levará mais tempo para produzir grandes quantidades, já a fôrma com duas unidades permitirá produzir mais adobes em menos tempo e com menos mão de obra, visto que uma única pessoa consegue desenformar com facilidade. Quanto maior a fôrma, mais pessoas serão necessárias para desenformar, podendo correr o risco de danificar os adobes se não retirada uniformemente.

A forma de 6 unidades é feita para duas pessoas desenformarem juntas.

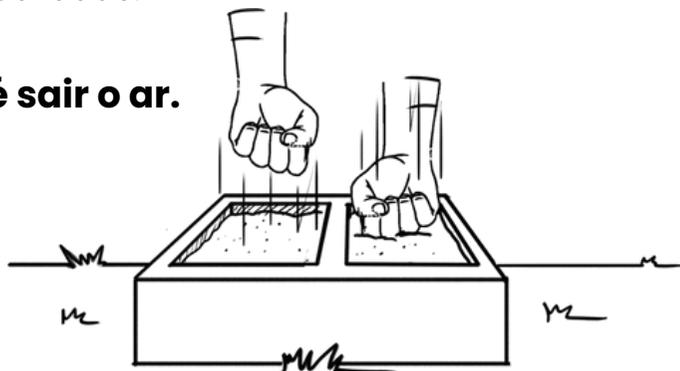


As dimensões das formas variam de acordo com as necessidades e desejos dos clientes. Normalmente fabricam-se com formas com as dimensões de 30cm de comprimento, 18cm de largura e 11cm de altura, a altura tende a variar entre 12cm, 15cm e 17cm.



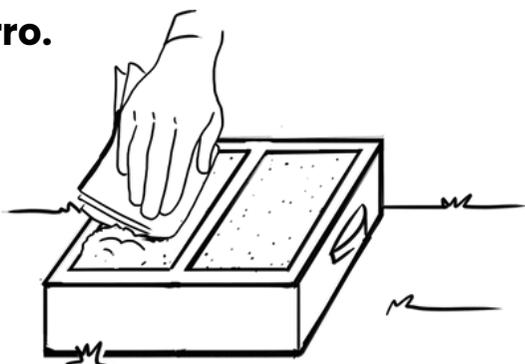
André nota que as dimensões das formas sofreram adaptações ao longo dos anos. Antigamente elas eram unitárias, ou seja, fabricavam-se um adobe por vez, já hoje em dia é possível produzir com mais de duas unidades. Ele salienta o fato da redução de tamanho, que eram comuns ver adobes com dimensões maiores comparadas com os que são produzidos na atualidade.

09 Soque o barro até sair o ar.



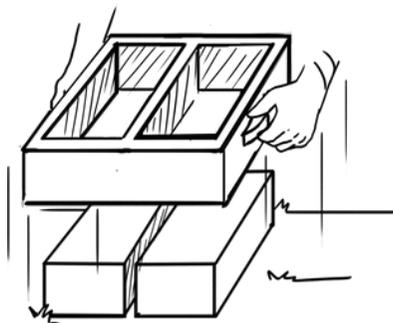
Com o barro dentro da forma, utilize os punhos para socar, é importante que não fiquem bolhas de ar, pois isso pode danificar a qualidade do produto.

10 Tire o excesso de barro.



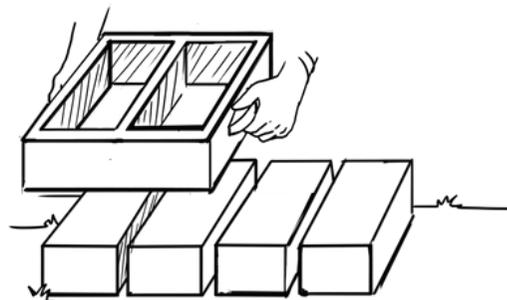
Com auxílio de um pano, retire o excesso do barro. É de suma importância que todos os adobes possuam uniformidade.

11 Desenforme.



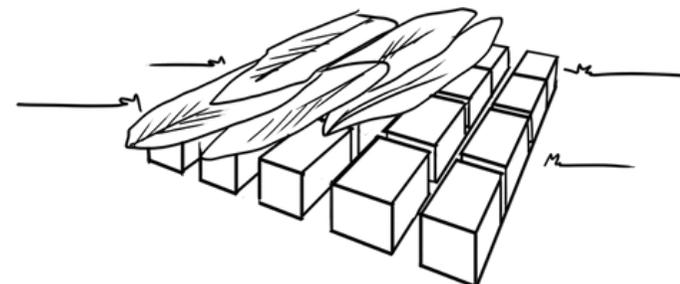
Desenforme os adobes de imediato e cuidadosamente para que não trinque.

12 Repita o processo.

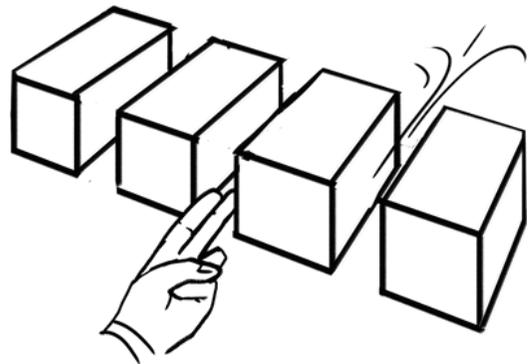


É importante ter em mente, que os primeiros adobes produzidos serão testes, para que possa ser analisada sua qualidade. Após notar que possui qualidade satisfatória, repita esse processo de produção até a quantidade desejada.

13 Em um local plano, coloque para secar.

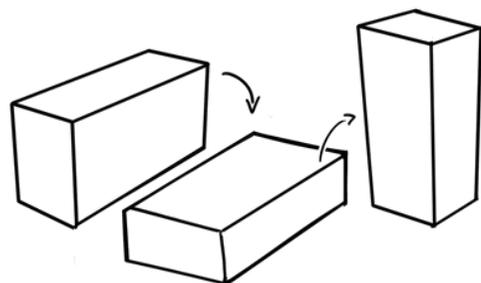


Coloque os adobes para secar em um local plano, pois ele precisará ser rotacionado ao longo dos dias. Cubra com folhas de bananeira ou lona para que não fique exposto diretamente ao sol e chuva, pois intempéries podem danificá-los.



A distância mínima indicada de afastamento de um adobe para o outro é a própria largura da madeira do molde. Se achar necessário pode afastar um ou dois dedos a mais, para não ficar muito amontoado e para que os raios do sol e o vento possam passar livremente pelas laterais, auxiliando na secagem.

14 Gire os adobes.



Durante o processo de secagem, é importante girar o adobe em todas as faces ao longo dos dias. Contribuindo para que o vento e o sol possam secar todos os seus lados uniformemente. É indicado que espere no mínimo 12 a 24hs para mudar de posição.

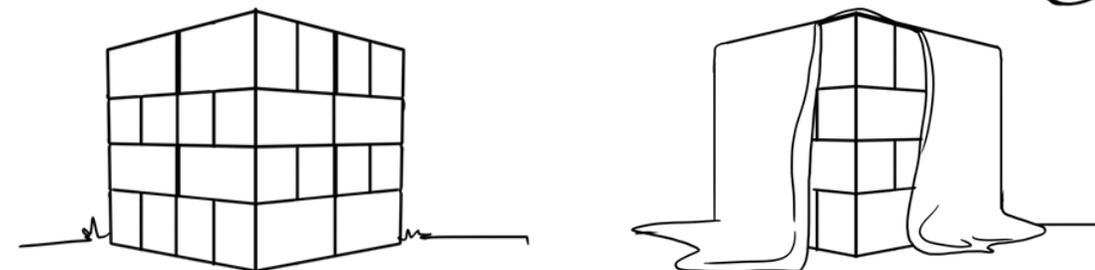
Segundo o mestre, a qualidade do clima interfere diretamente no processo de cura (secagem) deste produto. Ele faz uma estimativa de cinco a sete dias para que o adobe fique pronto para o uso na construção. Podendo variar de acordo com o clima local.

15 Limpe as bordas com facão.

Concluído o passo anterior, com auxílio de um facão, limpe as faces dos adobes, tirando os excessos e corrigindo as imperfeições.

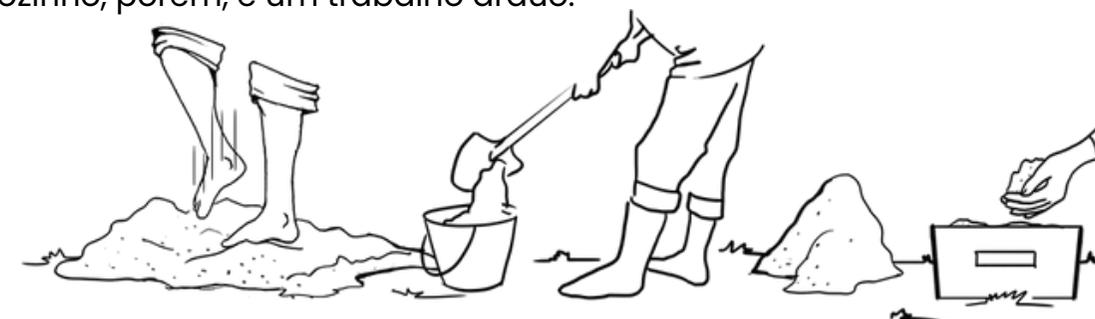


16 Empilhe os adobes



Com os adobes secos, é necessário empilhá-los. É importante realizar o travamento, revezando entre uma fileira transversal e outra longitudinal, contribuindo com que dificulte um possível desmoronamento. Após feito o processo, cubra com folhas de bananeiras ou lona.

O mestre diz que, para a execução do saber, é ideal a participação de três pessoas. Duas delas para revezar entre pisar e carregar o material para quem estará responsável pela forma, e outra agachada moldando os adobes. Relata ser possível realizar essa técnica sozinho, porém, é um trabalho árduo.



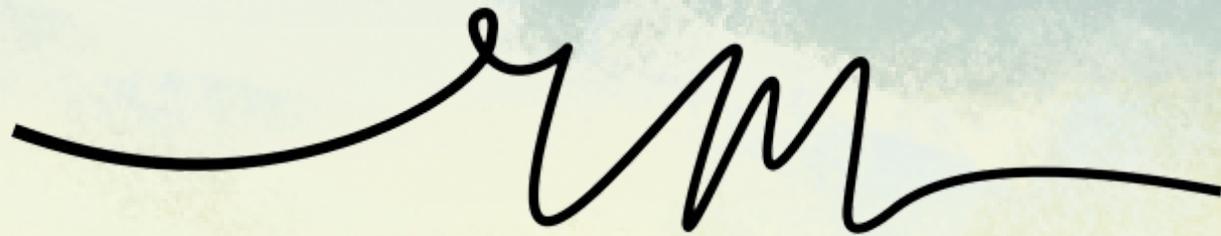


DICAS:

- Quando o barro for arenoso, indica-se acrescentar capim gordura ou sapé na massa. Para que o adobe fique mais forte e dificulte rachar e quebrar.

CUIDADOS E RESTRIÇÕES:

- O clima é seu principal aliado na execução deste saber, escolha os dias corretos para a produção;
- Ao raspar os adobes no passo 15, tenha cuidado dobrado para não danificar o formato e não quebrá-lo;
- Após levantada a parede, bata pregos apenas se estiver rebocada, para não correr riscos de danificar o adobe;
- Use beirais longos para proteger a parede externa das intempéries;
- Antes de levantar as paredes, faça um bom alicerce. A água da chuva e a umidade do solo podem danificar os adobes próximos ao chão.
- É indicado que seja realizada a impermeabilização das primeiras fileiras de adobe. Podendo ser feita com impermeabilizantes industriais encontrados com facilidade em lojas de material de construção, ou produzida de maneira natural usando baba de palma e água ou esterco de gado e água. Duas soluções ecológicas e baratas para fabricação.



RUAN MACEDO

Arquitetura e Urbanismo



Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU
Curso: Arquitetura e Urbanismo



Ruan Macedo

Arquiteto e Urbanista graduado pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL (2023) e nativo da Chapada Diamantina-BA, Ruan é um grande entusiasta de seu território e das tradições locais. Dedicar-se a projetos corporativos e residenciais com características contemporâneas e nordestinas, buscando através de sua arquitetura promover a valorização cultural da região.

Contatos:

 @ruanmacedo__

 (75) 9 9866-3399

 ruanmacedo.arq@outlook.com

Ilustrações:

Capa, Apresentação e Mapa: Nycollas Augusto.
Passo-a-passo: Gabriel Torres.

Tijolinhos



Apresentação

O presente livreto faz parte de uma série de sete cartilhas produzidas a partir do Trabalho Final de Graduação “Com as mãos no barro: valorizando e compartilhando as técnicas construtivas tradicionais da Chapada Diamantina-BA”. Para esta pesquisa, foram abordadas oito técnicas tradicionais presentes na região. Sendo elas: adobe, lajotas de barro, pau a pique, reboco, tinta de argila, terra pilada, telhas artesanais e tijolinhos. Todas essas possuindo como material em comum, o barro. São Saberes e Ofícios os quais fazem parte do patrimônio imaterial brasileiro, caracterizando-se pela sua transmissão de geração a geração, recriado através da comunidade, sofrendo influências do ambiente inserido e de sua história.

O estudo buscou investigar a partir de entrevistas qualitativas à mestres artífices residentes na região do Parque Nacional da Chapada Diamantina acrescido a cidade Seabra, suas memórias sobre as técnicas construtivas e acabamentos tradicionais produzidos com barro. A pesquisa, vislumbra compreender como se deu o processo de aprendizagem dos mestres, suas motivações, bem como as dificuldades com a profissão ao longo de suas vidas, identificando ainda, através de suas vivências com as técnicas e opiniões pessoais, sobre como os saberes são vistos atualmente na região, tanto por nativos como por turistas. E como produto final, registrou-se o passo a passo de cada técnica, por meio da observação durante as entrevistas de como os artífices executam seus ofícios, identificando os materiais utilizados, bem como aplicações, restrições, cuidados e manutenções.

Orientadora: Dra. Adriana Guimarães

Palmeiras - Ba

Palmeiras localizado a 446,1 km de distância da capital Salvador (GOOGLE MAPS, 2023). Possui uma área territorial de 737,454km², densidade demográfica de 12.79 hab/km² e uma população residente de 10.339 pessoas (IBGE, 2022), e PIB per capita de R\$ 10.499,75. (IBGE, 2020)

É uma cidade pequena, porém com grandes riquezas festivas e belezas naturais. Destaca-se pelo seu carnaval, sendo a festa mais antiga e tradicional da cidade. O Carnaval de Palmeiras existe desde 1926 e foi o primeiro da Chapada Diamantina, atualmente é considerado por muitos como sendo o melhor da região. As tradições religiosas também se destacam pela festividade, na Trezena de Santo Antônio é celebrado 13 noites com muita comida junina e forró, é também tradição na cidade a festa do Senhor Bom Jesus, padroeiro da cidade, reisado, terno de reis, lamentação das almas, terno das rosas (PREFEITURA MUNICIPAL DE PALMEIRAS, [S.D.]).

O Morro do Pai Inácio, um dos pontos turísticos mais famosos do Parque Nacional, fica localizado em Palmeiras. Outro ponto turístico bastante procurado na cidade é o seu distrito Caeté-Açu, mais conhecido como Vale do Capão, que fica a 24km da sede. A cidade possui como bens tombados pelo Estado o seu Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico. O Conjunto Paisagístico do Morro do Pai Inácio é tombado em nível nacional. Enquanto em nível municipal, há 25 bens tombado.





Mestre: Mário Aparecido Batista de Souza

Cidade: Palmeiras-BA

Aparecido de Souza é mestre artífice da técnica tijolinhos de barro. Possui 47 anos, seis filhos, e mora em Palmeira-Ba, cidade na qual nasceu e se criou. Aparecido atualmente é o único mestre do Parque que ainda possui olaria deste saber, estando com ela há mais de 30 anos. Aprendeu a técnica ainda jovem, com seu pai e tios, quando tinha por volta dos 18 anos de idade. *“Naquela época eles já faziam, aí foi passando de pai para filho, de tio para sobrinho”.*

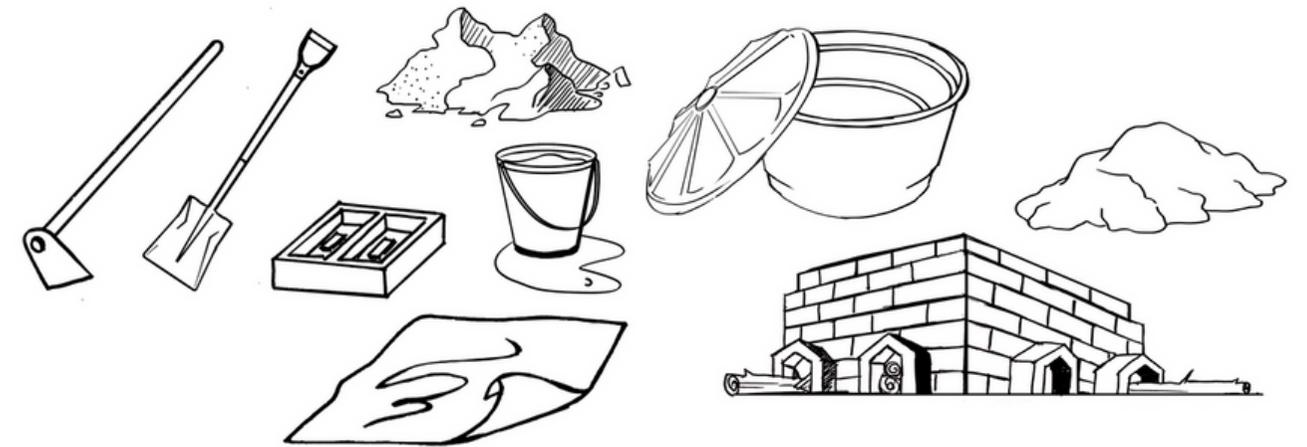
Diz que eles sempre motivaram os mais jovens a aprender o saber, falavam *“Bora trabalhar, pra criar a família!”*, lembrando com nostalgia. Passar o saber para as futuras gerações era uma um ritual de transição para a vida adulta. Pois juntamente com o ensinamento da técnica, estavam dando uma profissão para os mais jovens. Ensinavam o valor e a importância do trabalho na vida de um homem.

Ao ser questionado sobre o surgimento dos tijolinhos na região, ele diz que são algo presente há muito tempo no Parque. Que os pais dos seus pais já produziam. E o surgimento veio através das necessidades dos construtores mais velhos de um produto mais prático, eficiente e esteticamente bonito nas novas construções.

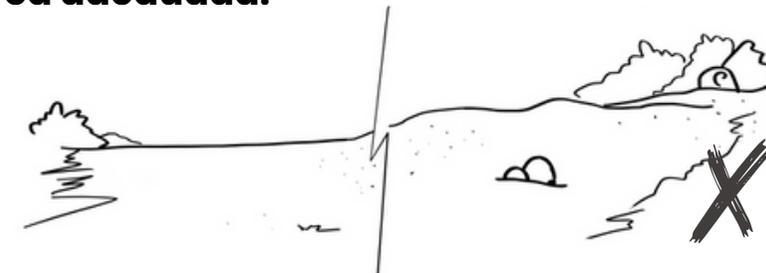
O mestre relata o quão gratificante é trabalhar com essa técnica e o retorno financeiro que por muitos anos adquiriu ao produzi-la. Contribuindo significativamente no sustento de sua família. Através dela, conseguiu criar seus seis filhos, construir sua casa e comprar seus carros.

Materiais:

Enxada, Pá, Água, Barro, Formas, Caixa d'água, Forno, Areia e Lona.

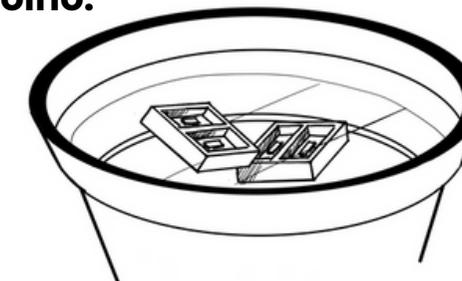


01 Escolha a área adeauada.



O primeiro passo para começar a produzir os tijolinhos é a escolha de um terreno grande, limpo e plano preferencialmente. A produção requer um bom espaço devido a quantidade de tijolos que são produzidos e pelo tempo que requer para secá-los.

02 Deixe a forma de molho.



Antes de dar início a produção, o mestre indica deixar de molho em uma caixa d'água as formas que serão utilizadas na confecção. Ela absorverá a água e juntamente com o passo 6, contribuirá com que o tijolo se solte com mais facilidade.

Não há necessidade de molhar a forma, ou passar um pano molhado nela todas as vezes que moldar um tijolo, assim como é realizado o adobe, basta molhar ela de hora em hora, quando perceber que está seca. Sempre que não estiver usando elas, pode deixar guardada na água.

03 Encontre o barro ideal.



Para a realização dos tijolos o mestre sugere que dê preferência ao barro que possui coloração mais escura. Aqueles que se encontram mais acima da terra, os mais carochudos. Aparecido relata que a região possui um excelente barro para a produção e de fácil acesso.

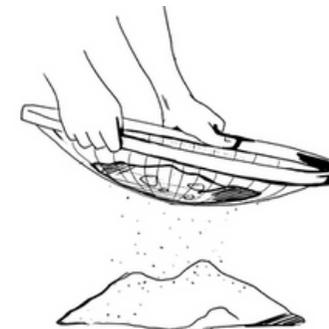
- **OBSERVAÇÃO:** O barro de baixo possui menos nutrientes e é mais fraco para execução deste saber, como afirma o mestre.

04 Encontre o barro ideal.

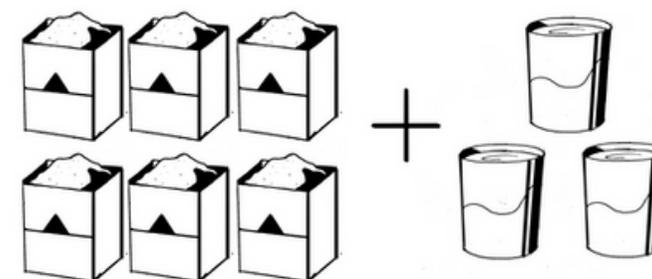


Para o preparo da massa, será necessário apenas água e barro. Misture ambos até ficarem homogêneos. Tenha cuidado para não acrescentar areia, ela pode danificar o produto final.

Peneirar o barro antes do preparo da massa é opcional. O mestre diz que seria bom pelo fato de facilitar o processo de mistura e evitar os caroços de barro que podem atrapalhar na etapa de colocar na forma. Mas se optar por não fazê-lo, é algo que pode ser resolvido ao pisotear o barro.



Aparecido faz uma estimativa de proporção entre barro e água a ser misturado. Ele calcula uma base de seis latas de barro para três de água. Porém, salienta que o olhometro é a melhor ferramenta para observar se a massa estará lamacenta ou seca.



05 Pise o barro.



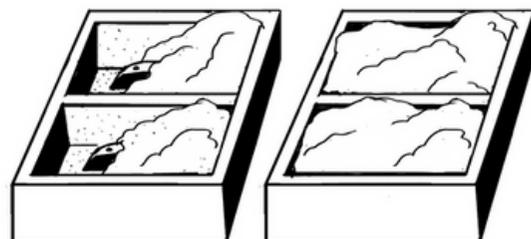
Com a mistura já realizada, pise o barro até adquirir a consistência ideal. Ela precisa ser consistente ao ponto de se soltar das mãos com facilidade, sem deixar fragmentos, se tornando duro e bem amassado. "O barro quanto mais mexe nele, melhor ele fica - Aparecido".

06 Passe areia na forma.



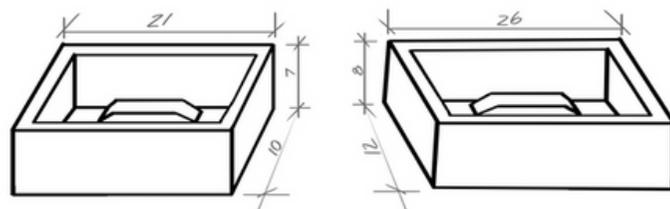
Anteriormente ao processo de moldar o barro nas formas, é de suma importância preparar elas passando areia em seu interior. Esse passo juntamente ao 2, contribuirá que ao desmoldar o tijolo, ele se solte com facilidade.

07 Coloque o barro nas formas.

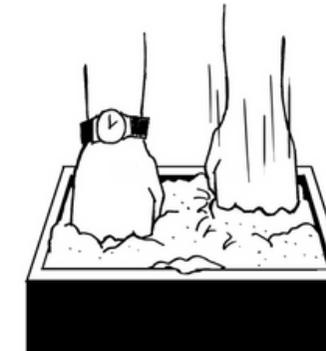


Com a massa já produzida, chegou a hora de moldar os tijolos. Use forma de 2 unidades para facilitar e agilizar a produção.

Elas são feitas de madeira e possuem duas dimensões padrões: A tradicional com 21x10x7 e a com 26x12x8 criada mais recente. Podendo suas medidas serem adaptadas para a necessidade do cliente se houver necessidade.

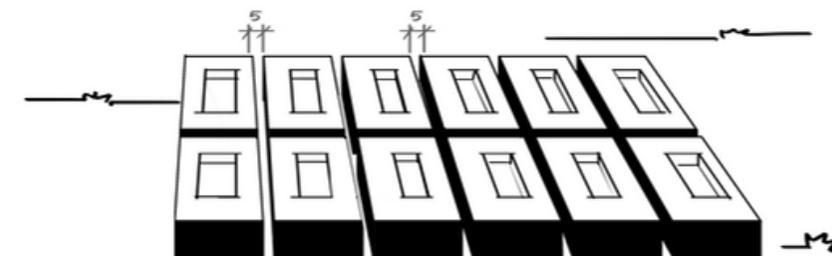


08 Soque o barro.



Ao preencher o molde com o barro, é necessário que soque ele com os punhos para que fique compactado e para que saia todas as bolhas de ar que porventura podem conter. Na atualidade, esse produto normalmente é utilizado em construções em seu estado puro, aparente, sem reboco ou revestimentos. Diante disto, é fundamental que ele não possua defeitos no formato.

09 Coloque para secar.

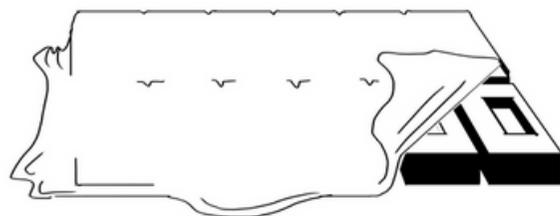


Ao desenformar os tijolos, coloque para secar. Eles não podem estar expostos ao sol muito quente, pois correm risco de rachar, e nem a chuva pois podem desmanchar. A distância de dois a três dedos de um para o outro, já é suficiente para secar.

A escolha do tempo e o clima ideal, são os maiores aliados na produção. O mestre salienta a importância de fazer a produção nos dias corretos, pois se houver bastante sol nos dias de produção, a secagem podem levar de 3 a 4 dias, já em dias nublados e chuvosos, podem ocorrer de levar 15 dias a 1 mês para a secagem.

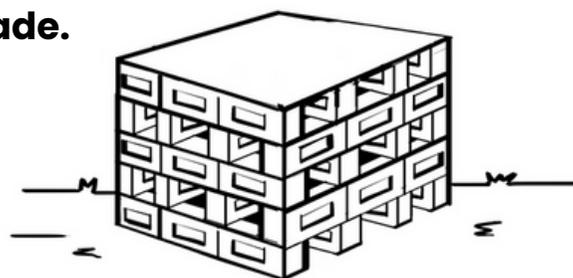
O mestre relata que os meses de Junho e Julho são os piores para a produção na região, devido a quantidade de chuva e falta de sol. *“É complicado fazer em junho e julho. Faz, mas demora bastante.”*

10 Coloque uma lona por cima.

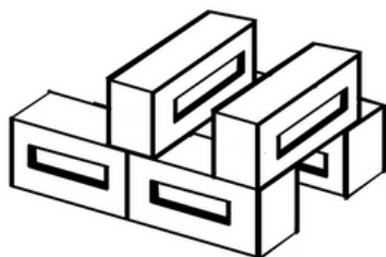


O mestre indica colocar uma lona por cima dos blocos se o sol estiver muito quente, para que não rachem. Ou se estiver chovendo, para que não desmanchem. ele tem que ir secando aos poucos. O mestre indica que sejam secados na sombra.

11 Organize em grade.



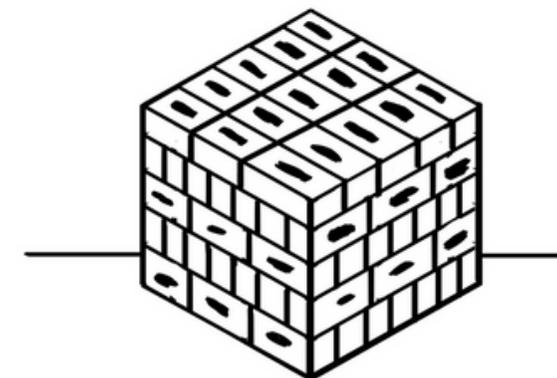
Com os tijolos semi secos, anteriormente ao processo de cozimento, coloque-os em grade. Essa etapa, permite liberar espaço no terreno para a produção de novos tijolos e contribui com que a secagem passa continuar ocorrendo.



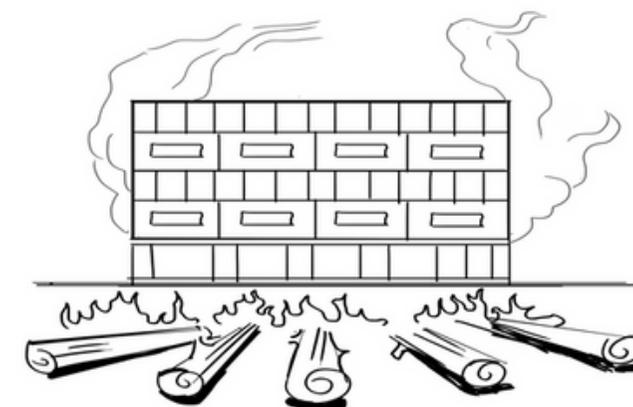
Para montar a grade, é necessário fazer fileiras com suas laterais, nas posições longitudinal e transversal. É importante que haja espaçamento entre os tijolos, permitindo a entrada e circulação da ventilação.

- **OBSERVAÇÃO:** Mantenha a lona por cima deles, para protegê-los das intempéries.

12 Coloque eles no forno.



Após a secagem completa, chegou o momento de levá-los ao forno. É necessário que sejam empilhados seguindo a mesma lógica da grade: De lado, revezando em posições longitudinais e transversais, e desta vez sem afastamentos entre eles. Apenas a última fileira deve ser feita com os tijolos deitados, para abafar o forno.



Os tijolos precisam ser postos dessa maneira, para que o vapor possa subir e circular entre todas as brechas, contribuindo com que todos os lados sejam queimados igualmente. Se todas as fileiras forem arrumadas na mesma direção, o calor vindo por baixo, subirá em linha reta e não queimará igualmente todos os lados.

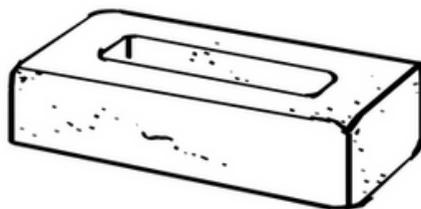
13 Queima.



O processo de queima dura em média de 6 horas. O forno do mestre é produzido com os próprios tijolos, possui as dimensões de 4x4 e cabe 8.000 mil tijolos.

• IMPORTANTE:

O mestre salienta ser imprescindível não jogar nada debaixo do forno durante e após o processo de cozimento. Relata que já presenciou pessoas usando o fogo ou a brasa para queimar objetos ou até mesmo assar carne, danificando toda a produção. *“Não pode de jeito nenhum, se não perde o forno todinho, a gordura dele empretece todinho os tijolos”*. Como dito anteriormente, esses tijolos são utilizados aparentes nas construções, precisam possuir uma excelente aparência e acabamento.

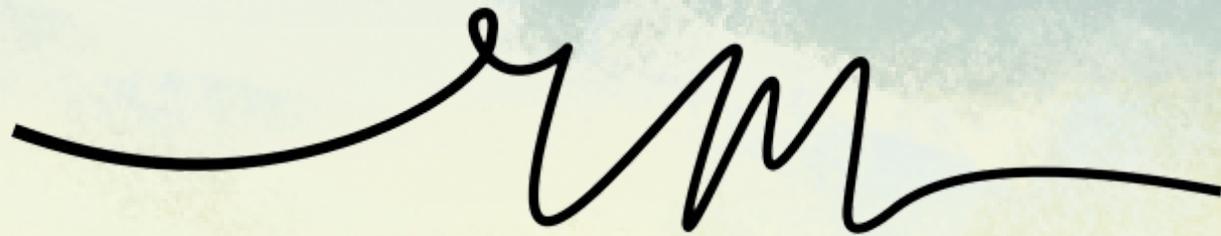


DICAS:

- Todas as formas devem possuir uma leve cavidade em sua face principal. Esse rebaixamento é essencial para que durante o processo de construção a argamassa possa se fixar com mais firmeza, tornando seu assentamento mais estabilizado. É um diferencial comparado aos blocos cerâmicos. À medida que os blocos são sobrepostos durante a construção é necessário ir erguendo o pilar, para que não desmorone. Já os tijolinhos conseguem chegar a uma altura maior sem a necessidade da construção do pilar imediatamente, justamente por essa cavidade, assim como confirma Aparecido.

CUIDADOS E RESTRIÇÕES:

- Os tijolos utilizados nas primeiras fileiras do forno, devem possuir um cuidado maior em sua retirada, transporte e construção. Por ficarem mais próximos ao fogo, possuem uma fragilidade maior comparado aos demais;
- Durante a produção, fique atento para que os tijolos possuam o mesmo padrão de qualidade, evitando desconformidade, já que são normalmente utilizados sem reboco e revestimentos;
- O clima e o tempo afetam diretamente na produção dos tijolos, fique atento para que o sol excessivo e a chuva não danifique os produtos;
- Ao transportar os tijolos, evite estradas esburacadas, pois comprometem a sua resistência.



RUAN MACEDO

Arquitetura e Urbanismo



Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU
Curso: Arquitetura e Urbanismo



Ruan Macedo

Arquiteto e Urbanista graduado pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL (2023) e nativo da Chapada Diamantina-BA, Ruan é um grande entusiasta de seu território e das tradições locais. Dedicar-se a projetos corporativos e residenciais com características contemporâneas e nordestinas, buscando através de sua arquitetura promover a valorização cultural da região.

Contatos:

 @ruanmacedo__

 (75) 9 9866-3399

 ruanmacedo.arq@outlook.com

Capa, Apresentação e Mapa: Nycollas Augusto.
Passo-a-passo: Gabriel Torres.

Pau a Pique



Apresentação

O presente livreto faz parte de uma série de sete cartilhas produzidas a partir do Trabalho Final de Graduação “Com as mãos no barro: valorizando e compartilhando as técnicas construtivas tradicionais da Chapada Diamantina-BA”. Para esta pesquisa, foram abordadas oito técnicas tradicionais presentes na região. Sendo elas: adobe, lajotas de barro, pau a pique, reboco, tinta de argila, terra pilada, telhas artesanais e tijolinhos. Todas essas possuindo como material em comum, o barro. São Saberes e Ofícios os quais fazem parte do patrimônio imaterial brasileiro, caracterizando-se pela sua transmissão de geração a geração, recriado através da comunidade, sofrendo influências do ambiente inserido e de sua história.

O estudo buscou investigar a partir de entrevistas qualitativas à mestres artífices residentes na região do Parque Nacional da Chapada Diamantina acrescido a cidade Seabra, suas memórias sobre as técnicas construtivas e acabamentos tradicionais produzidos com barro. A pesquisa, vislumbra compreender como se deu o processo de aprendizagem dos mestres, suas motivações, bem como as dificuldades com a profissão ao longo de suas vidas, identificando ainda, através de suas vivências com as técnicas e opiniões pessoais, sobre como os saberes são vistos atualmente na região, tanto por nativos como por turistas. E como produto final, registrou-se o passo a passo de cada técnica, por meio da observação durante as entrevistas de como os artífices executam seus ofícios, identificando os materiais utilizados, bem como aplicações, restrições, cuidados e manutenções.

Orientadora: Dra. Adriana Guimarães

Andaraí - Ba

Andaraí está a 421,4 km de distância da capital Salvador (GOOGLE MAPS, 2023). Possui uma área territorial de 1.590,316km², população residente de 13.080 pessoas, densidade demográfica de 8,22 hab/km² (IBGE, 2022) e um PIB per capita equivalente a R\$ 8.934,80 (IBGE, 2020).

A forte presença de pinturas rupestres na região indica que esta área foi ocupada por tribos indígenas (Cariris e Maracás), sendo eles os primeiros habitantes. O município possui dois distritos: Xique-xique do Igatu e Ubiraitá. Igatu, foi formado por garimpeiros oriundos de Santa Isabel do Paraguaçu e é conhecido internacionalmente por seu patrimônio cultural, arquitetônico e ecoturístico.

Possui como atrativos: Pantanal dos Marimbus, Gruta da paixão, Gruta da Marota, Igatu, Balneário do Rio Paraguaçu, Cachoeira da Rosinha, Cachoeira do Ramalho, Cachoeira do Bom Jardim, Cachoeira Três Barras II e Rio Roncador.

A cidade está inserida no APA (Área de Proteção Ambiental) no APA Maribus/Iraquara. Faz parte da RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural) com o RPPN Saramandiba (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017, p.293). Possui como Bens tombados pela União o Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico de Igatu, inclusive as ruínas de habitação feitas de pedra e a Área contígua de proteção do Centro Histórico de Igatu como um Bem tombado pelo Estado (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017, p.290).





Mestre: Cláudio Côrtes Ferreira

Cidade: Mucugê -BA

Agenor e Dilma são mestres da técnica construtiva Pau a pique. Ambos são casados, nasceram e se criaram em Andaraí, possuem 3 filhos e residem atualmente na Comunidade de Cajueiro, zona rural da cidade. Tiveram contato com o saber ainda na infância, já que nasceram dentro de uma casa feita de pau a pique. Assim como relata Agenor *“Desde que eu nasci, a gente foi criados em uma casa dessa”*, e confirma Dilma em *“Eu e ele nascemos em uma casinha assim, então desde crianças e até mesmo antes da gente nascer, nossos pais já tinham ela e viviam nesta situação. Era um modo deles sobreviverem também”*.

Ambos relatam que aprenderam a produzir a técnica com os próprios pais e com a vivência na comunidade. Saber esse, que é transmitido de geração em geração de acordo com seus relatos, mas que possivelmente tenham sido trago para a região através dos quilombos ou indígenas, como sugere o mestre. Lembram com nostalgia de na infância contribuírem na execução de casas de parentes e amigos, que se reuniam para pisar o barro e levantar lares na comunidade.

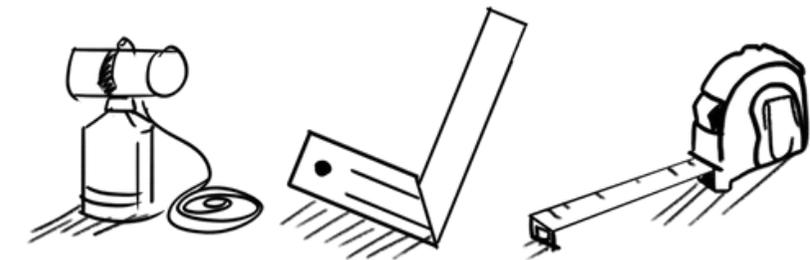
De acordo com os mestres, essa é uma técnica fácil de ser aprendida, porém trabalhosa de ser executada. É necessário força de vontade, coragem e prática em sua execução. Por mais que dê pra fazê-la sozinha, ela fica mais prazerosa quando produzida em mutirão, em comunidade.

Materiais:

Pá, Vassoura, Peneira, Enxada, Balde com água, Carrinho de mão, Madeiras espessas, Varas delgadas, Cipó/ borracha/ arames/ couro/ mangueiras de irrigação, Barro e Lona.



- **IMPORTANTE:** Os mestres salientam a necessidade de utilizar equipamento construtivos como prumo, esquadros e trena para auxiliar na execução da técnica.

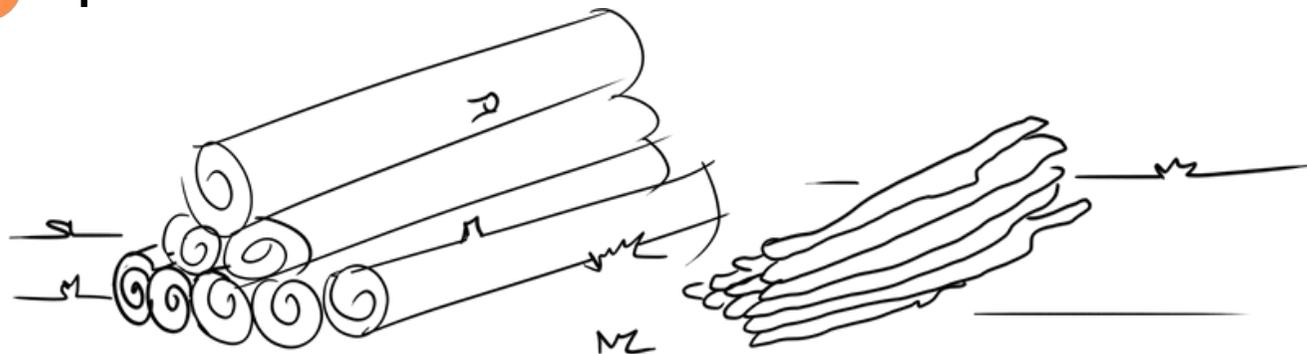


01 Escolha o terreno adequado.



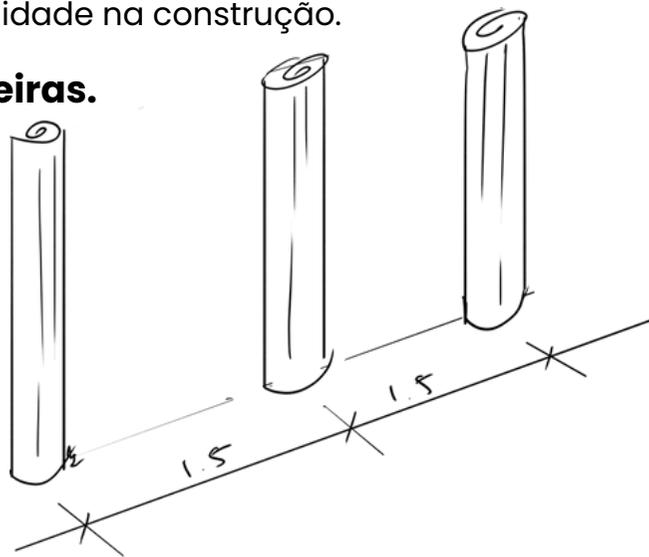
A escolha do terreno onde será posicionado a casa, é a primeira precaução que deve ser adquirida. É indicado que ela seja implantada em um terreno plano, construções feitas de pau a pique quando realizadas em terrenos com declividade ou aclive, correm riscos de serem danificadas com água da chuva e infiltração quando não executada com um excelente alicerce.

02 Separe as madeiras.



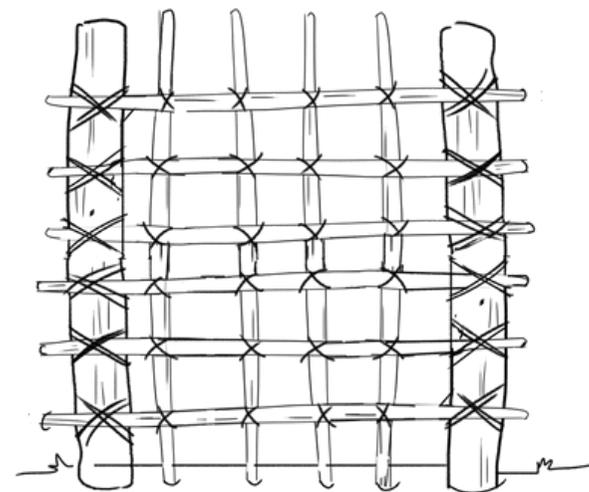
Para a construção da casa é importante utilizar madeiras de qualidade, resistentes a cupins e chuvas. Elas posteriormente serão sobrepostas por barro, então há necessidade redobrada de cuidado na escolha das melhores peças. Os mestres indicam o Camboatá para as varas e a Aroeira para os pilares, pelo fato de ser mais espesso. Duas árvores facilmente encontradas na região com abundância e com bom desempenho de durabilidade na construção.

03 Separe as madeiras.



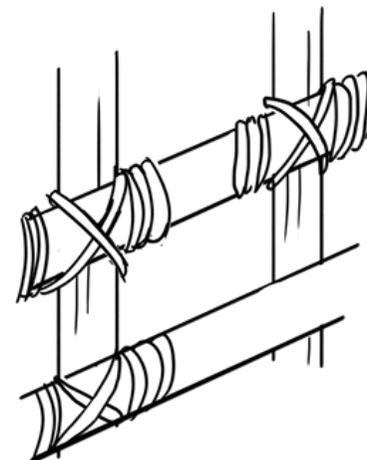
Com os troncos de Aroeira, posicione eles ao terreno como pilares, dando espaçamento entre um e outro a distância de aproximadamente 1,5m. Sempre que houver portas e janelas, é importante possuir um tronco em suas laterais, pois estes ajudam na amarração das varas.

04 Posicione as varas na vertical e horizontal.



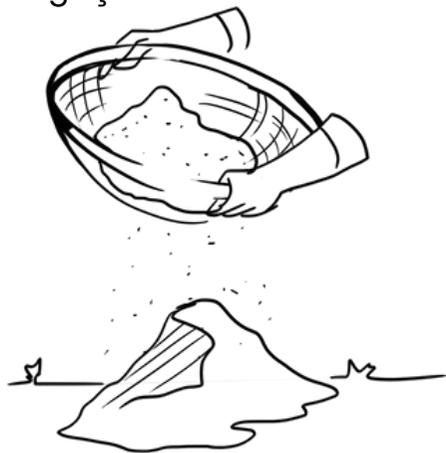
Após todos os pilares implantados no terreno, use as varas de Camboatá para iniciar a vedação da parede. A amarração delas são feitas em sentido horizontal e vertical, e se possível entrelaçadas. Dessa forma contribuindo com o travamento. Os mestres indicam usar as varas mais grossas no sentido vertical e as mais finas, na horizontal, devido ao seu peso.

05 Amarre as varas.



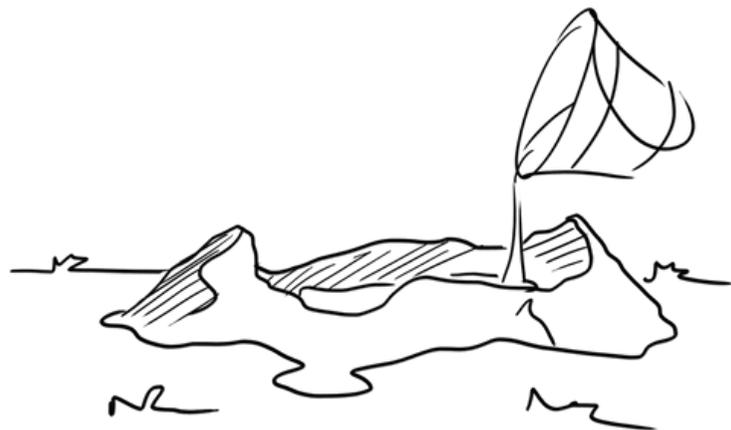
Com auxílio do cipó, amarre todos os encontros de madeira, esse processo é fundamental para que elas não despenquem quando acrescentado o barro. De acordo com indicações dos mestres, o cipó pode ser substituído por pedaços de arame, couro, borrachas e mangueiras de irrigação.

06 Prepare o barro.



Use a peneira para separar do barro os cascalhos, folhas e possíveis componentes indesejáveis.

Para o preparo da massa, basta misturar o barro com a água. É importante que o barro não seja arenoso, pois afeta na qualidade do produto, contribuindo com futuras rachaduras. Não há estimativas de proporção de barro e água, será necessário usar o olhometro. É importante ficar atento na consistência da massa, notar se está homogêneo. Ela não pode ficar mole ao ponto de grudar na mão e nem seca ao ponto de farelar.



Use os pés para pisar o barro.



Os mestres recomendam, que se possível, preparar o barro na noite anterior à aplicação. Isso contribuirá com que ele possua mais liga e tenha mais aderência ao grudar nas madeira. Finalizado, cubra com uma lona para não perder a umidade. Dessa maneira, estará pronto para utilização no dia seguinte.



07 Varra e molhe o chão.



Anteriormente à realização do embrechamento, é necessário organizar e limpar o lugar onde será barreado. Com auxílio de uma vassoura e um balde de água, varra e molhe o chão. Provavelmente cairá restos de massa, e ela não pode se misturar com areia, para que possa ser aproveitada novamente.

Outra solução é colocar uma lona no chão, permitindo que barro caia sobre ela e posteriormente reutilizada.



08 Molhe as mãos.



Sempre que for pegar o barro para preencher a parede, é de suma importância molhar as mãos antes. Este processo permite que o material não grude nelas e se solte com mais facilidade.

09 Barreia de dentro para fora.

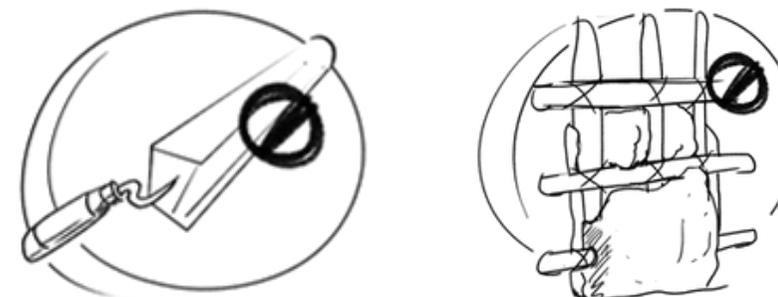


Com todos os processos anteriores concluídos, chegou o momento de barreiar as paredes. Com a proporção de uma mão, pegue o barro e faça o embrechamento entre as madeiras. Este processo é necessário fazer dos dois lados da parede.

Os mestres indicam que seja realizado primeiramente o embrechamento das partes internas da casa, aquelas que estão voltadas para o exterior, para só posteriormente fazer o inverso. Eles acreditam que essa é melhor forma de se começar, pelo fato de se porventura precisarem habitar o ambiente com urgência, poder realizar a mudança.

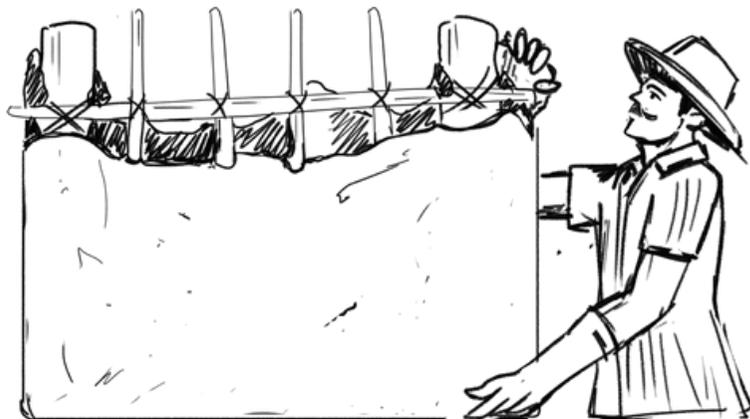
OBSERVAÇÕES:

1. Não usar a Trolha (colher de pedreiro), para colocar o barro entre as madeiras;
2. Não realizar o embrechamento dos dois lados da parede no mesmo dia. O barro vai se soltar.



10 Barreia de fora para dentro.

NO DIA SEQUINTE



Após concluir o embrechamento da parte interna, no dia seguinte, finalize a construção realizando o barreio da parte externa.

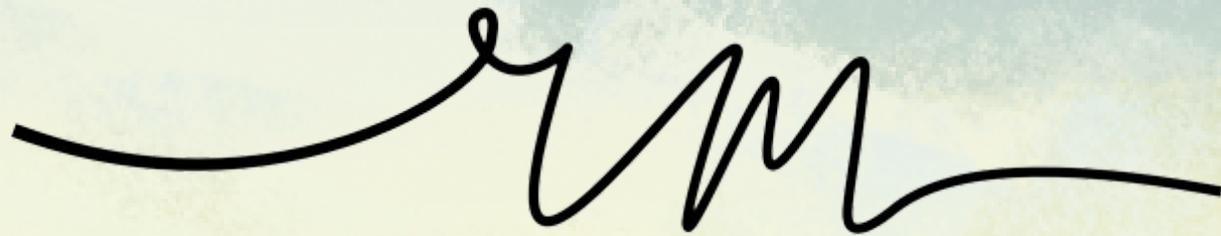
De acordo com os mestres, essa é uma técnica fácil de ser aprendida, porém trabalhosa de ser executada. É necessário força de vontade, coragem e prática em sua execução. Por mais que dê para fazê-la sozinha, ela fica mais prazerosa quando produzida em mutirão, em comunidade. Gostar de ter as mãos e os pés na terra é requisito fundamental na prática desse saber.

DICAS:

- Utilize pedaços de pedras e telhas para preencher os vazios dentro das madeiras, isso contribui para gastar menos barro durante o embrechamento;
- Use garrafas de vidro nas paredes durante a construção para permitir claridade nos ambientes;
- É indicado realizar o alicerce com o uso de pedras, devido a água da chuva e infiltração;
- Recomenda-se realizar a construção com uma altura agradável, para permitir maior circulação da ventilação. Os mestres construíram a casa com pé direito baixo, e se arrependeram.

CUIDADOS E RESTRIÇÕES:

- Use beiras longas para proteger as paredes externas da chuva e do sol;
- Os telhados precisam possuir a inclinação correta de acordo com as telhas utilizadas, evitando com que haja infiltração descendente;
- Use calhas para evitar água da chuva nas paredes;
- Em períodos chuvosos, fique atento às paredes, observando se há infiltração ascendente (do chão para cima) ou descendente (do telhado para baixo);
- Dê prioridade em construir em terrenos planos, a execução em terrenos com declive ou aclive, sem um bom alicerce podem facilitar a entrada de água da chuva e infiltrações.



RUAN MACEDO

Arquitetura e Urbanismo



Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU
Curso: Arquitetura e Urbanismo



Ruan Macedo

Arquiteto e Urbanista graduado pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL (2023) e nativo da Chapada Diamantina-BA, Ruan é um grande entusiasta de seu território e das tradições locais. Dedicar-se a projetos corporativos e residenciais com características contemporâneas e nordestinas, buscando através de sua arquitetura promover a valorização cultural da região.

Contatos:

 @ruanmacedo__

 (75) 9 9866-3399

 ruanmacedo.arq@outlook.com

Capa, Apresentação e Mapa: Nycollas Augusto.
Passo-a-passo: Gabriel Torres.

Reboco



Apresentação

O presente livreto faz parte de uma série de sete cartilhas produzidas a partir do Trabalho Final de Graduação “Com as mãos no barro: valorizando e compartilhando as técnicas construtivas tradicionais da Chapada Diamantina-BA”. Para esta pesquisa, foram abordadas oito técnicas tradicionais presentes na região. Sendo elas: adobe, lajotas de barro, pau a pique, reboco, tinta de argila, terra pilada, telhas artesanais e tijolinhos. Todas essas possuindo como material em comum, o barro. São Saberes e Ofícios os quais fazem parte do patrimônio imaterial brasileiro, caracterizando-se pela sua transmissão de geração a geração, recriado através da comunidade, sofrendo influências do ambiente inserido e de sua história.

O estudo buscou investigar a partir de entrevistas qualitativas à mestres artífices residentes na região do Parque Nacional da Chapada Diamantina acrescido a cidade Seabra, suas memórias sobre as técnicas construtivas e acabamentos tradicionais produzidos com barro. A pesquisa, vislumbra compreender como se deu o processo de aprendizagem dos mestres, suas motivações, bem como as dificuldades com a profissão ao longo de suas vidas, identificando ainda, através de suas vivências com as técnicas e opiniões pessoais, sobre como os saberes são vistos atualmente na região, tanto por nativos como por turistas. E como produto final, registrou-se o passo a passo de cada técnica, por meio da observação durante as entrevistas de como os artífices executam seus ofícios, identificando os materiais utilizados, bem como aplicações, restrições, cuidados e manutenções.

Orientadora: Dra. Adriana Guimarães

Itaetê - Ba

Itaetê está localizado a 386,1 km de distância da capital Salvador (GOOGLE MAPS, 2023). Possui uma área territorial de 1.331,822 km², população residente de 13.472 pessoas, densidade demográfica 10,12 hab/km² (IBGE, 2022) e PIB per capita 6.963,24 (IBGE, 2020). Está situado a 399 metros de altitude e possui clima seco sub-úmido e sua temperatura média é de 23,3°C (CIDADE-BRASIL, 2021).

Seu nome é de origem indígena e significa "pedra duríssima", seu desenvolvimento enquanto cidade se deu com ajuda dos tropeiros que contribuíram para que Itaetê viesse a se transformar em um importante centro comercial, sendo ponto de apoio para as tropas que vinham das lavras diamantina e das mais diversas localidades do alto sertão para a estação ferroviária (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAETÊ, [S.D.]).

A cidade possui como pontos turísticos o Poço Encantado, principal atrativo e um dos mais belos cartões-postais da cidade, Cachoeira do Herculano, Lapa do bode, Cachoeira Encantada, Cachoeira da Invernada, Cachoeira da Roncadeira, Cachoeira do Bom jardim e a Pedra do Camelo (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAETÊ, [S.D.]). Não há bens tombados pelo Estado, União ou Município em Itaetê.





Mestre: Manoel Gonçalves Cabral

Cidade: Itaetê-BA

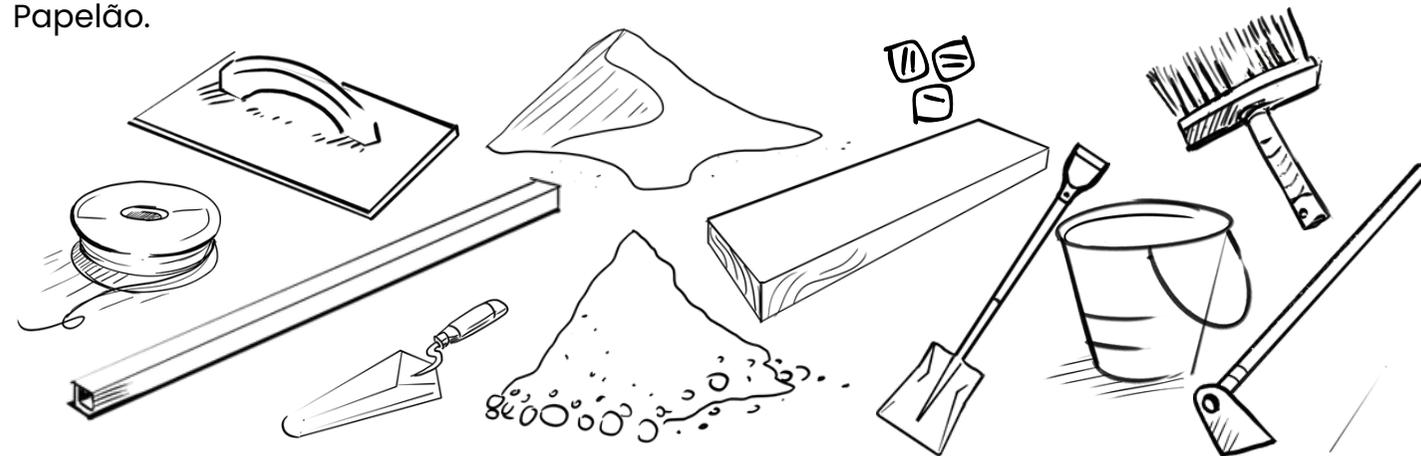
Mestre da técnica de acabamento reboco de barro e nativo da cidade de Itaetê-Ba, Manoel Cabral possui 59 anos, 4 filhos e é casado com Margareth Batista. Exerce a profissão de construtor civil há 28 anos, boa parte desse período trabalhando em São Paulo, onde mudou-se com sua família ainda na juventude em busca de prosperidade que uma cidade grande prometia. Entre idas e vindas, durante décadas, aumentava o desejo de retornar efetivamente à sua cidade natal. Aproximadamente a 11 meses retorna para Itaetê, dessa vez com objetivo de morar e passar o resto da vida.

Relata que desde seus 18 anos de idade já realizava o ofício de construtor, aprendeu na região todas as técnicas que utilizavam o barro para a execução de casas. Saberes que serviram tanto para construir a própria moradia da família, quanto como ferramenta de sustento.

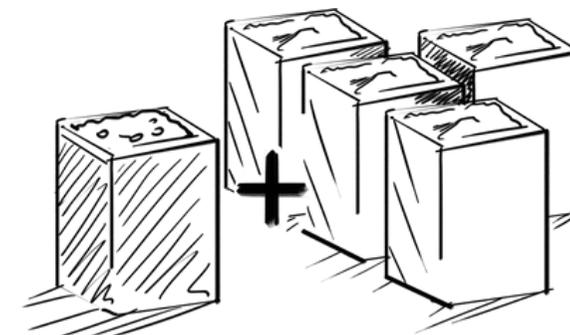
Aprendeu a produzir adobe com o pai, que era um excelente adobeiro na região. Porém, o mesmo não era construtor, apenas produzia os blocos. Manoel relata que sentia necessidade e interesse em aprender mais a fundo o ofício de construtor, e com auxílio de pedreiros mais velhos, pode se aprimorar na profissão. Inclusive, aprendeu o reboco com barro através de seus amigos construtores.

Materiais:

Barro, Areia lavada, Balde, Colher de pedreiro, Água, Desempenadeira, Brocha/ trincha, Enxada e pá, Talisca (Pedaço de piso), Barbante, Régua de alumínio, Madeirite/ Plástico/ Papelão.



01 Preencha 4 latas com areia e 1 de barro.

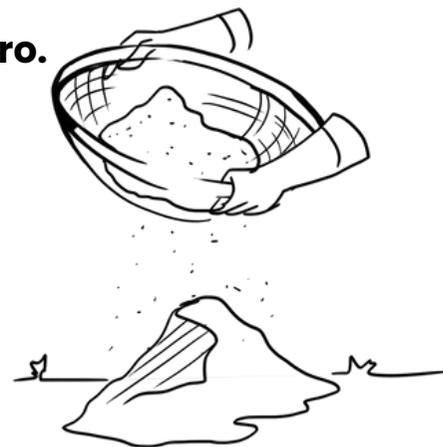


Será necessário a proporção de quatro latas de areia lavada e uma lata de barro para a produção da massa. O mestre salienta a importância de seguir essa proporção, enfatizando que o acréscimo a mais de barro ou de areia pode influenciar diretamente na qualidade do produto, assim como, promover possíveis rachaduras devido a liga da massa.

A areia lavada, segundo o mestre Manoel, é:

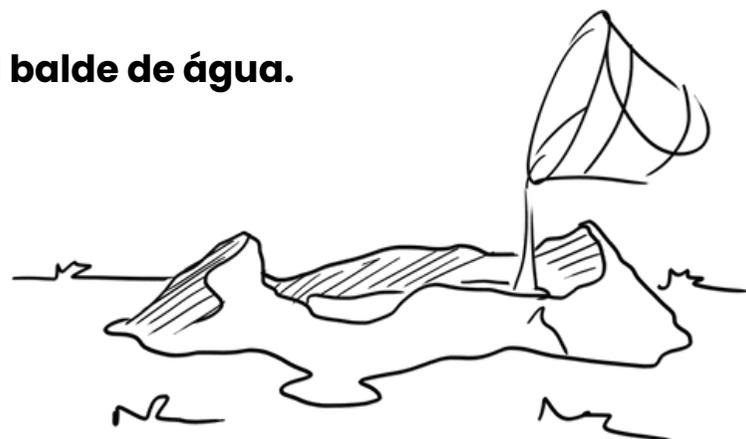
“É areia de enxurrada, aquela areia que sai nas estradas de barro, que a água sai escorrendo na estrada, que junta nas poças, aquela que é a própria pro reboco de barro.” (Manoel Cabral, 2023)

02 Peneire a areia e o barro.



Com o barro e areia já separados, em um terreno limpo, peneire ambos materiais para dar início ao preparo. É importante passar por esse processo, para retirar possíveis entulhos, pedras e materiais vegetais. Eles podem interferir de forma significativa com o resultado e qualidade do reboco durante o processo da etapa 09.

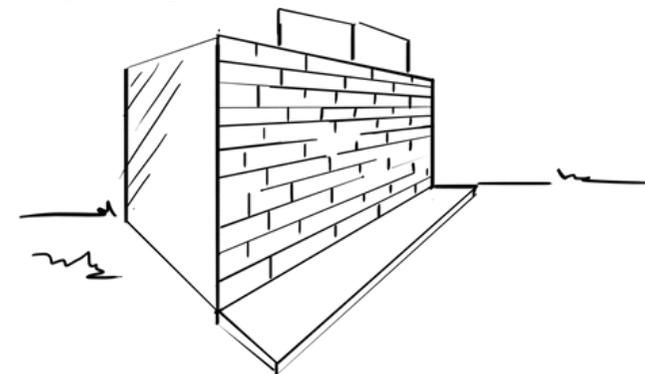
03 Acrescente 1 balde de água.



O próximo passo é acrescentar água, até a massa ficar homogênea. De acordo com mestre, a média de água normalmente varia entre um balde e um balde e meio, mas é importante ir dosando de acordo com o olhometro, até chegar na consistência ideal.

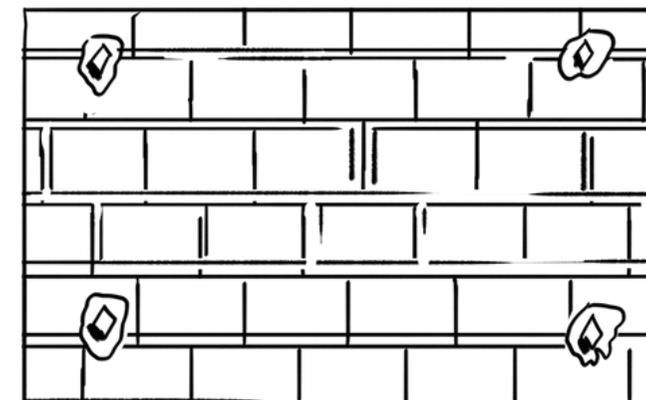
“A água você vai colocando até ficar no ponto de trabalhar [...] pra ele não ficar nem muito mole e nem muito duro.” (Manoel Cabral, 2023)

04 Coloque um pedaço de plástico/ madeira no chão da parede.

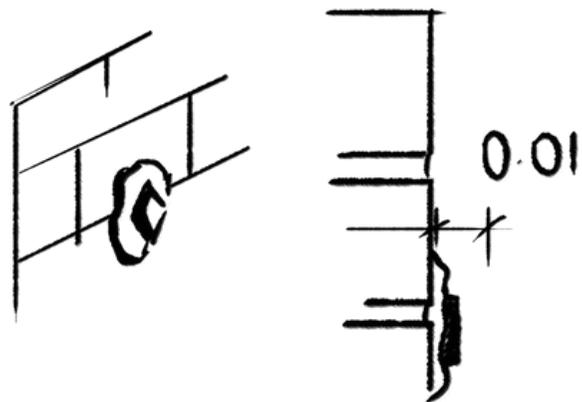


É indicado colocar alguma superfície aos pés da parede, como plástico, madeira ou algo que possa recolher a massa que cair do reboco, para ser reaproveitada novamente. Se cair no chão, estando ele sujo, recomenda-se não utilizá-lo novamente, porque pode conter pequenas pedras ou fragmentos que podem danificar a finalização do reboco.

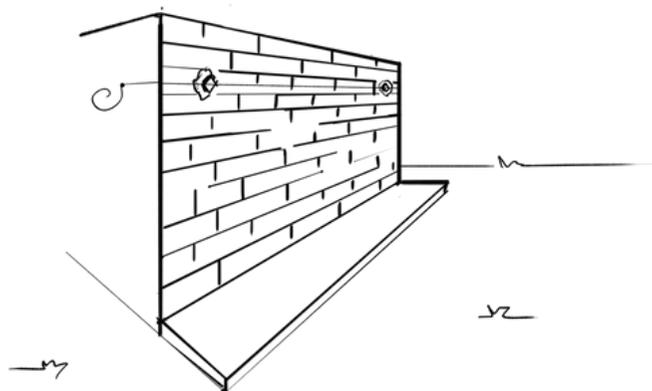
05 Espalhe Taliscas na parede.



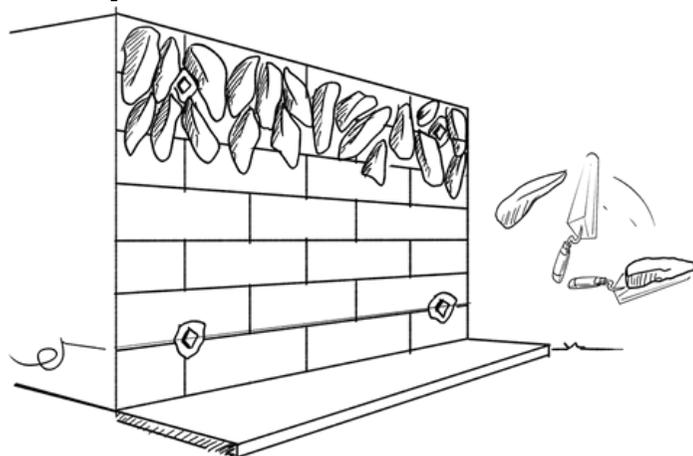
Fixe na parede com o próprio barro, na altura de 1 cm a 1,5 cm um pedaço de talisca. Ele servirá como base para os demais a serem acrescentados.



Com auxílio de um barbante, tendo como referência a primeira talisca colocada na parede, acrescente outras espalhadas, elas servirão como base de espessura para o reboco.

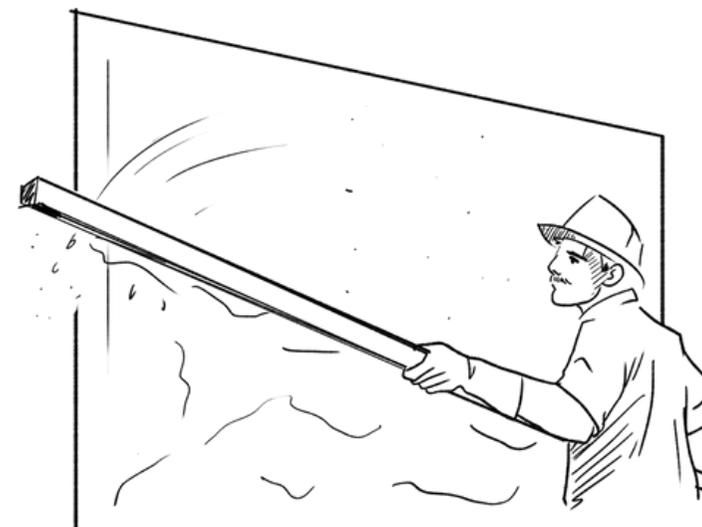


06 Coloque a massa na parede.



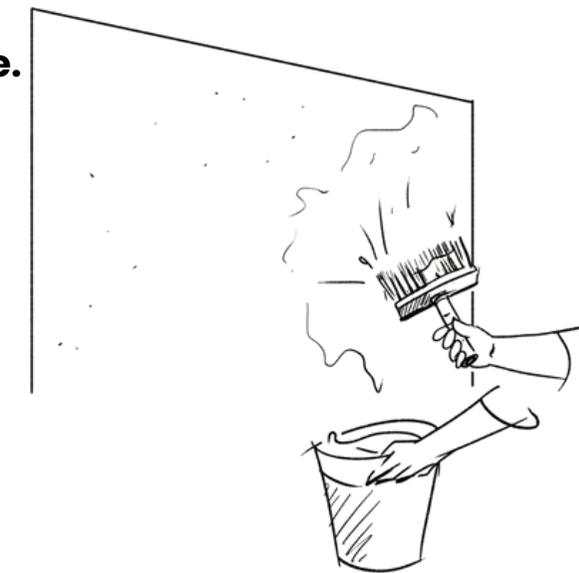
Com uma colher de pedreiro, chape a massa na parede, tendo como referência a altura das taliscas.

07 Passe a régua.



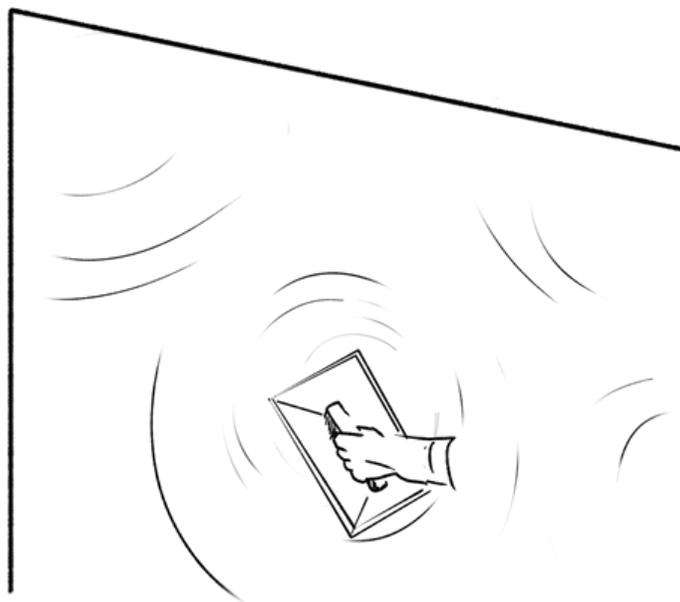
Utilize uma régua de metal entre as taliscas para nivelar a altura da massa. Provavelmente cairá sobre a superfície do chão o barro do reboco, esse material poderá ser utilizado novamente se tiver seguido o passo 04.

08 Borrife água na parede.



Com auxílio de um pincel brocha, borrife água sobre o reboco.

09 Passe a desempenadeira.



Para finalizar, com auxílio de uma desempenadeira, faça movimentos circulares na parede, até a massa atingir uniformidade.

Em aproximadamente três dias o reboco estará completamente seco e pronto para receber a pintura. O seu tempo de cura varia de acordo com o clima, dias chuvosos e úmidos, levam mais tempo para a massa secar. Dê preferência para a execução dessa técnica em dias ensolarados. Uma única pessoa consegue produzir essa técnica, mas o mestre recomenda o auxílio de um ajudante, para agilizar o trabalho.

Manoel diz que se após finalizado o reboco, no dia seguinte chover, não há necessidade de se preocupar, pois a chuva não irá danificá-lo, a água apenas escorrerá pela parede. Mas salienta a importância de paredes rebocadas com barro em possuir beiras com calha e um excelente alicerce ou impermeabilização, para proteger a parede contra infiltrações.

DICAS:

- Recomenda-se realizar o alicerce alto das paredes, para não ocorrer infiltração.

CUIDADOS E RESTRIÇÕES:

- Ao reaproveitar a massa que cair do reboco, observe se não há pedras, folhas ou entulho, elas podem arranhar a parede e comprometer o resultado e qualidade do reboco;
- As paredes externas rebocadas é importante que possuam longos beirais, para evitar pingadeira de água da chuva nelas;
- As pingadeiras nas paredes, podem comprometer sua durabilidade, é importante sempre estar de olho;
- O reboco com espessura mais grossa, além de pesar, contribuindo para cair, ele pode vir a fofar;
- O recebo de barro possui uma excelente durabilidade, recomenda-se apenas ficar de olho nele e observar se precisa de algum retoque.



RUAN MACEDO

Arquitetura e Urbanismo



Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU
Curso: Arquitetura e Urbanismo



Ruan Macedo

Arquiteto e Urbanista graduado pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL (2023) e nativo da Chapada Diamantina-BA, Ruan é um grande entusiasta de seu território e das tradições locais. Dedicar-se a projetos corporativos e residenciais com características contemporâneas e nordestinas, buscando através de sua arquitetura promover a valorização cultural da região.

Contatos:

 @ruanmacedo__

 (75) 9 9866-3399

 ruanmacedo.arq@outlook.com

Capa, Apresentação e Mapa: Nycollas Augusto.
Passo-a-passo: Gabriel Torres.

Lajotas de barro



Apresentação

O presente livreto faz parte de uma série de sete cartilhas produzidas a partir do Trabalho Final de Graduação “Com as mãos no barro: valorizando e compartilhando as técnicas construtivas tradicionais da Chapada Diamantina-BA”. Para esta pesquisa, foram abordadas oito técnicas tradicionais presentes na região. Sendo elas: adobe, lajotas de barro, pau a pique, reboco, tinta de argila, terra pilada, telhas artesanais e tijolinhos. Todas essas possuindo como material em comum, o barro. São Saberes e Ofícios os quais fazem parte do patrimônio imaterial brasileiro, caracterizando-se pela sua transmissão de geração a geração, recriado através da comunidade, sofrendo influências do ambiente inserido e de sua história.

O estudo buscou investigar a partir de entrevistas qualitativas à mestres artífices residentes na região do Parque Nacional da Chapada Diamantina acrescido a cidade Seabra, suas memórias sobre as técnicas construtivas e acabamentos tradicionais produzidos com barro. A pesquisa, vislumbra compreender como se deu o processo de aprendizagem dos mestres, suas motivações, bem como as dificuldades com a profissão ao longo de suas vidas, identificando ainda, através de suas vivências com as técnicas e opiniões pessoais, sobre como os saberes são vistos atualmente na região, tanto por nativos como por turistas. E como produto final, registrou-se o passo a passo de cada técnica, por meio da observação durante as entrevistas de como os artífices executam seus ofícios, identificando os materiais utilizados, bem como aplicações, restrições, cuidados e manutenções.

Orientadora: Dra. Adriana Guimarães

Seabra - Ba

Seabra está localizado a 464,7 km de distância da capital Salvador (GOOGLE MAPS, 2023). Seu nome é uma homenagem ao antigo governador da Bahia, J. J. Seabra. É chamada por seus habitantes por “Cidade das Rosas” e está no centro geográfico do estado, destaca-se por ser considerada a capital da Chapada Diamantina, por possuir um comércio expressivo na região, além de abrigar o Hospital Regional da Chapada. Sua área territorial é de 2.402,170 km², possui uma população residente de 46.160 pessoas, sua densidade demográfica é de 16,60 hab/km² (IBGE, 2022) e PIB per capita de R\$ 12.464,77 (IBGE, 2020).

Possui como atrativos turísticos a Igreja Bom Jesus, que é a terceira maior do mundo construída com quartzo rosa. Cavernas, ao total foram catalogadas 13 unidades na região. Lagoa da Boa Vista com sua arquitetura colonial e o complexo arqueológico do Alagadiço que é formado por 19 sítios com grande acervo de pinturas rupestres e um cemitério indígena o qual foram encontradas peças cerâmicas características dos rituais fúnebres dos índios que habitavam a região (SOUZA, EDSON, 2010).

A cidade possui como bens tombados pelo Estado: a vila do Campeste, Cochó do Malheiro, Lagoa da Boa Vista, Povoado de Alagadiço e o Vale Paraíso (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017, p.292).





Mestre: Antônio Carlos da Silva

Cidade: Seabra- BA

Antônio é mestre artífice da técnica de acabamento, lajotas de barro. Nasceu e foi criado em Seabra-BA no povoado Prata de baixo, casado e pai de quatro filhos, sendo eles três mulheres e um homem. Aprendeu a técnica ainda criança, com apenas sete anos de idade, saber transmitido pelo seu pai *“Desde criança, meu pai fazia, aí eu já comecei com meu pai, na idade de 7 anos”*.

Ao ser questionado sobre o que lhe motivou aprender o saber, relata que por ter nascido na região, durante aquela época não havia muitas carreiras a seguir, suas opções eram, se dedicar às plantações na roça ou trabalhar nas olarias. Com lamentação diz não ter tido oportunidade de concluir os estudos, dessa forma não restavam muitas alternativas para ele, o melhor seria seguir a carreira do pai.

Desde então, o mestre tem dedicado sua vida à produção das lajotas, as quais, ao longo dos anos contribuíram de forma significativa para o sustento de sua família e na criação de seus filhos: *“Isso aqui é tudo pra a gente, criei meus filhos tudo aqui, trabalhando.”*

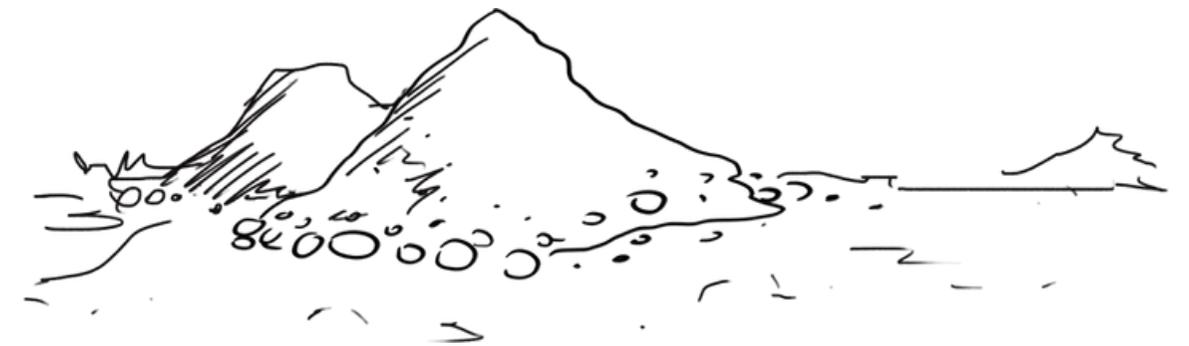
Apaixonado pela profissão, Antônio atualmente é o único mestre da região que produz a técnica e que possui olaria, situada no fundo do seu quintal.

Materiais:

Argila, Foice, Enxada, Badoque / Berimbau, Pedaco de Pano, Forma, Balde, Água, Forno, Tarugo, Desempenador , Pedaco de cano, Faca e Corante Líquido.



01 Escolha a argila ideal.



Para a fabricação das lajotas é de suma importância ter em mãos a argila adequada. Ela precisa ser um material puro, sem areia, cimento ou qualquer outra substância em sua composição. *“Não pode ter areia não, se tiver areia não presta.”*

O mestre ressalta a necessidade dela ser granulada, as que possuem caroços são as melhores para a produção deste saber. Diferentemente do barro obtido nos murundus, pois não é considerado bom e resistente.



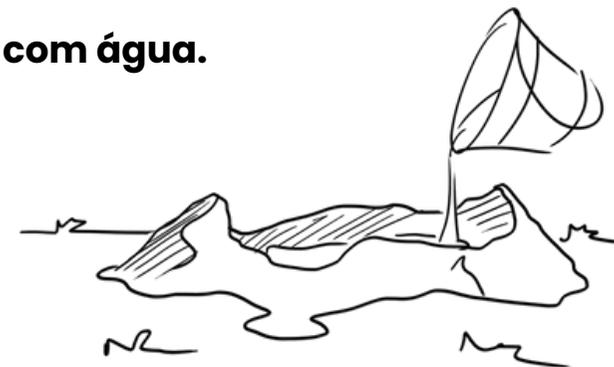
Com o auxílio da enxada e foice, amasse o barro, cortando os caroços.

02 Misture corante à água.

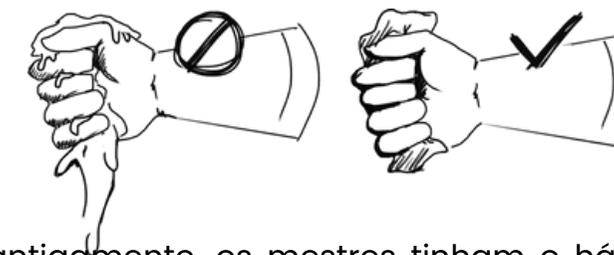


Em um balde, misture a água com pigmentos na cor vermelha do corante líquido, até se tornar homogênea. Esse processo permitirá deixar o barro de coloração clara, mais avermelhado. Característica solicitado pelos clientes na produção.

03 Misture o barro com água.



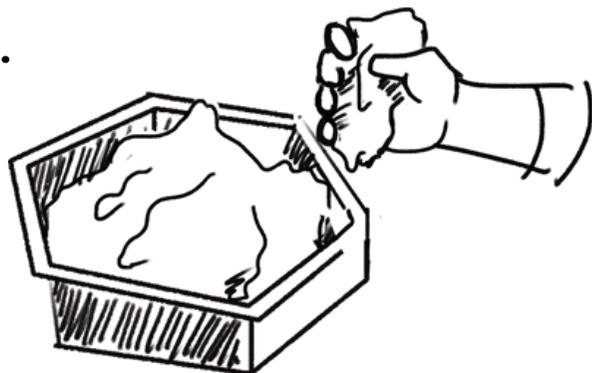
Com o barro já separado e a água misturada com o corante, chegou o momento de preparar a argila. Misture ambos até se tornarem uma massa homogênea. A proporção entre os materiais deve ser feita no olho, tenha cuidado ao colocar a água, a massa não pode ficar muito aguada e nem muito seca. Para a produção das lajotas é indicado que ela seja mais consistente, no ponto de apertar ela com as mãos e não se desfazer.



Antônio relata que antigamente, os mestres tinham o hábito de carregar a massa após seu preparo, na cabeça, por cima do chapéu de palha, transportando até o local onde seriam moldados nas fôrmas.

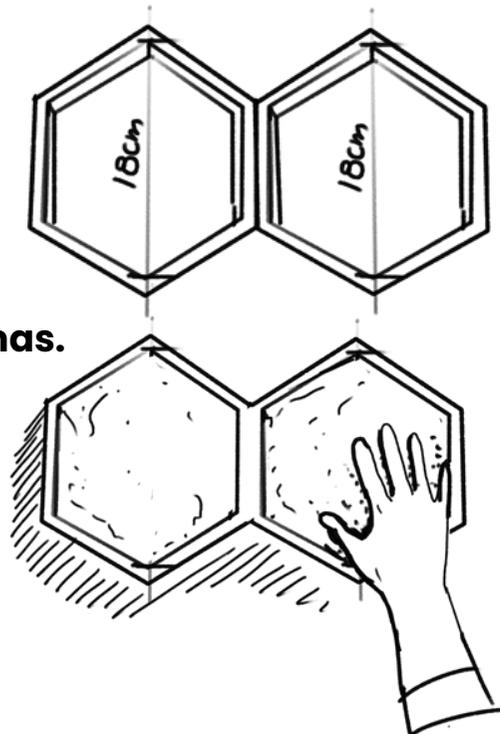


04 Coloque nas formas.



Com o barro produzido, chegou o momento de colocá-lo nas fôrmas. O mestre atualmente utiliza elas produzidas de ferro, devido a sua longa duração, pelo seu excelente acabamento e por não empenar.

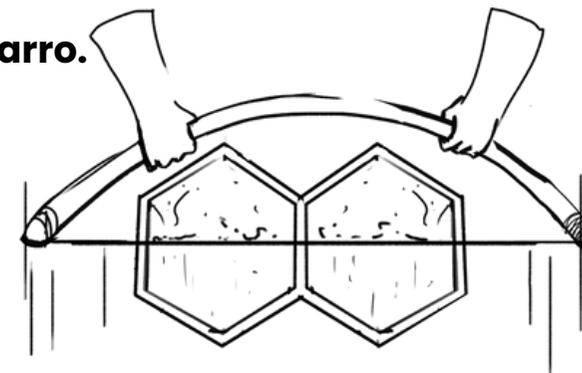
Na olaria do mestre existem diversos moldes, com as mais variadas formas geométricas e tamanhos. Relata que dependendo da encomenda, ele produz a forma para atender as necessidades dos clientes. Porém, as lajotas hexagonais de 18cm são as mais solicitadas.



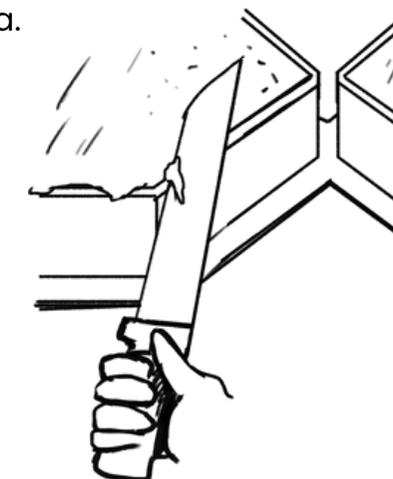
05 Preencha as formas.

Com as mãos, esparrame-o uniformemente, evitando bolhas de ar.

06 Tire o excesso de barro.

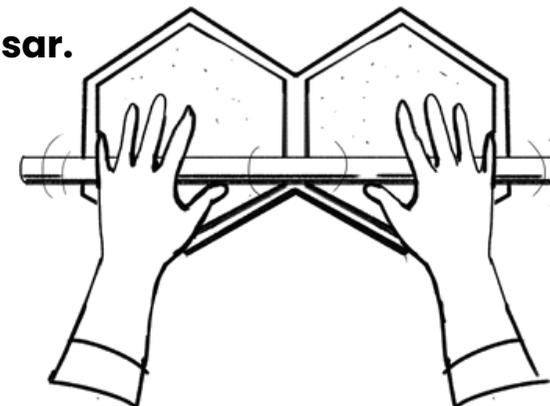


Com o auxílio do berimbau, retire o excesso de argila presente na parte superior, até nivelá-lo às dimensões da forma.



Já para retirar o excesso de barro nas laterais inferiores da forma, use uma faca.

07 Use o cano para alisar.



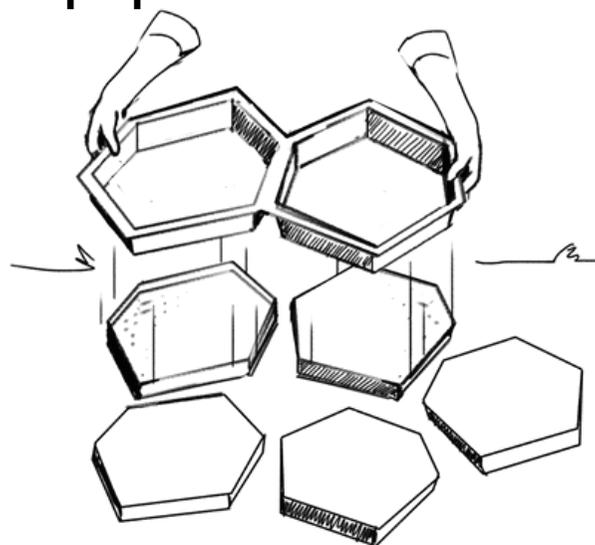
Passe sobre as fôrmas, um pedaço de cano molhado para alisar a superfície das lajotas.

08 Passe um pano para finalizar.



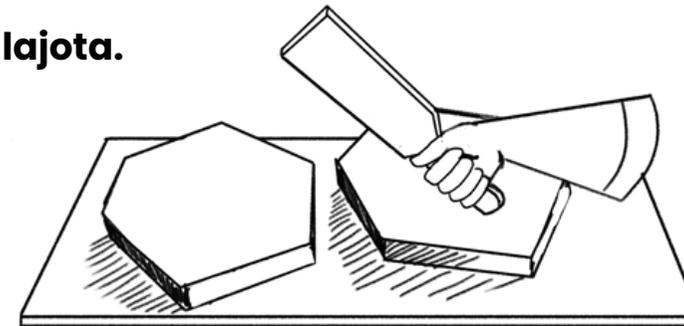
Para dar polimento ao produto, é indicado esfregar um pedaço de pano umido.

09 Desenforme e coloque para secar.

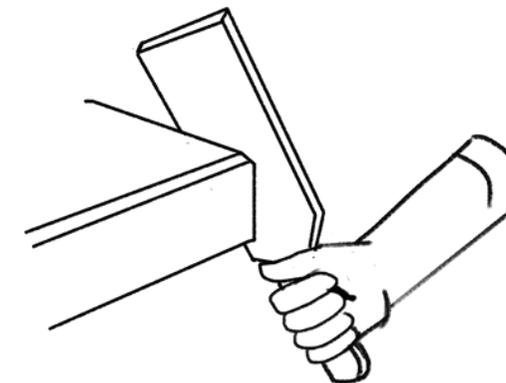


Após a modelagem, desenforme as lajotas em um local plano e limpo. É de suma importância que nessa etapa ele esteja em uma área sombreada, pois sua secagem será parcial e não completa. *“No sol não presta não, ele racha e seca os bicos (laterais) demais e o meio fica mole. Ele precisa secar por igual.”*. Apenas no dia seguinte ele estará com consistência ideal para dar prosseguimento à etapa posterior.

10 Desempena a lajota.



Com as 24 horas de secagem, as lajotas já estarão prontas para o processo de desempena. Em um local plano e de preferência econômico, com auxílio de um desempenador de madeira, bata na lajota repetidas vezes até nivelar a face superior e os chanfros das laterais.



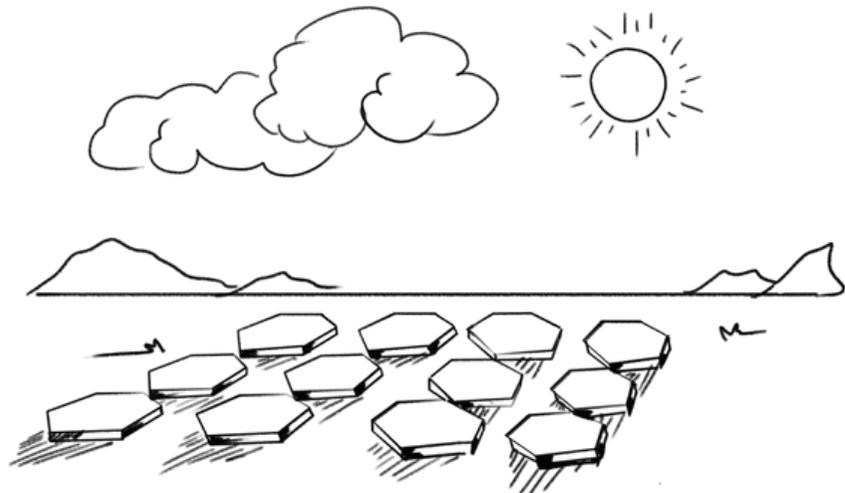
- **IMPORTANTE:** É preciso ter certeza que a lajota tenha adquirido uma boa consistência durante o processo de secagem para poder realizar este processo, se a argila estiver mole, desparramara ao batê-la.

11 Dê o polimento com o facão.



Com auxílio de um facão, esfregue sua lateral na parte superior do produto, dando polimento à peça em sua finalização.

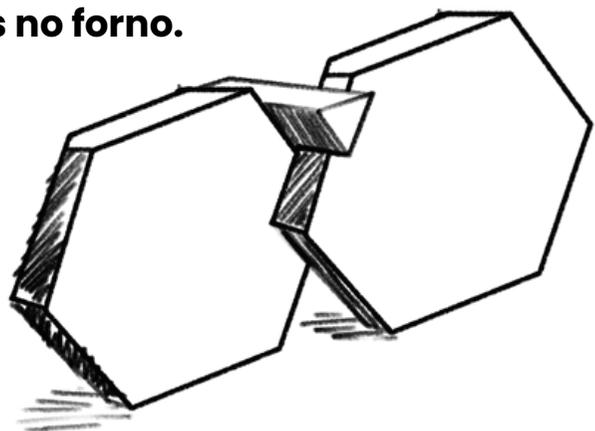
12 Coloque para secar novamente.



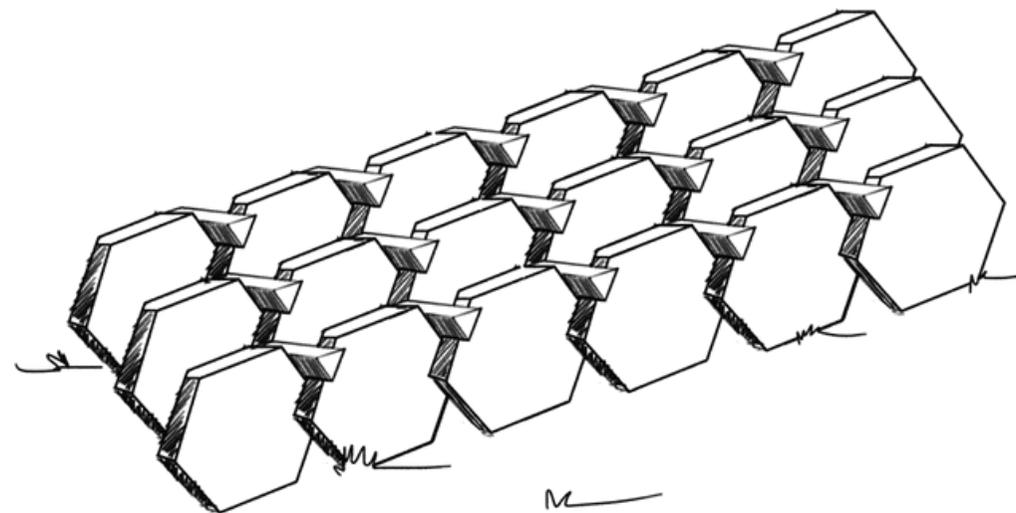
Após o processo anterior, coloque as lajotas para secar novamente. Desta vez em um local ensolarado, pois não há mais riscos dela empenar, devido a sua boa consistência. Com a secagem realizada, estará pronta para ser levada ao forno. .

- **OBSERVAÇÃO:** As lajotas durante este processo de secagem devem ser conferidas recorrentemente ao longo do dia, tendo sua finalização podendo variar de acordo com o clima. Ela estará finalizada quando notar nenhuma mancha de umidade no produto.

13 Organize as lajotas no forno.



Com auxílio de um tarugo, posicione as peças de forma correta no forno para dar início ao processo de queima. As lajotas precisam estar posicionadas de maneira que uma não grude na outra para que a sua queima seja realizada uniformemente.



- **CURIOSIDADE:** O tarugo é uma peça inventada pelo mestre Antônio. Ao longo dos anos exercendo a profissão, notou a necessidade de manter uma certa uniformidade na queima das peças por fornalha, de maneira que durante a queima, uma lajota colada a outra, não deixasse manchas.



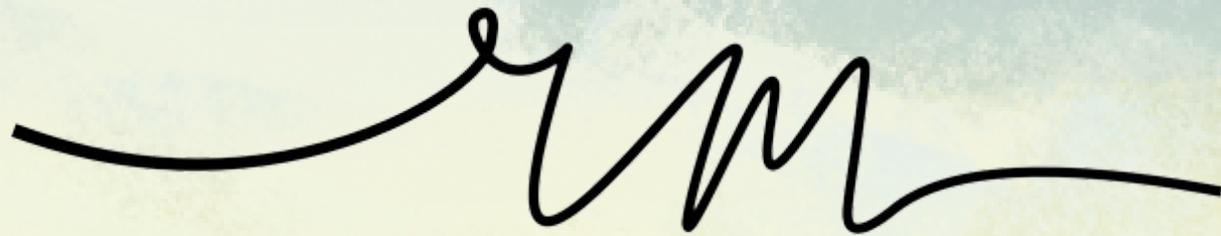


DICAS:

- Após o assentamento das lajotas, é indicado aplicar uma resina/verniz por cima, para que sua durabilidade se prolongue e evitando a criação de lodo. *“Na área externa com muita chuva, se não tiver nenhuma proteção, sem resina, costuma criar lodo”;*
- As lajotas sendo bem cuidadas, podem chegar a durar uma faixa de 10 anos.

CUIDADOS E RESTRIÇÕES:

- Cuidado ao aplicar as lajotas em áreas externas, onde possui contato direto com a chuva, pois ela pode danificar o material, criando buracos, rachaduras e lodos;
- Não colocar lajotas em ambientes que recebam muita carga, peso em excesso pode danificar e quebrar;
- A qualidade do barro interfere de forma significativa no resultado final do produto.



RUAN MACEDO

Arquitetura e Urbanismo



Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU
Curso: Arquitetura e Urbanismo



Ruan Macedo

Arquiteto e Urbanista graduado pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL (2023) e nativo da Chapada Diamantina-BA, Ruan é um grande entusiasta de seu território e das tradições locais. Dedicar-se a projetos corporativos e residenciais com características contemporâneas e nordestinas, buscando através de sua arquitetura promover a valorização cultural da região.

Contatos:

 @ruanmacedo__

 (75) 9 9866-3399

 ruanmacedo.arq@outlook.com

Capa, Apresentação e Mapa: Nycollas Augusto.
Passo-a-passo: Gabriel Torres.

Chão de terra pilada



Apresentação

O presente livreto faz parte de uma série de sete cartilhas produzidas a partir do Trabalho Final de Graduação “Com as mãos no barro: valorizando e compartilhando as técnicas construtivas tradicionais da Chapada Diamantina-BA”. Para esta pesquisa, foram abordadas oito técnicas tradicionais presentes na região. Sendo elas: adobe, lajotas de barro, pau a pique, reboco, tinta de argila, terra pilada, telhas artesanais e tijolinhos. Todas essas possuindo como material em comum, o barro. São Saberes e Ofícios os quais fazem parte do patrimônio imaterial brasileiro, caracterizando-se pela sua transmissão de geração a geração, recriado através da comunidade, sofrendo influências do ambiente inserido e de sua história.

O estudo buscou investigar a partir de entrevistas qualitativas à mestres artífices residentes na região do Parque Nacional da Chapada Diamantina acrescido a cidade Seabra, suas memórias sobre as técnicas construtivas e acabamentos tradicionais produzidos com barro. A pesquisa, vislumbra compreender como se deu o processo de aprendizagem dos mestres, suas motivações, bem como as dificuldades com a profissão ao longo de suas vidas, identificando ainda, através de suas vivências com as técnicas e opiniões pessoais, sobre como os saberes são vistos atualmente na região, tanto por nativos como por turistas. E como produto final, registrou-se o passo a passo de cada técnica, por meio da observação durante as entrevistas de como os artífices executam seus ofícios, identificando os materiais utilizados, bem como aplicações, restrições, cuidados e manutenções.

Orientadora: Dra. Adriana Guimarães

Mucugê - Ba

Mucugê, localizado a 449,4 km de distância da capital Salvador (GOOGLE MAPS, 2023). Possui como Bioma Caatinga, uma área territorial de 2.462,153 km², população residente de 12,137 pessoas, densidade demográfica de 4,30 hab/km² e PIB per capita de R\$ 65.937,26 (IBGE, 2022). É uma das cidades mais antigas da Chapada Diamantina e se destacou por ser um dos principais centros de exploração de diamante e ouro.

É patrimônio brasileiro desde 1980. Possui como bens tombados pela união o seu Conjunto arquitetônico e paisagístico da cidade e o Cemitério Santa Isabel, conhecido como Cemitério bizantino. Faz parte do seu acervo arquitetônico 300 casas térreas e 10 sobrados, com maioria delas de uso residencial com características da segunda metade do século XIX (IPHAN, [S.D]). Está inserida na RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural) com a RPPN – Adílio Paraguaçu Batista. Além disso, faz parte do Parque Municipal com o Projeto Sempre Viva (LINS, EUGÊNIO A. [et al.], 2017, p.293).

Possui como atrativos: o Parque Municipal de Mucugê, o Cemitério Bizantino, Museu do garimpo, Cachoeira da Piabinha, Cachoeira do Tibertino, Cachoeira das Andorinhas, Cachoeira Córrego de Pedras, Cachoeira da Moça Loira, Cachoeira dos Funis, Cachoeira da Fumacinha. Outro atrativo famoso e peculiar é o Alto do Capa Bode, local de contemplação no qual habitantes e turistas dizem já ter visto por ali objetos voadores não identificados (OVNIs) (IPHAN, [S.D]).





Mestre: Cláudio Côrtes Ferreira

Cidade: Mucugê -BA

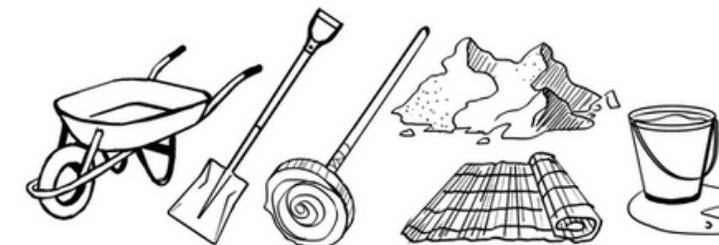
Cláudio Côrtes, mestre artífice da técnica chão de terra pilada é nativo do povoado Guiné, localizado em Mucugê-BA. Lugar esse onde viveu toda sua vida, constituiu família, criou seus três filhos, aprendeu sua profissão e construiu inúmeras casas. Desde muito jovem, com apenas 5 anos de idade, se recorda de ter contato com as técnicas construtivas tradicionais da região através do seu pai que também era construtor. Em suas lembranças, relata com nostalgia de ajudar juntamente com o irmão, o pai na construção da casa da família.

Aos 15 anos de idade passou a produzir a técnica de chão de terra pilada, o qual também aprendeu com seu pai, assim como a fabricação de telhas artesanais produzidas na antiga olaria da família. Ao ser questionado sobre as técnicas de acabamento para piso das casas, ele diz que na época haviam duas fortemente presentes: O chão de terra pilada, normalmente produzido para pessoas que possuíam baixo poder aquisitivo e as lajotas de barro, destinadas a famílias da região com mais suporte financeiro.

A falta de condições econômicas foi o principal fator motivacional para que o mestre aprendesse esse saber. Relata que durante sua infância, ele e as pessoas que conviviam ao seu redor possuíam baixo poder aquisitivo, e devido essa carência se viam na necessidade de pilar o barro no chão para tornar o ambiente mais habitável, na expectativa de diminuir a poeira na casa.

Materiais:

Carrinho de mão, Pá, Cepo de madeira, Barro, Água, Peça de esteira de palha ou de couro

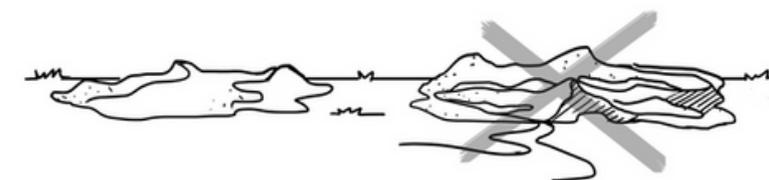


01 Escolha o barro ideal para o uso.



Tenha cuidado ao escolher o barro para a fabricação. É necessário que ele não seja muito arenoso, pois o chão pode não dar certo. Existem barros que após ser pilado, quando secos se desmancham, já outros quando pilado juntamente com o uso recorrente ao longo dos anos, endurece ainda mais. Quanto mais colento e argiloso o barro for, melhor seu desempenho na produção. A região de Mucugê possui excelente material para a execução dessa técnica.

02 Molhe ele até ficar úmido.



Ao molhar o barro, tenha o cuidado de não deixar muita água. Ele não pode se tornar lama, precisa apenas estar úmido, no ponto suficiente para ser pilado.

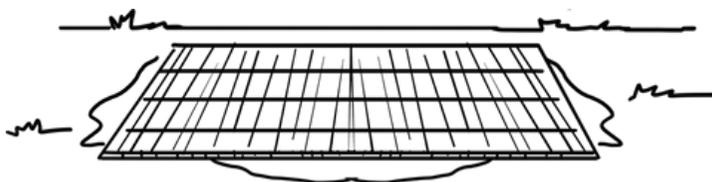
PROPORÇÃO: A mistura do barro com a água é feita no olho.

03 Coloque aos poucos camadas de barro.



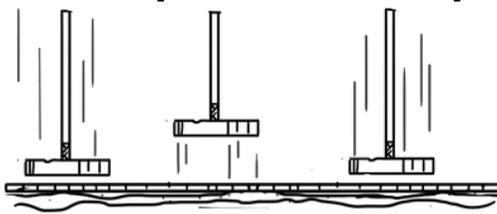
É importante que o barro seja colocado aos poucos e sendo pilado de acordo com a camada. Suponhamos que o baldrame possua 30cm de altura, o mestre indica não preencher de barro até o nível desejado e só no final pilar, porque quando for compactado, o barro não descerá todo, apenas será prensado a parte superior, mas a inferior não. Faça por camadas, até chegar ao nível desejado.

04 Sobre o barro, coloque um pedaço de couro ou esteira de palha.



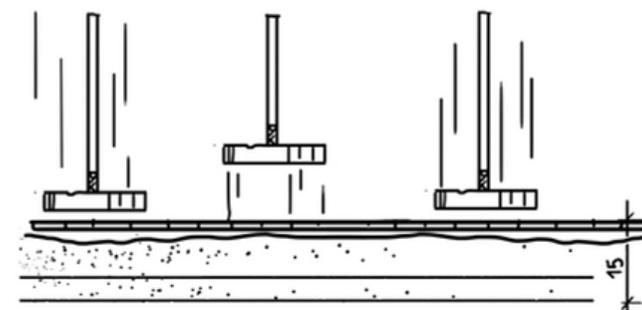
A utilização da esteira ou couro é de suma importância no processo de execução do saber, eles contribuem com que o cepo não cole no barro e o chão fique retilíneo.

05 Com a utilização de um Cepo de madeira, pile repetitivamente o chão



O cepo pode ser produzido com qualquer tipo de madeira. Porém, o mestre Cláudio diz que existe uma espécie de árvore na região chamada de Veludero que é ideal para a fabricação dessa ferramenta, pelo fato dessa madeira ser resistente, pesada e não lascar.

06 Repita esse procedimento até chegar na altura desejada.



Como diz o mestre Cláudio *“Pode descer o cacete, com força mesmo, até chegar no nível certo!”*.

Após o piso pronto, seu Cláudio conta com nostalgia como era feita a vassoura utilizada para varrer o chão. Para a realização dela, será necessário o uso de:

Materiais:

Galhos de alecrim; Pedaço de barbante, couro ou corda; Pedaço de pau para o cabo.



“A bassoura não era que nem essas que a gente compra hoje em dia não, elas eram feitas de alecrim, quebrava uns galhos de alecrim no mato. Tem uma outra árvore lá na roça que se chama bassourinha mesmo, ela tb era utilizada para barrer as casas.” (CLÁUDIO CÔRTEZ, 2022)

Para a fabricação, é necessário seguir os três passos:

01



Junte alguns galhos de alecrim, quantidade que julgar suficiente para montar a vassoura;

02



No centro coloque um pedaço de pau, com altura de aproximadamente 1,20 cm;

03



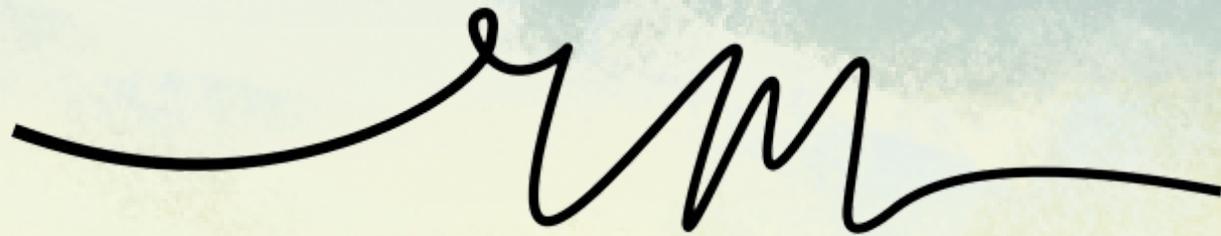
Com um pedaço de barbante, couro ou corda amarre os galhos de alecrim em volta ao pau.

DICAS:

- Antes de varrer, é necessário jogar um pouco de água no piso com as próprias mãos, isso contribui com que a poeira assente;
- Uma pessoa é suficiente para a realização e aplicação da técnica.

CUIDADOS E RESTRIÇÕES:

- Não use barro arenoso nesta técnica;
- O barro precisa estar umido;
- É fundamental o uso do couro ou da esteira de palha na produção da técnica;
- Ao compactar o barro não realize tudo de uma única vez, faça por camadas até chegar o nível desejado.



RUAN MACEDO

Arquitetura e Urbanismo



Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU
Curso: Arquitetura e Urbanismo



Ruan Macedo

Arquiteto e Urbanista graduado pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL (2023) e nativo da Chapada Diamantina-BA, Ruan é um grande entusiasta de seu território e das tradições locais. Dedicar-se a projetos corporativos e residenciais com características contemporâneas e nordestinas, buscando através de sua arquitetura promover a valorização cultural da região.

Contatos:

 @ruanmacedo__

 (75) 9 9866-3399

 ruanmacedo.arq@outlook.com

Capa, Apresentação e Mapa: Nycollas Augusto.
Passo-a-passo: Gabriel Torres.

Tinta de argila



Apresentação

O presente livreto faz parte de uma série de sete cartilhas produzidas a partir do Trabalho Final de Graduação “Com as mãos no barro: valorizando e compartilhando as técnicas construtivas tradicionais da Chapada Diamantina-BA”. Para esta pesquisa, foram abordadas oito técnicas tradicionais presentes na região. Sendo elas: adobe, lajotas de barro, pau a pique, reboco, tinta de argila, terra pilada, telhas artesanais e tijolinhos. Todas essas possuindo como material em comum, o barro. São Saberes e Ofícios os quais fazem parte do patrimônio imaterial brasileiro, caracterizando-se pela sua transmissão de geração a geração, recriado através da comunidade, sofrendo influências do ambiente inserido e de sua história.

O estudo buscou investigar a partir de entrevistas qualitativas à mestres artífices residentes na região do Parque Nacional da Chapada Diamantina acrescido a cidade Seabra, suas memórias sobre as técnicas construtivas e acabamentos tradicionais produzidos com barro. A pesquisa, vislumbra compreender como se deu o processo de aprendizagem dos mestres, suas motivações, bem como as dificuldades com a profissão ao longo de suas vidas, identificando ainda, através de suas vivências com as técnicas e opiniões pessoais, sobre como os saberes são vistos atualmente na região, tanto por nativos como por turistas. E como produto final, registrou-se o passo a passo de cada técnica, por meio da observação durante as entrevistas de como os artífices executam seus ofícios, identificando os materiais utilizados, bem como aplicações, restrições, cuidados e manutenções.

Orientadora: Dra. Adriana Guimarães

Lençóis - Ba

Lençóis está localizado a 417,5 km via BR- 242 de distância da capital Salvador (GOOGLE MAPS, 2023). Possui o Bioma Caatinga e está situada a 457 metros de altitude. Sua área territorial é de 1.283,328 km², população residente de 10.774 pessoas, densidade demográfica de 8,40 hab/km² (IBGE, 2022) e PIB per capita de R\$ 11.275,17 (IBGE, 2020).

Com a descoberta de minas de diamante na região em 1845 se dá início ao povoamento da cidade, atraindo garimpeiros, comerciantes e senhores de engenho de diversos lugares com sonho de enriquecimento. Principalmente aqueles que já habitavam a região de Mucugê que ao descobrirem a existência de diamante no rio Lençóis, imediatamente se mudaram. Entre 1845 e 1871, tornou-se a maior produtora mundial de diamantes e a terceira cidade mais importante da Bahia. Além de ser para a Europa entreposto comercial, com exportação de produtos minerais e importação de artigos de luxo (IPHAN, [s.d.]).

O acervo arquitetônico da cidade é composto por casas e sobrados da segunda metade do século XIX. Estão sobre proteção do Iphan 570 imóveis, com as mais diferentes técnicas construtivas, destacando-se o uso do adobe, pedra, e estruturas independentes de madeira com vedação em taipa de mão (IPHAN, [s.d.]).





Mestre: Nilton de Carvalho Tranquilli Filho

Cidade: Lençóis-BA

O mestre Nilton, é conhecido na região como Niltinho, trabalha como guia de turismo e mestre das técnicas Adobe, Taipa de pilão, Tinta de argila, Superadobe, Hiperadobe e Tijolos ecológicos. Nasceu na capital baiana Salvador, porém vive em Lençóis há 30 anos. Aprendeu a técnica Tinta de argila há doze anos atrás através do curso PDC (*Permaculture Design Course*) realizado pelo Instituto de Permacultura da Bahia (IPB) sediado na cidade de Rio de Contas. A técnica de tinta aprendida por ele foi a tradicional, a qual fazia uso de cola branca na fabricação, mas ao longo de suas vivências e experiências Nilton encontrou uma forma mais econômica e sustentável de realizar o produto, mantendo o mesmo desempenho e mais acessível.

Em seu sítio Permasítio Licurioba, ele coloca em prática seus conhecimentos de permacultura assim como em casa de familiares, amigos e pessoas que contratam seus serviços. O trabalho com a técnica de tinta vem contribuindo com ajuda de custo de sua família. Ao realizar seu trabalho nas comunidades, tem percebido que muitos dos habitantes desconhecem a existência do uso da técnica, que é comum no interior as pessoas usarem a mistura de água e cal na pintura de suas casas por ser algo barato, mas desconhecem esse processo de fabricação de tinta com argilas.

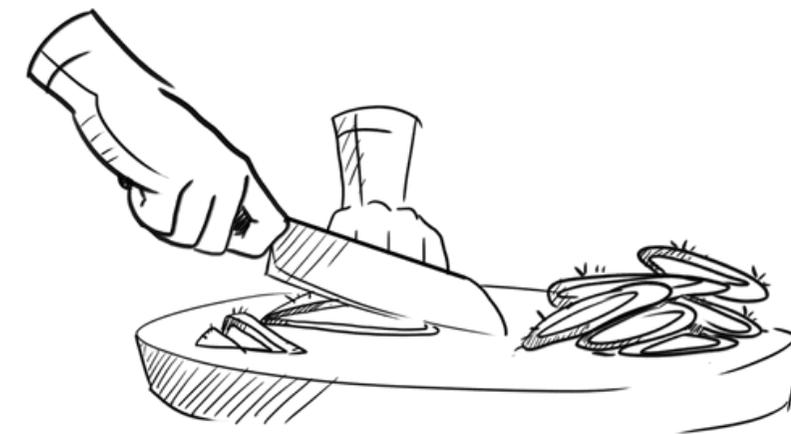
Materiais:

Argila, Água, Palma, Balde, Peneira, Saco de cebola (sacos de nylon ou saco de rafia), Algo para misturar (pedaço de pau) e Brocha Trincha.



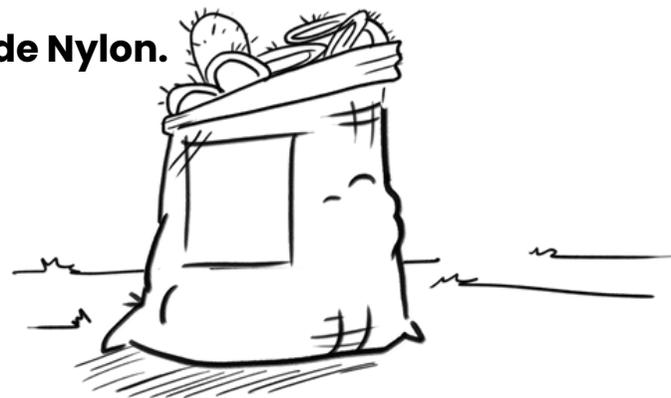
Tanto a palma quanto o mandacaru servem para a fabricação da tinta, mas Nilton salienta que em suas experiências, tem obtido resultado mais satisfatório com a utilização da palma. Por ser um produto natural, sem utilização de produtos químicos, ele precisa ser usado assim que produzido, a tinta pode ser guardada no máximo dois dias após sua fabricação, mais que isso, começará a produzir um mau cheiro devido ao apodrecimento do cacto.

01 Picote a palma.



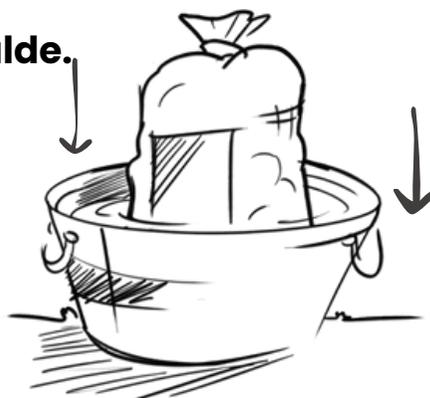
Com auxílio de uma faca, corte o material em pequenos pedaços, tenha cuidado com os espinhos da planta.

02 Coloque dentro do saco de Nylon.



O saco pode ser aquele utilizado para transportar cebolas, facilmente encontrado na região em feiras e quitandas.

03 Coloque o saco dentro do balde.



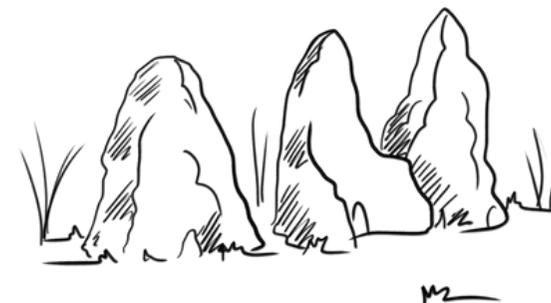
O saco precisa estar todo submerso na água.

04 Retire da água.



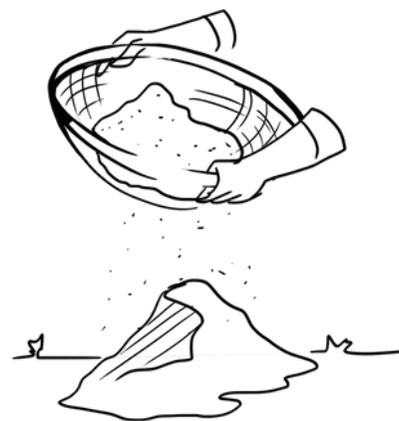
Esperre dois dias para que a baba da palma saia e se misture com a água. Não é recomendado deixar mais que dois dias a palma na água, pois a partir deste período, o cacto apodrece e emite um forte odor.

05 Escolha a argila com a coloração desejada.



Segundo o mestre Niltinho, na região possuímos uma argila muito boa. A argila de cupim, facilmente encontrada em Murundu, que são as casas destes insetos e excelente material para produzir essa técnica, visto que são argila pura, sem mistura com areia. Na região possui muitos cupinzeiros, o Cupim ao construir sua moradia já realiza o trabalho de separar a argila da areia. O mestre usa dessa argila na pintura de casas mais sofisticadas, quando o projeto é mais rústico, faz uso de argila com um pouco de areia.

06 Peneire a argila.



Com auxílio de uma peneira, passe a argila para separar e retirar pedaços de pedras e materiais indesejados.

07 Misture a argila na água.



Ao preparar a tinta, é importante ter uma noção inicial do tamanho da área a ser pintada e se a mesma já possuiu alguma pintura anterior, pois isso influenciará na quantidade de tinta a ser produzida. É recomendado fazer a quantidade apenas que será utilizado no dia, se for pintar apenas um cômodo, faça apenas o suficiente para o ambiente. O que sobrar, jogue fora e no dia seguinte faça uma nova remeça.

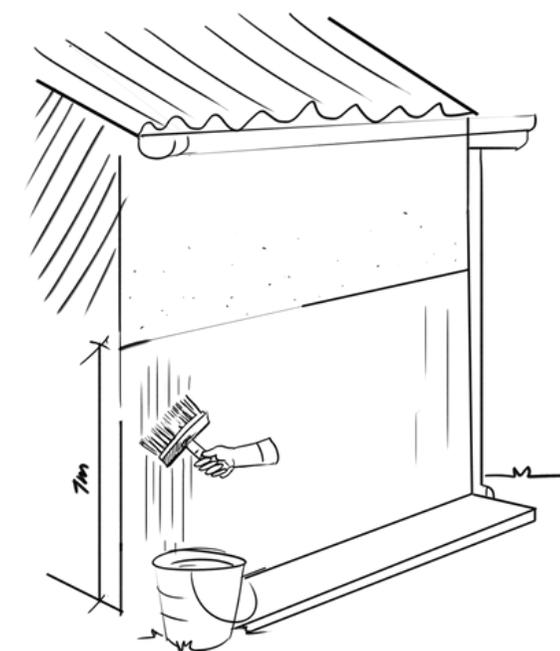
- **PROPORÇÃO:** A mistura da argila com a baba de palma é feita no olhometro, ficar atento até tornar homogênea e possuir consistência de tinta.

08 Pinte com o uso da Brocha Trincha.



O uso da Brocha Trincha é recomendado pelo fato dessa ferramenta absorver mais tinta comparado ao rolo. Com a trincha se faz necessário apenas uma demão, enquanto com o rolo é imprescindível duas demãos. Se a parede que for receber a tinta for crua (não ter sido pintada em nenhum momento ou ter massa corrida) é necessário que ao produzir o produto, deixe ela mais grossa. Mas se ela já recebeu algum tipo de tratamento, a tinta pode ser mais rala. A duração da pintura é de aproximadamente de 5 a 10 anos, dependendo dos cuidados do usuário.

Para o uso dessa técnica em áreas externas é necessário alguns cuidados, é indicado que a edificação possua um bom beiral assim como uso de calhas, para evitar que a água da chuva bata direto na parede. Em casas de zona rural onde os moradores não possuem condições de colocarem calhas em seus telhados, Nilton realiza a impermeabilização da parede em toda extremidade inferior até um metro de altura. É feita uma massa corrida utilizando baba de palma e cal.



A quantidade de cal utilizada na mistura, definirá a espessura da massa. Após seu preparo, impermeabilizar as paredes até altura de um metro do chão.

Forma tradicional como o mestre aprendeu.

Dentro da argila se tem areia, lodo e restos de material vegetal, para separar esses elementos é necessário realizar a decantação.

- Em um balde com argila, coloque água e mexa, espere alguns minutos até decantar;
- A areia vai descer, posteriormente o material vegetal vai decantar ficando em cima da areia e por fim teremos o lodo, matéria prima para fabricação da tinta;
- Faça esse processo de decantação algumas vezes até obter lama/lodo mais grosso, em textura de tinta o suficiente para pintura;



- Com a porção de cinco litros dessa lama/lodo, misture a um litro de cola tenaz até ficar homogênea;
- Após a mistura, deixe a tinta no balde três dias, lembre-se de mexe-lá às vezes. Ao final, ela já estará pronta para o uso.



Ao produzir com frequência esse saber, Nilton observou que para deixar a tinta mais grossa, basta deixar um pouco de areia junto a argila.

DICAS:

- Usa-se de cal para clarear a tinta e para escurecer usa-se o pó de carvão;
- Se a casa for muito grande, não há necessidade de fazer grande quantidade de tinta com medo de não sair na mesma tonalidade, se a argila for a mesma pode ir fazendo aos poucos;
- Quando utilizar a tinta direto sobre o reboco de cimento, será necessário dar duas demãos e em três meses dá um reforço;
- Existem argilas que possuem pedrinhas brilhantes, tintas produzidas com elas permitem que o reflexo da luz faça brilhar, dando um diferencial a ela;
- Uma pessoa é suficiente para a realização e aplicação da técnica.

CUIDADOS E RESTRIÇÕES:

- A tinta só pode ser usada no máximo dois dias após seu preparo;
- Em áreas externas usar sempre beirais e calhas para proteger que a água da chuva escorra pela parede;
- A técnica tradicional da região se utiliza a cola tenaz na composição;
- A baba de palma é uma adaptação da técnica criada pelo Mestre Nilton.



RUAN MACEDO

Arquitetura e Urbanismo



Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU
Curso: Arquitetura e Urbanismo



Ruan Macedo

Arquiteto e Urbanista graduado pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL (2023) e nativo da Chapada Diamantina-BA, Ruan é um grande entusiasta de seu território e das tradições locais. Dedicar-se a projetos corporativos e residenciais com características contemporâneas e nordestinas, buscando através de sua arquitetura promover a valorização cultural da região.

Contatos:

 @ruanmacedo__

 (75) 9 9866-3399

 ruanmacedo.arq@outlook.com

Capa, Apresentação e Mapa: Nycollas Augusto.
Passo-a-passo: Gabriel Torres.